

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Linha de Pesquisa: Clínica da Infância e Adolescência

**A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO EM
AVALIAÇÃO PARA PSICOTERAPIA ACERCA DA AUSÊNCIA
PATERNA TEMPORÁRIA**

Ilciane Maria Sganzerla

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Centenaro Levandowski

São Leopoldo
Dezembro de 2009

S523p

Sganzerla, Ilciane Maria.

A percepção de adolescentes em avaliação para psicoterapia acerca da ausência paterna temporária / Ilciane Maria Sganzerla. – 2009.

122 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2009.

“Orientadora: Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski”.

1. Psicoterapia do adolescente. 2. Psicologia do adolescente. 3. Carência paterna. 4. Pais e filhos. 5. Mães e filhos. 6. Família. I. Título.

CDD 616.89140835

CDU 615.851-053.6

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amado noivo, Renato, que de forma incondicional sempre esteve ao meu lado em todos os sentidos e não mediu esforços para ajudar a trilhar este caminho. Que me despertou para a idéia, acompanhou cada passo, suportou todas os desabafos e desânimos, compartilhou todas as alegrias, foi um verdadeiro apoio, fez toda a diferença e foi o grande responsável por eu ter tido esta oportunidade.

Aos meus pais, Irineu e Irdes, que continuamente apoiaram e incentivaram na conquista desse objetivo, com as devidas preocupações, apoio, alegria e incentivo.

À minha irmã Nara e ao meu cunhado Eduardo, que, mesmo longe, compartilharam comigo esta caminhada, com todas as dificuldades e sucessos.

Muito obrigada! Eu amo muito vocês!

Ainda, pelas adolescentes e suas famílias, que se colocaram à disposição para participar da pesquisa e compartilhar suas vivências e seus sentimentos, em busca de uma redescoberta delas mesmas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que compõe o Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Unisinos, cada qual com seus conhecimentos, que colaboraram na trajetória da formação.

À estimada orientadora, Professora Daniela Centenaro Levandowski, por conduzir de forma paciente, clara e efetiva na realização deste trabalho. Com seu conhecimento e tolerância, esteve próxima e acompanhou todo o processo.

Profe Dani, muito obrigada por tudo, pelos “confuso/reescrever”, pelos incentivos. Certamente fez toda a diferença.

Às professoras integrantes da banca, pelas contribuições e dedicação a este trabalho. Sem dúvida, as sugestões e apontamentos certamente aprimoraram o trabalho.

Às colegas do Mestrado, em especial, a Cema, pela amizade nascida durante o curso, pelos momentos compartilhados, pelas caronas até a rodoviária.

Enfim, a todos que estiveram envolvidos neste trabalho, trazendo contribuição e auxiliando na conquista dos objetivos propostos,

MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract	9
Apresentação	10
Seção 1: Relatório de Pesquisa	11
1.1 Introdução.....	11
1.1.1 Principais Características da Adolescência.....	13
1.1.2 O Adolescente e as Relações Familiares.....	17
1.1.3 A Paternidade no Cenário Atual.....	20
1.1.4 Estudos Empíricos com Adolescentes em Psicoterapia Psicanalítica.....	24
1.2 Método.....	29
1.2.1 Participantes.....	29
1.2.2 Delineamento e Procedimentos.....	32
1.2.3 Instrumentos.....	34
1.2.4 Considerações Éticas.....	34
1.2.5 Procedimentos de Análise dos Dados.....	34
1.3 Resultados e Discussão.....	35
1.4 Discussão Geral.....	66
Seção 2: Artigo Teórico - Ausência Paterna e suas Repercussões para o Adolescente: Revisando a Literatura	
2.1 Introdução.....	72
2.2 Materiais e Método.....	75
2.3 Resultados e Discussão.....	75
2.4 Considerações Finais.....	80

Seção 3: Artigo Empírico – Descrições de adolescentes que vivenciam a ausência paterna temporária acerca de si mesmas

3.1 Introdução.....	86
3.2 Método.....	88
3.2.1 Participantes.....	88
3.2.2 Delineamento e Procedimentos.....	90
3.2.3 Instrumentos.....	91
3.2.4 Procedimentos de Análise dos Dados.....	91
3.2.5 Considerações Éticas.....	92
3.3 Resultados e Discussão.....	93
3.4 Considerações Finais.....	101
4. Considerações Finais da Dissertação.....	103
5. Referências.....	106
6. Anexos.....	117
Anexo A: Ficha de Dados Demográficos das Participantes e da Família.....	112
Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	113
Anexo C: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	115

RESUMO

A ausência paterna de caráter temporário é uma temática ainda pouco estudada no âmbito acadêmico, apesar de poder repercutir no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social do adolescente. O presente estudo teve como objetivo descrever as percepções de adolescentes do sexo feminino, em processo de avaliação para psicoterapia, sobre a ausência paterna temporária, compreendida como o período de pelo menos dois meses de afastamento do pai, em função do trabalho. Mais especificamente, objetivou identificar expectativas, sentimentos e vivências de adolescentes a respeito dessa condição, a percepção acerca da relação pai-filha e mãe-filha, bem como da relação conjugal e entre irmãos e, por fim, a percepção quanto ao funcionamento do grupo familiar. Relatos de sessões de cinco adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos e nível sócio-econômico médio foram analisados através de análise de conteúdo qualitativa. Os achados revelaram sentimentos de cunho negativo das adolescentes em relação ao pai, à profissão e à ausência paterna. Foi possível identificar um distanciamento afetivo entre as adolescentes e seus pais, bem como entre os pais e os demais filhos, além de dificuldades conjugais. Desejo de independência e autonomia também ficou evidenciado entre as participantes. As mães foram percebidas como estando sobrecarregadas pelas responsabilidades assumidas, enquanto que, entre os pais, destacou-se o controle, a irritabilidade e o alcoolismo. O estudo possibilitou compreender a dinâmica destas famílias, na perspectiva das adolescentes, evidenciando alterações no desempenho dos papéis e sofrimento psíquico de seus membros. Esses achados reforçam a necessidade de pesquisas para a compreensão dessa temática, como por exemplo, as repercussões da ausência para os próprios homens (pais). Tais conhecimentos serão úteis para a implementação de intervenções psicológicas que atendam não apenas as demandas individuais, mas também as demandas familiares diante dessa condição.

Palavras-chave: adolescência, família, ausência paterna temporária.

ABSTRACT

The temporary father's absence is until a little studied thematic in academic field, although it may have consequences in affective, cognitive and social adolescent's development. The present study aimed to describe the perceptions of female adolescents under evaluation process for psychotherapy about the father temporary absence, understood as the period of unless two months of father's withdrawal, due to work. More specifically, it aimed to identify adolescents' expectations, feelings and experiences about this condition, their perceptions about the father-daughter's and mother-daughter's relationship, as well as the couple and the fraternal relationships and, at the end, the adolescents' perception about the family functioning. Reports of psychological interviews conducted with five female adolescents, age between 13 to 17 and medium social-economic level, were analysed through qualitative content analysis. The findings revealed, in the face of this family condition, adolescent negative feelings in relation to father, his profession and his absence. It was also possible to identify an emotional distance between adolescents and their parents, as well as parents and the other children, besides difficulties in marital relationship. Wish of independence and autonomy also were clear among participants. Mothers were noticed as being overwhelmed by responsibilities, while among fathers it was highlighted characteristics like control, irritability and alcoholism. The study have made possible to understand these families functioning, by an adolescent perspective, which demonstrate modifications in a performance of family roles and psychic suffering in family members at all. These findings reinforce the need for future investigations to understand this thematic, for example, the repercussions of absence for the fathers itself. Such knowledge will be useful to improve psychological interventions which attend to the requirements of individuals and families that face with this situation.

Key-words: adolescence, family, father temporary absence.

APRESENTAÇÃO

Tanto “ser pai” como “ser mãe” são funções centrais da estrutura familiar, que mantêm a sua importância ao longo de todo o desenvolvimento da família. Cabe ressaltar a relevância destas duas funções também no âmbito individual, para as vivências de cada membro do sistema familiar, especialmente para os filhos adolescentes, que atravessam uma fase de muitas transformações e ainda necessitam do apoio e do afeto dos pais.

No entanto, o trabalho, com suas exigências e extensa carga horária, além de outras dificuldades que podem estar associadas ao exercício do papel parental, pode vir a comprometer a qualidade da interação e da convivência entre pais e filhos adolescentes. Tendo-se em vista estas questões, o presente estudo objetivou descrever as percepções de adolescentes em processo de avaliação para psicoterapia sobre a ausência paterna temporária. Cabe salientar que a ausência paterna temporária foi entendida como o intervalo de tempo de pelo menos dois meses em que o pai permanece fora de casa, em função exigências profissionais. A compreensão da percepção das filhas adolescentes acerca da ausência paterna temporária contemplou mais especificamente suas expectativas, sentimentos e vivências a respeito dessa condição, a sua percepção acerca da relação pai-filha e mãe-filha, bem como da relação conjugal e entre irmãos e, por fim, a percepção quanto ao funcionamento do grupo familiar.

Pensa-se que o entendimento dessas questões contribui para qualificar o atendimento psicológico já prestado a essa clientela, em consultório particular, bem como para facilitar a elaboração de intervenções clínicas futuras. Isso porque tal condição já é uma realidade para muitas famílias, em decorrência da globalização, que gera novas formas de exercício profissional, cujas fronteiras também são expandidas.

Cabe destacar que o presente estudo insere-se na linha de pesquisa *Clínica da Infância e da Adolescência* do Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da UNISINOS. Os estudos dessa linha de pesquisa têm por objetivo a compreensão da infância e adolescência, em seus diversos espaços e contextos, bem como o estudo das possibilidades de promoção, prevenção, avaliação e intervenção diante das problemáticas relacionadas à saúde mental da população infanto-juvenil. Mais especificamente, este estudo está vinculado ao Grupo de Pesquisa *Avaliação e Intervenção em Psicologia Clínica*, que tem como objetivo investigar os processos afetivos, cognitivos e psicossociais que caracterizam a clínica da infância e da adolescência contemporâneas e seus aspectos familiares e contextuais.

Primeiramente, será apresentado o relatório completo da pesquisa desenvolvida, em que aparecem descritos os objetivos, método, procedimentos realizados, bem como os resultados e discussões na íntegra. Em seguida, na seção 2, encontra-se um artigo de revisão da literatura, elaborado a partir da revisão de artigos empíricos publicados entre 1998 e 2008 sobre as repercussões da ausência paterna no desenvolvimento do adolescente. Posteriormente, na seção 3, apresenta-se um artigo empírico, que versa sobre a percepção dessas adolescentes, em avaliação para psicoterapia, acerca de si mesmas.

Seção 1

Relatório de Pesquisa

A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO EM AVALIAÇÃO PARA PSICOTERAPIA ACERCA DA AUSÊNCIA PATERNA TEMPORÁRIA

1.1 Introdução

“Ser pai” e “ser mãe” são atribuições complementares na estrutura familiar, na garantia do desenvolvimento físico e afetivo do adolescente (Minuchin, 1976; Trindade & Menandro, 2002). No entanto, por muito tempo à literatura, mesmo na área da Psicologia, destacou a importância da relação afetiva mãe-filho, acabando por excluir ou colocar a figura do pai em um plano secundário (Levandowski, 2001). Entretanto, atualmente, é reconhecida a importância da participação do pai no desenvolvimento do adolescente (Fleck & Wagner, 2003; Wagner, *et al*, 2005), especialmente facilitando a passagem do mundo da família para a sociedade, auxiliando na afirmação de si, na capacidade de se defender e de explorar o ambiente (Aberastury, 1991; Gomes & Resende, 2004; Hurstel, 1999; This, 1987).

Contudo, nem sempre os pais conseguem acompanhar esse processo, em decorrência de diferentes situações (falecimento, separação conjugal, atividade profissional, etc.), tornando-se ausentes física e/ou emocionalmente. Esta característica pode trazer repercussões tanto para a relação estabelecida com o filho adolescente, como para a dinâmica familiar.

Embora o tema da ausência paterna pareça, em um primeiro momento, já estar bem compreendido e bastante investigado, percebe-se que a maioria dos artigos publicados nos últimos dez anos sobre essa temática refere-se ao domínio de conhecimento do Direito, principalmente no cenário nacional. No âmbito da Psicologia, os estudos atuais tendem a retratar a realidade das crianças que vivenciam essa situação. Fica evidente, então, uma lacuna de conhecimentos quanto à percepção dos adolescentes sobre esse fenômeno, somada à importância de estudar aspectos da relação pai-filho, especialmente a partir da perspectiva desse último (Ver Artigo Teórico, Seção 2).

Em termos teóricos, o tema desperta especial interesse nos dias de hoje, devido às modificações da estrutura familiar promovidas pelas demandas do mundo do trabalho. Além disso, as principais teorias psicológicas do desenvolvimento se baseiam no modelo de família convencional e, possivelmente, as novas configurações familiares causam repercussões intrapsíquicas e interpessoais ainda desconhecidas, tornando este tema relevante também por esse motivo.

O interesse por essa questão de investigação surgiu, inicialmente, nas atividades de Estágio em Psicologia Escolar, realizado ao final do curso de Graduação em Psicologia, ainda na Universidade de Caxias do Sul. O aspecto para o qual se atentou, naquela ocasião, era o expressivo número de crianças e adolescentes que apresentavam um aspecto em comum: seus pais permaneciam consideráveis intervalos de tempo fora de casa, em função da profissão, por serem caminhoneiros, representantes comerciais ou funcionários de instalação de maquinários.

Naquele Estágio, a partir da realização de um levantamento, constatou-se que, dos 471 alunos da escola, 160 apresentavam alguma demanda para o Serviço de Psicologia. Destes, 50% apresentavam essa característica familiar de ausência paterna temporária, sendo que 74% eram meninas, justificando a escolha por conduzir uma investigação com adolescentes do sexo feminino, no presente estudo. Em um primeiro momento, foi investigado o papel da mãe neste contexto. Posteriormente, o tema voltou a ser foco de atenção pela experiência de consultoria a uma empresa com a realização de avaliação psicológica aos pais caminhoneiros que permaneciam temporariamente fora de casa. Já no âmbito do Mestrado, na disciplina de Prática Clínica, a abordagem do tema teve como foco as adolescentes do sexo feminino com essa vivência familiar, através de atividades lúdicas e de reflexão realizadas nessa escola, de caráter grupal. Por fim, o tema retrata uma demanda que a autora recebe para atendimento psicológico em consultório particular. A partir da recorrência destas questões nas vivências profissionais da pesquisadora, se impôs a necessidade de sistematizar um conhecimento sobre a percepção das adolescentes frente a esta realidade.

Afora isso, torna-se importante compreender as relações familiares estabelecidas a partir dessa configuração familiar. Pensa-se que, uma vez esclarecidas às questões envolvidas nessa situação, será possível direcionar esforços para a elaboração de programas de intervenção psicológica, com o objetivo de auxiliar todos os membros da família a lidarem com essa condição, de forma satisfatória e compatível com a realidade.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo geral descrever as percepções de adolescentes sobre a ausência paterna temporária, durante o processo de avaliação para psicoterapia. Como referido anteriormente, neste estudo, a ausência paterna temporária foi entendida como o intervalo de tempo de pelo menos dois meses em que os pais permanecem fora de casa, em função da profissão.

Para fundamentar o estudo, foram abordadas as principais características da adolescência, as relações familiares e sua importância para o adolescente, o exercício da paternidade em seu cenário atual e foram revisados alguns estudos empíricos com adolescentes em psicoterapia. O tema central do estudo, a ausência paterna e suas repercussões para o adolescente, foi abordado no artigo teórico, apresentado na Seção 2.

1.1.1 Principais Características da Adolescência

A adolescência é um período do ciclo de vida caracterizado por transformações físicas, psicológicas, cognitivas e sociais. Não existe na literatura um consenso em relação à idade inicial e final dessa etapa da vida. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência inicia-se aos 10 anos e termina aos 20 anos de idade. No Brasil, para fins jurídicos, o Estatuto da Criança e do Adolescente considera a adolescência como o período que se estende dos 12 aos 18 anos de idade (Daltoso, Almeida & Parnabianco, 2005).

Jeammet e Corcos (2005) apontam ser fácil delimitar o início da adolescência pelas manifestações da puberdade. Quanto ao seu final, vários autores, como Osório (1992), Blos (1996) e Outeiral (2003), usam como parâmetro a aquisição de uma maior estabilidade no que diz respeito à identidade e aos relacionamentos, a possibilidade de escolher uma profissão, em busca da independência econômica, e a própria consolidação da sexualidade. Entretanto, mais recentemente, Jeammet e Corcos (2005) pontuaram a dificuldade de definir o fim desta fase, pelo fato de que os adolescentes cada vez mais avançam em aspectos como o início da atividade sexual, enquanto que, no aspecto financeiro e afetivo, estão permanecendo dependentes de suas famílias por mais tempo.

Assim, percebe-se que a adolescência pode ser entendida a partir de outros critérios, além da idade, como os sociológicos, os psicológicos e os fisiológicos. O critério sociológico leva em conta a postura da sociedade frente a esta faixa etária, no caso, não lhe conferindo *status* e nem papel de adulto, impondo-lhe um período de moratória (Erikson,

1987). Já os critérios fisiológicos demarcam o início da adolescência pelas manifestações da puberdade. Por fim, os critérios psicológicos dizem respeito a toda a reorganização da personalidade que acontece nesse período (Aquino *et al.*, 2003).

A adolescência, ao longo da história, surge como uma preocupação de diferentes áreas do conhecimento, que ousaram defini-la, compreendê-la e interpretá-la. Encontram-se registros já dos gregos sobre as características dessa fase. Mais tarde, Rousseau lançou um livro que detalhou o segundo nascimento, sendo que o termo, a partir disso, tomou um dimensionamento psicológico (Mass, 2006). De qualquer forma, a adolescência passou a ocupar um lugar enquanto objeto de estudo na Psicologia, principalmente com os estudos de Stanley Hall, que escreveu *Adolescence* no ano de 1904. O autor caracterizou essa fase como um período de “tempestade e tormenta”. Influenciado pela teoria da evolução de Darwin, Stanley Hall entendia que a infância e a puberdade eram ininterruptas e constantes, obedecendo às leis da biologia. A adolescência, para ele, era um período de turbulência e instabilidade emocional, no qual haveria um aumento de sensibilidade e de capacidades, bem como a ciência dos valores e normas que moldam a vida adulta, por exemplo, os aspectos morais, políticos, econômicos, religiosos. Além disso, a sexualidade iniciaria apenas nesse período. Mais tarde, Anna Freud concordou com Hall na caracterização dessa fase como um período de instabilidades (Ávila, 2005).

Interessante considerar que o conceito de adolescência não aparece antes do final do século XVIII e não se alastra antes do século XX. Como a adolescência não era considerada um período particular de desenvolvimento, não existia uma cultura adolescente. Em consequência da complexidade das sociedades modernas industrializadas é que foi se desenvolvendo um espaço intermediário entre a infância e a idade adulta. Então, quanto à contextualização histórico-social, constata-se que as visões em relação a esta fase variam de um século a outro, de acordo com a organização da época vivida (Maas, 2006), do nível sócio-econômico e da religião (Assis, Avanci, Santos & Malaquias, 2004), refletindo os valores e as expectativas de cada sociedade.

Nesse sentido, Marsuglia (2001) propõe que o termo adolescência deveria ser usado no plural, justamente por haver diversas formas de se viver e de se definir esta fase que implica tantas transformações. Além de ser um período de transição, é um tempo de muitas descobertas, aprendizagens e rupturas. Isto envolve certamente medos, riscos e uma certa instabilidade, que irão perpassar os aspectos físicos, hormonais e psicológicos (Andretta & Oliveira, 2005, Coutinho *et al.*, 2005).

As características físicas são evidenciadas e contempladas pelo termo puberdade, geralmente compreendida como sinônimo de adolescência, embora tenha relação com o componente biológico das transformações ocorridas nesse período (Maas, 2006). Dentro das modificações físicas, cabe citar o surgimento das características sexuais secundárias, que diferenciam meninos e meninas, tais como mudança no timbre de voz, aparecimento de pelos e desenvolvimento de testículos, nos meninos, e o desenvolvimento dos seios, a menarca e a acentuação das curvas do quadril, nas meninas. Em função disso, o corpo toma outras formas, não apresentando mais características infantis. Assim, estas mudanças incluem o crescimento físico e o aflorar da sexualidade, a partir dos hormônios sexuais (Roehrs, 2006).

Este florescimento da sexualidade causa, muitas vezes, um descompasso entre o corpo, pronto para reproduzir, e o psíquico, sem a mesma preparação (Saito, 2000). Conforme a idade adulta se aproxima, o adolescente pode estabelecer relacionamentos íntimos ou permanecer socialmente isolado. A identidade sexual também se consolida nesse período e é influenciada pelas alterações físicas da puberdade, bem como pelas atitudes e expectativas culturais de comportamento sexual (Moreira, Viana, Queiroz & Jorge, 2008).

Essas alterações físicas e sexuais acabam estimulando o estabelecimento de relacionamentos amorosos entre adolescentes. Assim, o beijar, os namoros e os relacionamentos sexuais ocorrem pela primeira vez freqüentemente na adolescência. Então, a sexualidade vai impulsionar novas descobertas tanto no corpo como no autoconhecimento e no conhecimento do outro (Borges & Schor, 2005).

Nessa fase, os aspectos cognitivos também acabam sofrendo um avanço. O tipo de pensamento que o adolescente poderá utilizar para se relacionar com o mundo externo é conhecido como formal, dedutivo ou hipotético, que permite realizar operações mentais de representações abstratas. Através do desenvolvimento deste tipo de pensamento, há uma expansão do juízo crítico, fazendo com que o adolescente consiga ter capacidades e habilidades de criticar, analisar e desenvolver uma identidade mais ampla e uma solidificação de valores, pensamentos e afetos (Maas, 2006). O intelecto passa a ser mais eficaz, rápido, com elaborações mais complexas, acrescentando no desempenho global e aumentando, assim, o rendimento psíquico (Moreira *et al.*, 2008).

No âmbito psicológico, as mudanças incluem a crise de identidade, compreendida como uma descompensação emocional, pois os adolescentes precisam buscar a si mesmos,

enfrentando os obstáculos que esta busca representa em termos de amadurecimento psíquico (Papalia, Olds, & Feldman, 2006; Roehrs, 2006). Para Winnicott (1982), existem alguns aspectos específicos que caracterizam a adolescência como uma fase diferenciada do amadurecimento. Primeiro, porque surge uma força que pertencia à fantasia e que agora pode tornar-se real, que é a possibilidade de prostituir-se, drogar-se, engravidar, fazer escolhas na vida e ter que arcar com as suas conseqüências. Em segundo lugar, as angústias vividas neste estágio são repetições de angústias vivenciadas em fases precoces, proporcionando, assim, a criação de uma nova subjetividade. Porém, é algo que, para se fazer, necessita já ser. Apenas quem teve um nascimento psíquico anterior pode, na adolescência, passar por este "novo" nascimento (Winnicott, 1994).

A partir de uma perspectiva sistêmica, a maturidade do adolescente torna-se importante, uma vez que esta fase constitui uma etapa decisiva do processo de desprendimento da família e de conquista de independização (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002). À medida que vai se afastando da família, com questionamentos e contestações às figuras de autoridade (como o pai, por exemplo), os vínculos sociais também se ampliam (Moreira *et al.*, 2008). De fato, esse movimento de afastamento da família impulsiona a busca pelo grupo de iguais. A tendência grupal possibilita ao adolescente buscar novas identificações para o desenvolvimento da sua identidade adulta (Saito, 2000), contribuindo para a evolução da personalidade e da cognição (Maas, 2006). Estas novas identificações o auxiliam ainda mais na inserção social. Os valores do grupo, que geralmente é composto por indivíduos da mesma faixa etária, passam a ser importantes para a aquisição de novas idéias e comportamentos (Roehrs, 2006).

Cabe ressaltar também outro aspecto a ser considerado nesta tendência do adolescente em priorizar o grupo de pares: o senso de pertença, um sentimento decorrente de uma necessidade de identificação e aceitação de um determinado grupo. Os motivos de escolhas de cada grupo variam desde o estilo de vestir até a identificação com a fala e os gestos. Essas escolhas são influenciadas e variam conforme o momento atual do adolescente, que tem possibilidade de até melhorar a sua auto-estima quando se encontra inserido em um grupo de iguais (Marques & Cruz, 2000). A partir disso, fica evidenciada a intensidade e a importância das relações de amizade nessa época da vida (Papalia *et al.*, 2006).

Diante de tantas definições e controvérsias, pode-se considerar a adolescência um período rico em possibilidades desestabilizadoras. É um momento de definições diversas

no campo afetivo, sexual, profissional, familiar, que despertam dúvidas, angústias, medos e podem provocar sofrimento psíquico e até mesmo desencadear quadros psicopatológicos, como a depressão (Crivelatti, Durman & Hofstatter, 2006).

Considerando o exposto, ao se fazer referência à adolescência, torna-se difícil não pensar nos papéis a serem desempenhados pelos familiares nesse importante e desafiante período da vida. Justamente por ser a família a instituição que assume as maiores responsabilidades frente ao jovem e tem atribuições peculiares em relação a ele nesta etapa (Biasoli-Alves, 2005), passa-se, a partir de agora, a focar as relações familiares na adolescência.

1.1.2 O Adolescente e as Relações Familiares

A família é um grupo social cuja configuração e funcionamento dependem de aspectos variados, tais como os ambientais, econômicos, políticos, sociais, culturais, religiosos e históricos (Singly, 2000). Por isso, ela se apresenta de forma diferenciada, dependendo do meio em que está inserida (Osório, 1996). Algumas modificações sociais ocorridas nas últimas décadas, como a aprovação da lei do divórcio, a redução de casamentos oficiais, a ocorrência de casamentos mais tardios e de casais sem pretensão de ter filhos, dentre outros fatores, contribuíram para o aparecimento das diferentes composições familiares presentes nos dias atuais (Wagner & Levandowski, 2008). Dentre estas configurações, destacam-se as famílias monoparentais, homossexuais e formadas por recasamentos (nas quais convivem filhos de pais diversos), dentre outras (Roudinesco, 2003). Porém, embora as configurações familiares tenham se diversificado e se modificado, as funções da família parecem continuar sendo as mesmas (Pratta & Santos, 2007): o atendimento das necessidades de crescimento e desenvolvimento de seus membros (Waidman, Jouclas & Stefanelli, 1999).

Os comportamentos de todos os membros do grupo familiar podem sofrer influência e, por sua vez, influenciam as ações e valores de cada um e de todos eles (Drummond & Drummond Filho, 1998; Osório, 1996). Em função disso, a família acaba sendo a principal responsável pela socialização das crianças e adolescentes (Schenker & Minayo, 2003), fornecendo formas e regras para o estabelecimento de relações e, assim, permitindo que os indivíduos se adequem às normas de convivência social (Simionato-Tozo, 1998).

A família possui um ciclo de vida próprio, que acompanha o processo de desenvolvimento individual de todos os seus membros (Bradt, 1995; Cervený & Berthoud, 1997). Cada fase desse ciclo de vida engloba uma crise vital e gera mudanças individuais e relacionais, promovendo crescimento. Uma das fases de maior mudança na família inicia-se na adolescência dos filhos (Pratta & Santos, 2007). Percebe-se, então, que as grandes transformações da adolescência, que despertam questões, dúvidas e conflitos, não se refletem só no próprio adolescente como também no grupo familiar como um todo (Matos, Carneiro & Jablonski, 2005).

Nesta fase, uma das mudanças com as quais a família se depara é o aumento dos conflitos entre pais e filhos (Justo, 2005; Wagner *et al.*, 2002), que ocorre, dentre várias razões, pelo questionamento do adolescente quanto às regras e valores ditados pelos pais (Aberastury & Knobel, 1992; Blos, 1996; Osório, 1992). Tal questionamento das regras e valores gera a necessidade de se fazer negociações freqüentemente, o que, por sua vez, tende a aumentar a possibilidade de conflitos (Marturano *et al.*, 2004). Assim, instala-se o “conflito de gerações”, necessário para que o adolescente possa se sentir uma pessoa separada e diferenciada dos próprios pais (Matos *et al.*, 2005).

Outra característica desse momento do ciclo de vida familiar é a confusão dos pais acerca das “identidades transitórias” do filho. Este, por vezes, parece querer (e demonstra) ser totalmente independente, exigindo ser tratado como adulto, enquanto que, em outros momentos, adota atitudes legitimamente infantis. A função dos pais, nesse momento, é de serem “espectadores ativos” das mudanças de seus filhos, demonstrando a habilidade de acolhimento dos momentos de dependência, mas concomitantemente autorizando a sua independização de forma moderada e gradual (Matos *et al.*, 2005; Soldatelli, 2007).

Outros estudos indicam ainda ocorrência de um distanciamento afetivo entre pais e filhos adolescentes, inclusive pela diminuição do tempo de convivência conjunta (Aberastury & Knobel, 1992; Blos, 1996; Osório, 1992; Steinberg & Morris, 2001). Desse modo, fica claro que a família não é a maior prioridade do adolescente, concorrendo com outros agentes e instituições sociais em sua influência sobre o funcionamento e o desenvolvimento psicológico individual.

Os próprios pais podem considerar que ter filhos adolescentes significa estar em conflito e enfrentar problemas constantemente (Teixeira, 2006). Muitas vezes eles têm uma fantasia de estar perdendo o filho para o grupo de iguais, quando se deparam com seus movimentos de saída. O quadro instalado não é somente de medo por se desconhecer

esta fase ou pela falta do filho, mas também pela ameaça à continuidade familiar representada por essa demanda de independência. Em decorrência disso, as relações familiares não são mais vistas como permanentes (Penso & Sudbrack, 2004).

Além disso, também é possível constatar que os pais apresentam sentimentos variados em função da adolescência de seus filhos, ora desejando vê-los continuar a sua própria história, ora desejando que eles realizem tudo o que eles próprios não puderam realizar (Santos, 2005). De qualquer maneira, é certo que respondem a esta etapa de modo intimamente relacionado à forma como eles mesmos vivenciaram este processo. Assim, os pais podem tornar-se angustiados, em função das suas inseguranças e ansiedades e pelas suas experiências conscientes e inconscientes frente ao próprio processo adolescente (Levisky, 1998).

Não se pode desconsiderar que a forma como os pais lidam com a adolescência dos filhos também está intimamente relacionada a outros fenômenos que, em geral, estão acontecendo simultaneamente no sistema familiar nesse momento: uma possível crise de meia-idade e o envelhecimento de seus próprios genitores. Portanto, esta transformação familiar envolve mudanças nos padrões de relacionamento entre as gerações (Preto, 1995).

Constata-se que a família, que antes era uma unidade que protegia e nutria os filhos pequenos, agora necessita tornar-se um centro de preparação para a entrada do filho adolescente no mundo adulto. Em um quadro de desenvolvimento considerado saudável, o adolescente consegue manejar sua liberdade entre a dependência e independência. Esta é uma tarefa prioritária da família, segundo Minuchin (1982): ser a “matriz da identidade”, contemplando tanto a separação quanto o pertencimento. Assim, é importante que a família permita a volta à dependência quando necessário, mas oportunize a saída do adolescente para o meio social, cada vez mais amplamente, o que resultará na ampliação das suas identificações (Soldatelli, 2007).

Diante desse panorama, ressalta-se a importância do diálogo entre os membros da família nesta etapa, pois o adolescente, embora se apresente de uma forma mais introvertida, necessita ainda de compreensão e orientação (Drummond & Drummond Filho, 1998). A falta de diálogo na família pode provocar ou agravar dificuldades de relacionamento, o que repercutirá no bem-estar e na saúde psíquica dos filhos adolescentes (Pratta & Santos, 2007). De fato, os conflitos da adolescência podem ser facilitados ou mitigados em função do estabelecimento de relações harmônicas com os integrantes do grupo familiar. Conforme Knobel (1981), a introjeção positiva dos pais auxiliará na

elaboração de conflitos pelo jovem e no manejo do meio externo e de suas adversidades durante esse período.

Em função do que foi exposto, pode-se constatar a importância do modo como se apresentam as relações familiares na adolescência, nas suas potencialidades e limites. O ideal é que os pais possam reduzir suas angústias e ansiedades frente aos seus filhos adolescentes e que os filhos possam ver nos pais uma fonte de apoio a qual recorrer diante de qualquer dificuldade e problema que vierem a enfrentar (Pratta & Santos, 2007). Seguindo o foco do estudo, detalha-se agora como se apresenta o exercício da paternidade no âmbito das relações familiares na atualidade.

1.1.3 A Paternidade no Cenário Atual

As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, tais como o movimento feminista, as revoluções estudantis, a juventude *hippie*, a queda dos regimes totalitários, o avanço do capitalismo e suas contradições, dentre outros (Straube, Gonçalves & Centa, 2003), provocaram mudanças no âmbito das famílias, pelo questionamento dos papéis familiares, especialmente do papel da mulher. Desse modo, percebe-se que a família, instituição básica da sociedade, não ficou imune a todas estas transformações, observando-se mudanças nas relações entre seus membros (Straube *et al.*, 2003) e nas formas de convivência familiar (Gomes & Resende, 2004).

Estas alterações nas configurações familiares podem refletir e, ao mesmo tempo, proporcionar, mudanças no desempenho do pai e da mãe. A partir das mudanças ocorridas no universo feminino, o tradicional lugar de autoridade e *status* do homem também foi modificado (Cia, Williams & Aiello, 2005). Tal panorama contribuiu para alterações no desempenho do papel paterno e no lugar ocupado pelo pai na família (Gomes & Resende, 2004; Wagner *et al.*, 2005).

Desse modo, atualmente podem ser encontradas diferentes formas de exercício da paternidade. É possível identificar pais que ainda se restringem a exercer o papel de provedor, mas ao mesmo tempo, há homens e mulheres que dividem seu tempo entre o trabalho fora de casa e os cuidados destinados aos filhos (Dantas, Jablonski & Carneiro, 2004). Nesse sentido, mesmo que os pais convivam com o modelo e exerçam a função de provedor, buscam também ser um “novo” pai, cujo vínculo afetivo com o(a) filho(a) inicia-se já na gestação, rompendo com o exercício tradicional da paternidade (Peruchi & Beirão, 2007). Outros dados apontam nessa mesma direção, evidenciando indícios de uma

modificação quanto à paternidade já no período gestacional (Piccinini, Silva, Gonçalves & Lopes, 2004). Um aspecto a ser enfatizado é o fato de estas mudanças quanto ao envolvimento paterno parecerem ser independentes da idade (Silva & Piccinini, 2007). Por exemplo, estudo de Levandowski e Piccinini (2006) revelou semelhanças no exercício da paternidade na adolescência e na fase adulta quanto a expectativas, preocupações e sentimentos vivenciados durante a gestação da companheira.

O panorama atual parece, então, ser melhor caracterizado pela diversidade, como também observado em relação às configurações familiares. Assim, há famílias nas quais os homens desempenham o papel de provedor, tradicionalmente associado à paternidade (Silva & Piccinini, 2007) e outras onde a mãe é a grande mantenedora e o pai se torna ausente, embora fique claro que a figura de um pai participativo e presente é atualmente desejada e valorizada (Peruchi & Beirão, 2007).

Estar presente como pai envolve múltiplos sentidos, tanto concretos quanto psíquicos. Por exemplo, no estudo realizado por Bustamante (2005b), embora os pais desejassem estar presentes junto aos filhos, os cuidados corporais eram considerados uma atribuição feminina, não sendo, por isso, realizados por eles.

As próprias teorias psicológicas, durante muito tempo, colocaram o pai como uma figura secundária em comparação à mãe. Cabia a ele um lugar de interventor, de lei, mas não o envolvimento na educação e nos cuidados diários dos filhos. Contudo, em função do número crescente de separações e divórcios, e, com isso, da ausência física e psíquica dos pais, começou-se a evidenciar a importância desse papel também para o desenvolvimento das crianças (Hennigen & Guareschi, 2008).

A afetividade e a presença paternas, embora sejam fenômenos recentes, têm sua valorização justificada, dentre outros fatores, pelo fato de a educação dos filhos no cenário atual apresentarem-se como uma tarefa muito complexa. Entretanto, como comentado anteriormente, isso não significa que as responsabilidades parentais sejam partilhadas de forma igualitária entre os membros do casal em todas as famílias (Fleck & Wagner, 2003; Wagner, *et al* 2005). De fato, para haver igualdade social entre homens e mulheres, seria necessário mudar as formas de cuidado e criação dos filhos, e tal mudança implicaria numa conscientização e articulação de fatores psicológicos, sociais, culturais e históricos (Ramires, 1997). A convivência de valores arcaicos e novos, no entanto, indica que a mudança de hábitos não acompanha o ritmo das transformações dos valores sociais e culturais (Gomes & Resende, 2004).

De qualquer forma, independentemente da organização da família, a figura paterna tem hoje reconhecida sua importância peculiar ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É esta presença que irá facilitar aos filhos a passagem do mundo da família para a sociedade e que propiciará o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente (Gomes & Resende, 2004). Além disso, torna-se claro que o contato pai-filho desde o início da vida da criança pode ser importante para o desenvolvimento dos laços afetivos entre ambos, em todas as classes sociais (Ramires, 1997). De fato, a maioria dos estudos aponta que seria ideal que o filho se desenvolvesse ao lado de ambos os genitores, pois cada um contribui positivamente para algum aspecto do seu desenvolvimento (Black, Dubowitz & Starr, 1999; Flouri & Buchanan, 2003; Lamb, 1997; Marshall *et al.*, 2001).

As pesquisas têm indicado a importância da participação do pai nos cuidados com os filhos e nas atividades domésticas, para ajudar a suprir as necessidades financeiras da família e, com isso, permitir o acesso a uma alimentação de melhor qualidade, mais oportunidade de lazer e melhores cuidados para com a saúde (Black *et al.*, 1999, Coley, 1998, Dubowitz *et al.*, 2001, Dunn, 2004). O pai também é um importante fornecedor de suporte emocional para a família (Dessen & Braz, 2000; Dubowitz *et al.*, 2001).

Além disso, o envolvimento paterno tem sido associado a importantes aquisições desenvolvimentais dos adolescentes, como ilustrou a pesquisa longitudinal conduzida por Flouri e Buchanan (2003), que investigou a influência do pai no desempenho acadêmico e nas habilidades gerais dos filhos. Os pesquisadores acompanharam 8841 famílias que residiam na Inglaterra, provenientes de classes socioeconômicas variadas, observando a associação entre a interação pai-filho e o desenvolvimento dos filhos em diferentes idades, desde a infância até a fase adulta. Os resultados indicaram que o envolvimento do pai, quando o filho era criança, relacionava-se com melhor desempenho acadêmico e maior repertório de habilidades gerais na adolescência, além de repercutir no sucesso profissional dos mesmos na idade adulta. Confirma-se, dessa forma, resultados de estudos realizados por Feldman e Klein (2003) e Schneider, Atkinson e Tardif (2001), que salientaram que a comunicação pai-filho promove um relacionamento seguro, o que, por sua vez, facilitará as vivências sociais futuras do filho.

Outras pesquisas demonstraram a influência do envolvimento paterno no desempenho acadêmico dos filhos adolescentes (por ex., Pelegrina, García-Linares e Casanova, 2003). Em uma amostra de 370 adolescentes norte-americanos e seus pais, esses

autores verificaram uma associação positiva entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico e a motivação dos filhos para o estudo, conforme a percepção dos adolescentes e da professora.

Um outro aspecto evidenciado pelos estudos é a associação entre o envolvimento paterno e o autoconceito e a competência social dos filhos. Dekovic e Menis (1997), investigando essas questões com pais e mães e seus filhos adolescentes norte-americanos, de classe sócio-econômica baixa e média baixa, verificaram uma associação positiva entre a qualidade do relacionamento com o pai (aceitação, simpatia e envolvimento) e o autoconceito geral dos adolescentes, bem como a qualidade dos relacionamentos de amizade estabelecidos por eles. Fica evidente que, um pai presente, além de servir de referência acerca do universo masculino, seria alguém capaz de dar ressonância de forma positiva às questões emocionais, sociais, afetivas e cognitivas dos filhos (Cia *et al.*, 2005, Dantas *et al.*, 2004; Peixoto, 2004; Ramires, 1997).

Vários aspectos parecem estar associados à qualidade do investimento paterno nos filhos. Dentre eles, podem ser citados: viver em uma cultura que valorize a igualdade de gêneros e os cuidados dispensados pelo pai ao filho; residir junto com a esposa e o filho; ter uma relação harmoniosa com a mãe da criança, que encoraje o seu envolvimento; ser parte de um sistema econômico com recursos suficientes que lhe permitam sustentar seu filho de acordo com as expectativas sociais; e trabalhar de forma cooperativa com sua esposa para prover o sustento da família (Engle & Breaux, 1998).

Além disso, as habilidades interpessoais e a autoconfiança também aparecem como importantes determinantes do comportamento paterno (Lamb, 1997). A capacidade que cada homem tem de exercer a paternidade também depende da sua própria autorização pessoal, que transita pela identificação com o próprio pai, bem como o seu desejo de descendência. Em contrapartida, para o filho, é muito importante contar não só com a presença física do pai, mas sentir-se desejado e confirmado pelo pai, evidenciando a importância do mesmo para o seu desenvolvimento emocional (Rosa, 2004) e o quanto a sua participação e envolvimento são importantes para o seu desenvolvimento global (Peruchi & Beirão, 2007), especialmente na adolescência.

Infelizmente, nem sempre os pais conseguem acompanhar esse processo, evidenciando-se o quanto uma relação inadequada ou inexistente entre pai e filho adolescente pode se tornar um fator de risco para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e social desse último (Eizirik & Bergmann, 2004; Fagan & Iglesias, 1999;

Feldman & Klein, 2003). Como o foco do presente estudo é justamente a análise da temática da ausência paterna em adolescentes que estão realizando uma avaliação para psicoterapia, na abordagem psicanalítica, tornou-se necessário revisar estudos empíricos realizados com essa clientela nesse contexto.

1.1.4 Estudos Empíricos com Adolescentes em Psicoterapia Psicanalítica

A psicoterapia com adolescentes é uma prática clínica comum e que traz benefícios para essa clientela (Romaro & Capitão, 2003). Em relação às pesquisas já realizadas com esse público sobre o processo psicoterápico, não se percebe a predominância de uma abordagem teórica, evidenciando-se, dessa forma, uma diversidade que contempla tanto a teoria psicanalítica como a sistêmica e a cognitivo-comportamental (Eisler *et al*, 2000; Geist, Heinman, Stephens & Katzman, 2000, Pinzon *et al*, 2002).

Há que se apontar também as dificuldades na articulação da pesquisa e da prática psicoterápica com adolescentes no contexto brasileiro. Os psicólogos clínicos tendem a não utilizar os dados de pesquisa em sua prática e a atualização dos conhecimentos nesse grupo de profissionais parece ocorrer de forma desorganizada, através do contato direto com os adolescentes. Em decorrência desse quadro, os psicoterapeutas acabam encontrando obstáculos para a avaliação dos resultados das suas intervenções. Isto caracteriza uma atitude dos profissionais de afastamento das investigações científicas, privilegiando a prática. Tais achados foram apontados por um estudo realizado com 15 psicólogos e psiquiatras de uma cidade do Rio Grande do Sul que seguiam diferentes abordagens teóricas. Esses profissionais mostraram-se indecisos quanto ao papel da pesquisa na prática, constatando que, embora os estudos científicos possam trazer mais seriedade ao trabalho, nem sempre fornecem alguma contribuição ao mesmo (Jardim, Oliveira & Gomes, 2005).

Ainda, discute-se, na literatura, que, mesmo com demanda para a psicoterapia, parece ser difícil para o adolescente buscar atendimento psicoterápico por vontade própria (Andretta & Oliveira, 2005; Channon, Smith & Gregory, 2003; Lawendowski, 1998; Lincourt, Kuettel & Bombardier, 2002; Mc Cambridge & Strange, 2004; Marques, 2004; Sample & Kaden, 2001). Conforme Romaro e Capitão (2003), a partir de estudo de caracterização da clientela da Clínica-Escola da Universidade São Francisco - Campus de São Paulo, os adolescentes geralmente são trazidos pelos pais para atendimento psicoterápico, influenciados em sua decisão por conselhos de médicos e professores. Isso

pode determinar uma aliança terapêutica frágil, resultando em uma adesão comprometida ao tratamento desde o princípio e comprometendo também a articulação entre clínica e pesquisa. No entanto, as instabilidades do adolescente propiciam um momento oportuno para a psicoterapia, com consideráveis possibilidades de sucesso (Jardim, Oliveira & Gomes, 2005).

Dessa forma, percebe-se que o período da avaliação é de fundamental importância, sendo inclusive muitas vezes determinante no resultado final do tratamento (Tevyaw & Monti, 2004). Até porque se espera que 50% dos adolescentes não retornem após o primeiro contato e 70% deixem o tratamento de forma prematura, justamente pelo fato de muitos deles buscarem a psicoterapia sem uma motivação própria, como comentado anteriormente (Lawendowski, 1998).

A partir da consulta sistemática em bases de dados (LILACS, Scielo e PsycInfo) utilizando como termos descritores psicoterapia psicanalítica (*psychoanalytical psychotherapy*) e adolescência (*adolescence*), no período compreendido entre 1998 e 2008, foram localizados 22 artigos empíricos que faziam referência direta a esta temática. Foram descartados aqueles artigos que não apresentavam o texto completo para consulta e que relatavam diferentes contextos da psicoterapia com adolescentes (por exemplo, em grupo), os que abordaram relatos de tratamentos combinados (no caso, psicoterapia e farmacoterapia), além daqueles que enfocaram a avaliação psicológica, com o emprego de testes psicológicos, em decorrência de esses temas não fazerem parte do foco do presente estudo.

Assim, os estudos que enfocaram o contexto da psicoterapia com adolescentes dentro de uma abordagem psicanalítica contemplaram temáticas como a delinquência (Balaguer, 2005), os transtornos alimentares (Pinzon, Gonzaga e Cobelo, 2006), as fantasias sexuais inconscientes (Bodstein & Arruda, 2006), os quadros psicóticos (Lauru, 2002; Schmid, 2007), os problemas escolares (Eizirik & Bergmann, 2004), a drogadição e, especialmente em relação à psicoterapia, o vínculo terapeuta-paciente (Bello, 2001) e a aliança terapêutica (Veríssimo, 2007).

Pode-se destacar, então, o estudo de Balaguer (2005), em plantões de atendimento psicoterápico, realizados com seis menores privados de liberdade e internos na Fundação Estadual de Bem Estar do Menor do Complexo do Tatuapé, em São Paulo. Com base nas idéias freudianas, pretendeu considerar a violência do Estado e a produzida pelos próprios adolescentes, reconhecendo a maneira como vivem o período da adolescência, mas

também a vivência precoce da privação dos direitos fundamentais. Observou-se a ausência de expectativas positivas dos adolescentes quanto a um futuro melhor, bem como de uma noção do próprio valor. Estes viviam apenas com o objetivo de se livrarem das ameaças dos outros, permitindo-se mostrar violentamente a mesma indiferença em relação à vida das demais pessoas.

Outro estudo investigou expressões de fantasias sexuais inconscientes de pacientes adolescentes de 10 a 11 anos de idade e ambos os sexos, através do método clínico-qualitativo. Para tanto, foram sintetizadas e estudadas duas sessões psicoterapêuticas em que as questões sexuais e edípicas predominaram e mantiveram uma certa continuidade. Percebeu-se que as fantasias de conteúdos sexuais estiveram presentes em um grande número das sessões, embora as fantasias edípicas tenham se manifestado em menor frequência, em função do recalque e da dificuldade dos adolescentes de expressarem tal tipo de material nas sessões. Esse apareceu de forma mascarada, deslocado na dinâmica transferencial. Quando tais conteúdos edípicos emergiram, verificou-se que a sessão foi marcada por ansiedade e por uma carga emocional intensa, mobilizando inclusive aspectos contratransferenciais. Foram identificadas também fantasias inconscientes de união com o progenitor do sexo oposto (Bodstein & Arruda, 2006).

A temática da psicose também foi foco de estudo, a partir do relato de um caso de psicoterapia com paciente adolescente psicótico realizado em uma cidade do Rio Grande do Sul. A análise do material clínico de duas sessões evidenciou a presença de uma intensa angústia, ligada a um sentimento que o paciente tinha dificuldade de descrever (Lauru, 2002). Também com adolescente de 15 anos, com um quadro psicótico, atendido no Centro de Atenção Psicossocial do Rio de Janeiro, Schmid (2007) realizou um estudo de caso apoiado em um referencial psicanalítico. Em decorrência do atendimento recebido, foram percebidas algumas mudanças no paciente. Por exemplo, ele passou de um estágio no qual buscava se isolar para outro em que desafiava e desrespeitava as regras. Além disso, à medida que o tratamento avançou, foi possível perceber uma atenuação do seu nível de ansiedade.

Já Eizirik e Bergmann (2004), também a partir de um estudo de caso, retrataram o atendimento de um adolescente gaúcho, de 16 anos, encaminhado para psicoterapia por problemas escolares. Utilizando o material clínico de duas sessões, foi possível ilustrar as percepções e emoções do paciente adolescente associadas à ausência do pai, assim como seus comportamentos (mau desempenho escolar e envolvimento freqüente em brigas).

Ao invés de focar algum transtorno psicológico ou aspecto individual, alguns estudos focalizaram fenômenos da relação psicoterapêutica, como a importância da aliança terapêutica no atendimento de adolescentes. Por exemplo, Veríssimo (2007), a partir do material clínico de dois pacientes com graves alterações de comportamento, acompanhados por seis meses, verificou que os mesmos confiavam no psicoterapeuta, tendendo a expressar e falar cada vez mais das suas emoções. Estes achados demonstram que mesmo adolescentes com perturbações tendem a estabelecer uma aliança terapêutica e evoluir no seu percurso terapêutico.

Também a implicação do papel do psicólogo no processo de adaptação de três jovens cariocas usuários de drogas e infratores em sessões de avaliação para psicoterapia foi abordada no trabalho de Bello (2001). Os jovens haviam sido encaminhados para tratamento por via judicial. Analisando as falas dos adolescentes, a autora constatou desconfiança para falar sobre outros assuntos além do motivo que os havia trazido ao atendimento. Os adolescentes ficaram irritados quando foram feitas perguntas sobre sua rotina, por entenderem esse espaço como um verdadeiro interrogatório, que se reverteria em um laudo a ser encaminhado ao juiz. Dessa forma, evidenciou-se como o psicólogo pode encarnar uma figura de lei. O fato de serem “condenados à terapia” parece dificultar a construção de um vínculo entre terapeuta e adolescentes infratores, complexificando a atuação profissional.

Já o estudo de Ramires (2004), com foco na transição familiar associada à separação conjugal dos pais de onze pré-adolescentes gaúchos de 13 anos, foi conduzido na clínica-escola da UNISINOS. Os participantes realizaram três sessões individuais de avaliação, incluindo a aplicação do Teste do Desenho da Família. Seus pais também foram entrevistados. O conteúdo das sessões indicou que o tipo de vínculo estabelecido por esses adolescentes com seus pais constituiu-se em um fator de resiliência para o enfrentamento desta transição familiar. Sentimentos de insegurança, abandono e baixa auto-estima já estavam presentes antes da separação e só foram agravados por esse evento. Fatores como tempo de separação, perfil dos pais, declínio financeiro e mudança de residência também influenciaram na vivência dessa transição familiar.

A partir da revisão desses estudos, constata-se que, em termos metodológicos, há um predomínio das pesquisas qualitativas, especialmente com delineamento de estudos de caso, o que condiz com a temática em estudo (psicoterapia). Dos artigos encontrados, a maior parte enfoca a importância da psicoterapia para a compreensão do significado dos

sintomas manifestados pelos adolescentes. Para essa compreensão, ressalta-se a importância de uma adequada avaliação precedente ao início do tratamento (Pinzon, Gonzaga & Cobelo, 2006). De qualquer modo, a utilização do contexto psicoterápico como local de coleta de dados mostrou-se ainda insuficiente. Como foi possível visualizar a partir dos estudos detalhados, as temáticas surgiram espontaneamente no processo psicoterápico e só posteriormente esse material foi utilizado para pesquisa. Não parece ser freqüente a preocupação ou a intenção, no meio científico, de uso do espaço psicoterápico *a priori* para o desenvolvimento de investigações científicas com adolescentes, o que indica a necessidade de estudos dessa natureza.

Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo descrever as percepções de adolescentes em processo de avaliação para psicoterapia sobre a ausência paterna temporária. Mais especificamente, visou: 1. caracterizar expectativas, sentimentos e vivências de adolescentes a respeito da ausência paterna temporária; 2. identificar a percepção das adolescentes acerca da relação pai-filha e mãe-filha, bem como da relação conjugal e entre irmãos, em contextos familiares caracterizados pela ausência paterna temporária; e 3. examinar a percepção das adolescentes quanto ao funcionamento familiar nesse contexto.

Tabela 01: Dados Sócio-Demográficos das Participantes

Participantes	Idade (anos)	Escolaridade	Religião	No. de irmãos	Idade dos Irmãos	No. de familiares residentes com a adolescente	Quem são?	Tempo de ausência do pai (meses) em cada viagem
P1	15	1º. ano Ensino Médio	Católica	2	10 17	5	Pai Mãe Irmãos	2
P2	16	2º. ano Ensino Médio	Católica	3	6 9 12	6	Pai Mãe Irmãos	3
P3	16	2º. ano Ensino Médio	Evangélica	3	3 9 12	6	Pai Mãe Irmãos	3
P4	17	3º. ano Ensino Médio	Católica	1	8	5	Pai Mãe Irmãos Avós Maternos	2
P5	13	7º. série Ensino Fundamental	Católica	2	6 15	5	Pai Mãe Irmãos	4

1.2 Método

1.2.1 Participantes

Participaram do estudo cinco adolescentes do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio e idades entre 13 e 17 anos, cujos pais ausentavam-se temporariamente por motivos profissionais. Cabe salientar que a ausência paterna temporária foi entendida, nesse estudo, como o intervalo de tempo de pelo menos dois meses em que o pai permanece fora de casa, em função exigências profissionais.

O fato de serem adolescentes do sexo feminino justifica-se por ser o público que mais freqüentemente busca psicoterapia no consultório particular da pesquisadora. No caso, essas adolescentes passaram por um processo de avaliação para psicoterapia, cuja busca foi motivada por diversas razões, sendo a mais freqüente a existência de problemas familiares, que originavam sentimentos como raiva, desânimo, medos e insegurança. A Tabela 01, a seguir, apresenta os dados demográficos de cada participante, de forma detalhada. Após, encontra-se uma breve descrição de cada uma das adolescentes, visando a uma melhor caracterização das mesmas.

A Participante 1 tinha 15 anos de idade e cursava o 1º ano do Ensino Médio. É a irmã do meio, contando com mais dois irmãos do sexo masculino, de 10 e 17 anos, respectivamente. O pai permanece, em média, dois meses fora de casa, estando há quatro anos trabalhando como caminhoneiro. A mãe trabalha em uma fábrica de calçados. Ambos os pais têm o Ensino Médio incompleto. A adolescente reside com eles e com seus irmãos. A menina buscou ajuda psicológica por conta própria por apresentar sintomas de angústia e depressão, advindos, segundo ela, dessa situação familiar.

A Participante 2 tinha 16 anos de idade e cursava o 2º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de uma prole de quatro filhos de 6, 9 e 12 anos respectivamente. O pai permanece, em média, três meses fora de casa, pois há seis anos trabalha como representante comercial. A mãe trabalha em uma loja de calçado. O pai tem o ensino médio completo e a mãe o ensino fundamental completo. A adolescente reside com os pais e os irmãos, tendo buscado ajuda psicológica por iniciativa própria, embora tenha recebido incentivo por parte da mãe, por considerar que se encontra com depressão; sente-se muito triste, pois entende que a família está muito desorganizada e apresenta muitos conflitos.

Já a Participante 3 tinha 16 anos e cursava o 2º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de quatro filhos, sendo que os outros tem 3, 9 e 12 anos respectivamente. O pai permanece, em média, três meses fora de casa, na profissão de representante comercial, exercendo essa atividade profissional há oito anos. A mãe trabalha em uma farmácia. Ambos com ensino médio completo. A adolescente reside com os pais e os irmãos e procurou ajuda psicológica acompanhada da mãe, visto que sempre se julgou ser alguém feliz e tranqüila, mas recentemente passou a apresentar insegurança e tristeza. Referiu que, mesmo entendendo a situação do pai, sente-se angustiada e deprimida pela situação familiar.

A Participante 4, por sua vez, tinha 17 anos e cursava o 3º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de um casal de irmãos, sendo que o menino tem 8 anos de idade. Mora com seus pais, irmão e avós maternos. Seu pai permanece, em média, dois meses fora de casa, sendo que se encontra há cinco anos exercendo a profissão de caminhoneiro. A mãe trabalha em uma loja. O pai tem ensino fundamental completo e a mãe apresenta o ensino médio completo. A adolescente buscou ajuda, acompanhada da mãe, por estar apresentando medo intenso, sentimentos de solidão e condutas de isolamento, culpando a família por esses sintomas.

Por fim, a Participante 5 tinha 13 anos de idade e cursava a 7^o série do Ensino Fundamental. É a irmã do meio, tendo mais dois irmãos, de 6 e 15 anos. O pai permanece, em média, quatro meses fora de casa, pois trabalha há cinco anos na profissão de caminhoneiro. A mãe trabalha em uma loja. O pai tem ensino fundamental completo e a mãe apresenta o ensino médio completo. A adolescente reside com seus pais e irmãos e vem apresentando comportamentos agressivos, irritabilidade e revolta com os pais. Com este quadro, a adolescente motivou-se a procurar ajuda psicológica por iniciativa própria através de indicações de outras amigas adolescentes.

1.2.2 Delineamento e Procedimentos

A presente pesquisa foi pautada por uma abordagem qualitativo-exploratória. A pesquisa qualitativa, segundo Rey (2002), apresenta-se como um seguimento dialógico que implica tanto o pesquisador como as pessoas que são objetos da pesquisa, em sua condição de sujeitos do processo. Os métodos qualitativos voltam-se à exploração, ao descobrimento e à lógica indutiva. O pesquisador tenta dar sentido à situação, sem impor expectativas preexistentes sobre o fenômeno estudado, tentando entender as múltiplas inter-relações entre as dimensões que emergem dos dados. Além disso, há que se ressaltar que a pesquisa qualitativa favorece a compreensão dos significados da questão em estudo, possibilitando um maior aprofundamento, em detrimento da mensuração e da correlação entre variáveis (Turato, 2005).

Assim, o delineamento adotado não comportou observações que validassem ou refutassem uma teoria, mas que permitissem descobrir pistas originais a respeito da percepção da ausência paterna temporária em adolescentes. Com base nos objetivos do presente estudo, optou-se por uma atitude exploratória de pesquisa, no intuito de oferecer uma maior familiaridade com o problema em questão (Creswell, 2007), diante da escassez de estudos sobre essa temática no contexto brasileiro.

O presente estudo envolveu adolescentes que estavam em avaliação para psicoterapia. A maior parte delas buscou ajuda de forma espontânea, a partir da realização de um contato telefônico, agendando horário com a secretária do consultório da pesquisadora. Em alguns casos, a motivação decorreu de depoimentos de outras amigas e colegas que também estavam em situação semelhante e realizavam acompanhamento psicológico com a mestranda.

No primeiro contato no consultório, era feita uma apresentação da pesquisa para a adolescente e um responsável (em geral a mãe), pois a presença de um responsável sempre é solicitada nessa primeira sessão. Nessa ocasião, explicitavam-se os objetivos do estudo e solicitava-se a autorização para a gravação em áudio das sessões de avaliação para psicoterapia, para posterior transcrição e utilização do material pela pesquisadora. Após estes esclarecimentos, havendo interesse, as participantes e suas responsáveis liam e assinavam um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo A). Cabe salientar que nenhuma delas recusou-se a participar da pesquisa.

Mediante a assinatura do Termo, foi preenchida uma *Ficha de Dados Demográficos das Participantes e de sua Família* (Anexo B). Após, ainda nesse mesmo encontro, deu-se início às sessões de avaliação para psicoterapia propriamente ditas, que foram gravadas e posteriormente transcritas para análise. Embora no período de avaliação a pesquisadora também tenha realizado entrevistas com os responsáveis das adolescentes, foram considerados, para este estudo, apenas os relatos das adolescentes.

As sessões foram realizadas em consultório particular, pela própria pesquisadora, que segue uma orientação psicanalítica no seu trabalho. Cada sessão teve duração de 50 minutos e frequência semanal. O objetivo dessas entrevistas iniciais foi levantar dados sobre a demanda, de forma mais investigativa, como os motivos que despertaram a busca de ajuda, eventuais sintomas e sua gravidade e as expectativas em relação à psicoterapia. Ainda, foram investigados dados relevantes da história pregressa e atual, além de haver sido realizada uma análise do funcionamento egóico (em termos de grau de rigidez, flexibilidade e mecanismos de defesa utilizados), e aspectos do desenvolvimento humano, procurando especificar as áreas que deveriam ser melhor trabalhadas em um trabalho psicoterápico (Cunha, 2006). Ao final, foram realizadas, com as adolescentes e seus responsáveis, entrevistas de devolução, momento em que se realizou encaminhamento para psicoterapia, pela identificação de tal demanda.

Após a finalização da avaliação, as entrevistas das participantes foram transcritas para análise. Foram realizadas em média três sessões com cada participante, gerando um total de 408 folhas para análise, formatadas em letra Times 12, margens 2,5cm, folha A4 e espaçamento 1,5. Em função da quantidade de material coletado e da repetição dos conteúdos trazidos pelas adolescentes, a coleta foi encerrada pelo critério de saturação, usado frequentemente em investigações qualitativas na área da Saúde (Fontanella, Rica & Turato, 2008).

1.2.3 Instrumentos

Nesta pesquisa foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados:

1. *Ficha de Dados Demográficos das Participantes e de sua Família*, para uma breve caracterização dos dados demográficos e familiares de cada adolescente, tais como idade, número de irmãos, dados sobre a profissão do pai, etc.
2. *Relatos das sessões de avaliação para psicoterapia*, realizadas com adolescentes em consultório particular, pela pesquisadora, visando obter informações como motivos de busca de ajuda, eventuais sintomas e sua gravidade e as expectativas em relação à psicoterapia, em um total de duas a três sessões.

1.2.4 Considerações Éticas

Este estudo foi submetido e recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, de acordo com a Resolução 011/2009 (Anexo C). Todas as participantes foram esclarecidas sobre a pesquisa, os procedimentos utilizados, a possibilidade de desistência e, mediante a autorização das responsáveis, assinaram elas também um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Nos casos em que foram identificados a demanda e o desejo, as participantes foram encaminhadas para psicoterapia ao final da avaliação, sendo atendidas pela mesma profissional.

1.2.5 Procedimentos de Análise de Dados

No presente estudo foi realizada a análise de conteúdo qualitativa dos relatos das sessões de avaliação para psicoterapia, visando à descrição das percepções das adolescentes acerca da ausência paterna temporária. Laville e Dionne (1999) apresentam três grandes etapas do processo de análise de conteúdo, que acontecem de modo dinâmico e muitas vezes concomitante: o recorte dos conteúdos, a definição das categorias analíticas e a categorização final das unidades de análise.

Nenhuma regra obriga o pesquisador a iniciar pelo recorte: pode-se se fixar inicialmente as categorias para, em seguida, recortar os conteúdos. As duas operações de escolha das categorias e de recorte dos conteúdos são conduzidas de maneira paralela e se enriquecem mutuamente: os conteúdos sugerem novas categorias, que levam, por sua vez, a uma leitura mais profunda do discurso (Laville & Dionne, 1999). Seguindo essa proposta, foram realizadas leituras e releituras do material, tendo sido identificadas palavras, expressões, frases ou idéias referentes aos temas de interesse (Laville & Dionne,

1999). Tais conteúdos constituíram unidades de sentido. A partir da identificação dessas unidades, passou-se ao recorte dos conteúdos no texto. Conforme os autores, estes recortes devem alcançar o sentido profundo do conteúdo ou passar pelas idéias essenciais. Os elementos recortados passam a constituir-se em unidades de análise, unidades de classificação ou de registro. Assim, os relatos são decompostos para em seguida serem recompostos, a fim de expressar seu significado.

É válido destacar que as categorias analíticas podem ser construídas de diversas formas. No modelo aberto, as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da análise. Já no modelo fechado, o pesquisador decide *a priori* as categorias apoiadas em um ponto teórico que submete freqüentemente à prova da realidade (Laville & Dionne, 1999). No caso deste estudo, por se apresentar alguns temas prévios de interesse, baseados nos objetivos do estudo, foi seguido o *modelo misto*. Neste modelo, as categorias foram selecionadas no início, tendo por base os objetivos do estudo, mas o pesquisador se permitiu modificá-las em função do que emergiu a partir da leitura e da análise do material. Importante considerar que para Laville e Dionne (1999), um bom conjunto de categorias deve ser pertinente, tão exaustivo quanto possível, não demasiado, preciso e mutuamente exclusivo.

A terceira etapa de categorização se refere a uma análise de reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização a partir de um processo interativo, característica do modelo circular da pesquisa qualitativa. O processo permite uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados. Trata-se de considerar uma a uma às unidades através dos critérios gerais da análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma. Uma parte dos elementos dos conteúdos pode já ter sido colocada nas diversas categorias quando a grade, aberta ou mista, foi elaborada a partir desses elementos (Laville & Dionne, 1999).

1.3 Resultados e Discussão

A seguir apresenta-se a estrutura de categorias e subcategorias temáticas derivada da análise das entrevistas. Após, são apresentadas cada categoria com suas respectivas subcategorias. Inicialmente foi feita uma descrição geral dos temas e, após, seguem exemplos de falas das participantes, ilustrativos dos mesmos.

Estrutura de Categorias Temáticas derivada da Análise de Conteúdo Qualitativa

I. Sentimentos, percepções e vivências relacionadas à profissão do pai e à ausência paterna

- Sentimentos e percepções em relação à profissão do pai
- Sentimentos e vivências em relação à ausência paterna

II. Expectativas quanto ao pai e à presença paterna

- Expectativas em relação ao pai
- Expectativas quanto à presença paterna

III. Percepção da adolescente quanto ao pai e à relação pai-filha

- Percepção do pai
- Percepção da relação pai-filha
- Desejo pessoal de ajudar o pai

IV. Percepção da adolescente quanto à mãe, à relação mãe-filha e à relação da mãe com os demais filhos

- Percepção da mãe
- Percepção da relação mãe-filha
- Percepção da relação da mãe com os demais filhos

V. Percepção da adolescente quanto ao seu relacionamento com ambos os genitores

VI. Percepção da adolescente quanto à relação conjugal dos pais

VII. Percepção da adolescente quanto aos irmãos e à relação com os irmãos

- Percepção sobre os irmãos
- Percepção acerca da relação com os irmãos

VIII. Percepção da adolescente quanto ao relacionamento e ao funcionamento familiar

IX. Parentalização da Adolescente

I. Sentimentos, percepções e vivências relacionadas à profissão do pai e à ausência paterna

Nesta categoria foram examinados tanto os sentimentos e percepções das adolescentes em relação à profissão do pai, como também os sentimentos desencadeados pela ausência paterna temporária e as vivências relativas a essa ausência. As falas foram agrupadas em duas subcategorias: *sentimentos e percepções em relação à profissão do pai* e *sentimentos e vivências em relação à ausência paterna*.

Sentimentos e percepções em relação à profissão do pai

Esta subcategoria descreveu os sentimentos e as percepções das adolescentes acerca, especificamente, da profissão do pai. A análise das falas revelou uma não aprovação da profissão do pai, pelas diversas desvantagens acarretadas não apenas para si mesmas, mas também para a família como um todo, incluindo a ausência:

“Eu sempre fui contra a profissão dele, queria ter na verdade meu pai morando com a gente. Só que eu nunca falava isso para ele, que eu acho que ele me conhece a ponto de saber que eu não gostava”. (P1)

“Eu não queria que ele trabalhasse mais na profissão dele. Tenho muita mágoa.” (P2)

“Antes do meu pai trabalhar nisso, era bem diferente. A gente ficava mais junto, a gente brincava mais, saía para passear. Depois tudo isso mudou e estou com muita raiva”. (P3)

“Com essa profissão, tu percebe o quanto se perde com a vida de família, bate uma inveja dos outros. Eu me pergunto: ‘Será que vai ser sempre assim?’ (P4)

“Eu fico cada vez mais com menos paciência com a família, e é por esta situação da viagem” (P5)

Sentimentos e vivências em relação à ausência paterna

Nesta segunda subcategoria foram incluídas todas as falas das participantes referentes aos sentimentos e vivências decorrentes da ausência paterna. Na análise dessas falas destacou-se o sentimento de solidão e de falta, pela ausência do pai. As adolescentes também referiram revolta e desorganização diante dessa ausência:

“Acho que este teste de ficar sozinha ajuda bastante, mas é ruim”. (P1).

“Acho que todo mundo sente falta de um pai de verdade, eu digo, de um homem verdadeiro”. (P2)

“A impressão que tenho é que não moro com o meu pai, e aí me revolto. Certo que ele precisa trabalhar e nos sustentar, mas, se eles quiseram ter filhos, eles precisavam ter pensado melhor. Parecem que querem ter filhos para ter, para dizer que tem. E não se contentam com um. Só que não sabe o quanto a gente sofre com isso e o quanto nossa vida é um saco... (...) Eu fico muito mal quando fico pensando enquanto a gente faz almoço e janta, e percebo um silêncio, parece que a gente é órfão, e fica sempre um lugar em branco. Tu sabe que por muito tempo eu confundia e confundo na hora de colocar talher na mesa? Sempre colocava para o meu pai também. Aí se sofre ainda mais”. (P3)

“E o pior é o final de semana. Falta alguma coisa, nunca parece ser domingo! Aí vem um nó que aperta o meu pescoço e uma sensação muito ruim. E dá a impressão que eu não gosto dele, que eu não amo mais ele (...) Me sinto muito carente e sozinha e acho que isso vem em função de o meu pai não estar presente em casa. É só comparar essas minhas amigas para ver que é diferente. Eu fico pensando também no meu pai”. (P4)

“Se o meu pai estiver em casa, nós conseguimos nos organizar para almoçar e jantar juntos. Quando ele não está, parece que tudo fica desorganizado”. (P5)

Considerando todas as falas desta categoria, nota-se que os sentimentos associados tanto à profissão como à condição de ausência paterna propriamente dita foram, em geral, de raiva, revolta, medo, solidão. Nesse sentido, pode-se justificar a procura dessas adolescentes por um acompanhamento psicológico, devido ao sofrimento psíquico apresentado em decorrência dessa condição familiar. Situação semelhante foi identificada por Souza (2000), embora em contexto de divórcio dos pais. Segundo a autora, o adolescente tende a apresentar sofrimento quando do afastamento de um dos genitores.

Percebe-se também, por parte das filhas adolescentes, uma valorização da participação e presença paterna, corroborando a existência de uma nova imagem social do pai, não apenas como provedor, mas também como participante ativo nos cuidados e na educação dos filhos (Silva & Piccinini, 2007; Peruchi & Beirão, 2007). Pensa-se que talvez esse discurso seja incorporado pelas filhas adolescentes a partir das suas experiências na

escola, da convivência com outras famílias e dos meios de comunicação, além do próprio discurso de suas mães. Nesse sentido, as participantes pareceram bastante intolerantes diante da ausência paterna, confirmando achados de outros estudos que indicam que o valor do pai muitas vezes passa a ser percebido a partir do seu afastamento da família (Eizirik & Bergmann, 2004; Fagan & Iglesias, 1999; Feldman & Klein, 2003).

II. Expectativas quanto ao pai e à presença paterna

Esta segunda categoria examinou diversos aspectos relacionados às expectativas das adolescentes quanto ao pai e à presença paterna, isto é, àquilo que esperavam do pai em termos de comportamentos e sentimentos, bem como à forma como imaginavam suas vidas contando com a presença paterna constante. As falas das participantes foram agrupadas em duas subcategorias: *expectativas em relação ao pai* e *expectativas quanto à presença paterna*.

Expectativas em relação ao pai

Nesta categoria examinaram-se as expectativas das adolescentes quanto à figura do pai. Em suas falas, elas ressaltaram o que esperavam do pai, em termos de comportamentos e sentimentos. Identificou-se um desejo de que o pai fosse mais carinhoso, mais afetivo e que também expressasse um maior conhecimento das suas necessidades. Entretanto, de modo geral os pais não correspondiam às expectativas das participantes. Percebeu-se, inclusive, a existência prévia de um nível maior de expectativas em relação ao pai, em comparação ao momento atual, indicando uma decepção/frustração anterior da adolescente em suas expectativas.

“Aí eu sempre sonhei e queria que o meu pai fizesse isso (demonstração de carinho) também. Já esperei muito isso, mas o máximo que ele veio foi até a porta e de longe me desejou boa noite. acho que foi a minha mãe que pediu que ele fizesse isso. Sempre ia dormir triste, com o tempo, fui aprendendo e não espero mais isso” (P1)

“Eu sempre espero que, quando o meu pai volte, ele dê atenção para a gente, mas, quando ele volta, fica todo o final de semana ou descansando ou na frente da televisão.” (P3)

“Eu esperava do meu pai que ele fosse um outro tipo de homem. Sempre tive na minha cabeça que ele era inteligente, charmoso e que iria sempre me ajudar, ser bem presente, me dando os caminhos, mas isso não vem acontecendo.” (P4)

Expectativas quanto à presença paterna

Nesta subcategoria foram incluídas as expectativas que as adolescentes apresentavam no caso de seus pais estarem mais presentes em suas vidas. Elas relataram imaginar uma grande diferença em relação à forma de perceberem as situações, muito mais positivamente em comparação ao momento atual. Além disso, as adolescentes enfatizaram que o fato de o pai estar presente provocaria mudanças, tanto em algumas características pessoais como no funcionamento familiar. Segundo elas, nem mesmo o próprio pai não se sente confortável com essa situação de ausência:

“ (...) eu seria bem menos insegura.” (P1)

“Eu acho que se o pai estivesse em casa, a minha família seria mais feliz, porque ninguém consegue se sentir feliz deste jeito, nem meu pai. (...) Eu acho que todo mundo ficaria mais tranqüila se o pai parasse com esse trabalho”. (P2)

“Eu não consigo ser feliz desse jeito, a situação de família não muda, é sempre do mesmo jeito. (...) se, ao menos, o meu pai fizesse alguma coisa, mudasse de emprego, voltasse a ficar em casa, ele poderia ajudar e tudo poderia ser diferente”. (P3).

“Eu acho que se o meu pai estivesse junto eu conseguiria ser mais organizada em casa. Por exemplo: horários de alimentação”. (P4)

Por outro lado, as expectativas positivas em relação à presença paterna não foram unânimes, uma vez que também foi possível perceber uma dificuldade das adolescentes de imaginarem a situação de presença paterna:

“Eu já me peguei pensando e me perguntando como seria se o meu pai estivesse presente. Eu não consegui achar uma resposta e nem consegui imaginar isso.” (P2)

“Eu não consigo imaginar como seria se o pai estivesse em casa, sendo um pai bem presente.”
(P5)

Considerando conjuntamente as falas das participantes quanto às expectativas em relação ao pai, percebe-se que, embora por vezes elas tenham expressado não esperar nenhuma atitude diferente da parte dele, isso pareceu muito mais uma forma de se defenderem de novas frustrações do que um desejo real. Tal achado pode ser entendido, dentre outros aspectos, a partir do fato de o adolescente, mesmo querendo e demonstrando independência, ainda precisar do afeto e da presença dos genitores (Mattos, 2005; Soldatelli, 2007). Nesse momento da vida dos filhos, os pais devem demonstrar a habilidade de acolhimento dos momentos de dependência, embora, concomitantemente, também necessitem autorizar a sua independização. No caso dos pais deste estudo, que se ausentam temporariamente, este tipo de conduta pareceu insatisfatória para algumas adolescentes.

As expectativas quanto à presença paterna apareceram idealizadas, o que poderia ser entendido como uma forma de se defenderem das dificuldades enfrentadas no momento atual, pela ausência do pai. É como se, com a presença paterna, tudo pudesse ser perfeito. Contudo, o fato de outras vezes o pai não haver correspondido às expectativas das participantes auxilia na desidealização dessas expectativas. De qualquer forma, independentemente do nível de idealização, estas situações podem gerar conflitos, uma vez que se estabelece um “contrato secreto” na relação com o pai, pois se vislumbra, na verdade, uma falta de comunicação acerca do que cada um espera do outro. Além disso, não se pode esquecer que, conforme Knobel (1981), a forma como as adolescentes percebem o pai e a mãe pode repercutir na elaboração de seus conflitos e também no manejo do meio externo e de suas adversidades.

Estas expectativas pareceram também estar associadas a uma passividade por parte das adolescentes, uma vez que, não havendo movimentos e iniciativa por parte do pai, poderia haver por parte delas uma aproximação, o que nem sempre se percebeu. Espera-se muito dele e, enquanto esse quadro não se altera, todas as atenções ficam centradas na figura do pai. Fica claro, então, que estas expectativas levam a uma situação de vitimização, que pode ter a função de eximi-las de responsabilidades escolares, com a casa e frente aos relacionamentos com mãe e irmãos, culpabilizando o pai pelas dificuldades ou situações desagradáveis e desconfortáveis que vivenciam.

Porém, como mencionado por outros autores (Aberastury & Knobel, 1992; Blos, 1996; Osório, 1992, Steinberg & Morris, 2001), a diminuição do tempo de convivência conjunta entre pais e filhos pode gerar um distanciamento afetivo. Assim, as expectativas que as participantes apresentaram em relação ao pai podem denotar o quanto o consideram importante, mas também o quanto esse distanciamento já está instalado na sua relação com ele. Não quer dizer que os pais não percebam tal distanciamento, uma vez que no presente estudo só se analisou a percepção das adolescentes. Contudo, esse fato pode estar sendo percebido pelas participantes e gerando sofrimento psíquico. Nessa fase, existe realmente uma vulnerabilidade maior para o desenvolvimento de problemas e dificuldades emocionais individuais (Andretta & Oliveira, 2005; Coutinho *et al*, 2005) e familiares (Justo, 2005; Wagner *et al*, 2002).

III. Percepção da adolescente quanto ao pai e à relação pai-filha

Nesta categoria descreveu-se a percepção da adolescente quanto ao pai e à relação pai-filha, incluindo-se também relatos de como elas gostariam que o pai fosse e o seu desejo de ajudar o progenitor. Em virtude disso, os relatos foram agrupados em três subcategorias: *percepção do pai*, *percepção da relação pai-filha* e *desejo de ajudar o pai*.

Percepção do pai

Os relatos das participantes acerca da percepção do pai foram contemplados nesta subcategoria. A partir da análise desses relatos, pode-se evidenciar que, quando o pai retorna, não tem iniciativa, não propõe nada diferente, preocupando-se somente em descansar e ser cuidado, o que desagrada sobremaneira às adolescentes:

“Ele não é de presentear, nem quando volta de viagem. Ele não faz nada diferente, não toma iniciativa, só pensa em descansar”. (P1)

“Às vezes eu considero o meu pai visita lá em casa. Porque ele fica como visita lá em casa, se comporta como visita”. (P3)

As participantes também fizeram referência aos sentimentos e atitudes do pai, quando ele está em casa, destacando-se a irritabilidade e o cansaço:

“Meu pai começou mudar já quando veio morar para cá, mas desse jeito chato, desligado e brabo, ele ficou quando começou a viajar”. (P1)

“No fundo eu acho que o meu pai preza a família que tem, mas ele precisa ser diferente. Eu sei que muitas vezes ele preferiria estourar, mas fica quieto, e sei que está bastante estressado. Eu sei que viajar não é fácil”. (P3)

“O meu pai está impossível! Não admite que erra, diz que está tudo ruim, mas não faz nada diferente.” (P5)

O alcoolismo também apareceu como um problema recorrente dos pais, segundo as entrevistadas, gerando uma preocupação constante para elas:

“Ele gosta de bebida e tenho medo, como ele dirige, que um dia desses ele se acidente. Quando ele está viajando, a gente costuma se falar por telefone, aí eu sempre pergunto se ele está bebendo e ele diz que bebe só quando está contente ou quando está triste, então tu vai entender o que?” (P2)

“Eu sei que ele se sente desamparado e a bebida é a compensação, mas ele precisa querer se ajudar, não vai chegar a lugar algum. Ele não conversa, ele manda e assim, critica muito e não é só comigo, com a mãe também”. (P3)

“E quando ele está bêbado ele parece uma criança, a criança da casa, não o pai.” (P4)

Não dar atenção, não fazer agrados e ser desligado também foram referidos na descrição do pai:

“Sabe, ele não dá atenção à família; prefere ficar com os amigos. Acho que é porque eles falam de assuntos que ele gosta.” (P2)

“Meu pai não me valoriza, nunca me cuidou em função da profissão, não é carinhoso, nunca fez as minhas vontades (...) nunca cuidou da gente, sempre foi desligado.” (P3)

“E o problema é que o meu pai não me dá atenção, e isso está me desgastando”. (P4)

“Como já te falei, o pai agora não faz mais agrados quando volta”. (P5)

Percepção da relação pai-filha

Nesta subcategoria foram descritas todas as falas das adolescentes referentes à percepção da sua relação com o pai. Dentre as características desta relação, destacou-se o fato de o pai ser muito crítico e controlador para com elas:

“Meu pai é muito brabo. Ele me controla o tempo inteiro, não quer que eu mexa nas coisas dele, por exemplo, o celular”. (P1)

“Acho que eu fico assim porque o meu pai não me entende, sempre foi muito crítico, principalmente antes de ter a depressão. Mas um dia eu falei para ele: ou ele começava a dar mais atenção para mim ou eu preferia morrer!” (P3)

“... o meu pai faz falta, mesmo sabendo que, quando ele está em casa, ele sempre é muito crítico, não me elogia e vive me criticando.” (P4)

Uma outra característica da relação, presente nos relatos das adolescentes, segundo a sua percepção, é o fato de o pai não propiciar autonomia para elas:

“Tem coisas que tu não vai acreditar! Por exemplo, outro dia fui cortar o cabelo em outro lugar. E meu pai, quando voltou de viagem, não gostou e, simplesmente porque ele não gostou, proibiu que eu cortasse de novo daquele jeito, não deixando nem ouvir a minha opinião”. (P1)

“Eu para te dizer a verdade estou bem desanimada com a vida. Eu nunca na minha vida consegui fazer o que quis. Você sabe o quer dizer isso? Eu queria estar trabalhando, ter algum serviço, mas o meu pai não me deixa, fica se queixando o tempo todo que precisa sustentar a casa e que eu dependo dele (...) Ir a algum lugar que meus pais querem... Eu penso ‘Tem que ir, senão o pai não vai gostar’. Nunca eu consegui me expressar direitinho com ele, falar o que tinha que falar”. (P2)

“Porque o meu pai é inseguro, ele não dá apoio. Ele controla a gente só pelo dinheiro”. (P5)

Uma participante referiu brigas frequentes entre ela e o pai, por motivos que julgou irrelevantes:

“O que mais me chama atenção que brigamos por coisas sem sentido, por exemplo, caixinha de CD, borracha, lápis, e depois que paro para pensar percebo que nem tinha importância”. (P1)

As adolescentes também confessaram pensar muito no pai, demonstrando afeição e preocupação para com ele:

“Penso muito no meu pai, no jeito dele, mas não costumo muito ter o apoio dele, mais ainda depois que ele começou a viajar”. (P3)

“Eu penso nele dia e noite, meu pensamento está sempre conectado com ele, por isso que eu acho que eu não consigo me sentir mais leve, porque eu estou sempre dividida”. (P4)

Desejo pessoal de ajudar o pai

Nesta subcategoria procurou-se examinar o desejo apresentado pelas adolescentes de ajudar o pai, especialmente na superação do alcoolismo, mencionando formas variadas para tanto:

“Queria ajudar mais o meu pai, mas não sei como posso. Queria ter dinheiro, ser rica, ser independente, vencer na vida, ter um emprego, mas sou de menor. Já procurei, mas ninguém quer dar”. (P1)

“Domingo passado fui a um culto evangélico com minha família. Eu até queria me converter, porque poderia depois ajudar meu pai a se converter também, porque quem se converte deixa de beber e fumar. Mas cogitei com ele por telefone e ele não se empolgou”. (P2)

“Eu queria que meu pai procurasse ajuda, fosse para um AA. Mas ele não gostou da idéia, porque ele diz que ele não é alcoólatra. Ele diz que tem gente bem pior”. (P3)

Tomando como referência essas falas, percebe-se que as participantes percebem o pai como alguém que não fornece segurança e nem apoio. Isso parece acontecer principalmente pela conduta do pai ao retornar para casa, não se mostrando presente e afetivo. Sabe-se que este envolvimento poderá influenciar a qualidade dos relacionamentos dos adolescentes, como visualizado em outras categorias deste estudo, pois pode interferir diretamente na formação e consolidação do seu autoconceito (Dekovic & Menis, 1997).

Já quando retornam para casa, os pais parecem querer ter um controle que não conseguem exercer quando estão fora de casa, o que foi percebido pelas participantes como um desestímulo à conquista de autonomia. Outros estudos, como os de Coley e Medeiros (2007) e Carlson (2006), também evidenciaram um maior benefício para os adolescentes que viviam com seu pai em relação à aquisição do senso de responsabilidade e autonomia, em comparação com os adolescentes que não conviviam. Por outro lado, os achados do presente estudo contrariam aqueles de Muzza e Costa (2002), que identificaram que, em contextos de ausência do pai, este, ao retornar para casa, encontra dificuldades para impor autoridades e se fazer respeitar, comprometendo o senso de responsabilidade, o dever, as normas e limites. Conforme a percepção das adolescentes entrevistadas, o pai consegue ser a figura de autoridade quando está presente, exercendo tal função muitas vezes de forma autoritária (criticando, desqualificando, fornecendo pouco afeto), prejudicando a própria qualidade da relação pai-filha.

Assim, afora a distância física durante o período de ausência, ficou claro que as reações do pai ao retornar para casa colaboram para manter uma distância afetiva e um tempo reduzido de convivência conjunta com a filha, suscitando reações e sentimentos de abandono e rejeição por parte das mesmas, evidenciados em suas falas. Tal situação, conforme Felzenzwalb (2003) pode colocar em risco a formação de novos vínculos pela adolescente, em decorrência da insegurança. Nesse sentido, Dekovic e Menis (1997), investigando essas questões com pai e filhos adolescentes, verificaram que a qualidade do relacionamento com o pai (aceitação, simpatia e envolvimento) estava positivamente relacionada à qualidade do relacionamento dos adolescentes com seus amigos e com o seu autoconceito em geral, o que neste estudo também se confirma, a partir das dificuldades das participantes para manter ou estabelecer relações de amizade (ver Artigo Empírico, Seção 3).

Outro aspecto de destaque foi o alcoolismo, que pode estar indicando um adoecimento psíquico desses homens. Não se sabe as razões para tanto, mas considera-se que uma delas poderia ser a culpabilização e a desqualificação sofrida dos próprios familiares, uma vez que os problemas e dificuldades do grupo familiar tendem a ser atribuídos ao pai e à sua profissão. Assim, a dependência ao álcool parece funcionar como uma “válvula de escape”, como uma forma de aliviar o sofrimento, esquecê-lo ou para controlar estados de humor (Pereira & Sudbrack, 2005).

O desejo de ajudar, evidente nas falas das participantes, emergiu como uma tentativa de facilitar a presença paterna. Um emprego bem remunerado poderia, na percepção das adolescentes, otimizar uma mudança profissional do pai, uma vez que a justificativa para a mesma é a possibilidade de suprir as necessidades financeiras da família. De fato, estudos têm mostrado que a participação do pai como provedor financeiro é importante, permitindo acesso a uma alimentação de melhor qualidade, mais oportunidades de lazer e melhores cuidados para com a saúde (Black *et al*, 1999, Coley, 1998, Dubowitz *et al*, 2001, Dunn, 2004). No entanto, para as participantes, esse não parece ser um motivo relevante, comparado aos demais. Elas parecem valorizar muito mais a afetividade do que o aspecto financeiro, justamente porque é isso que lhes parece fazer falta nesse momento.

IV. Percepção da adolescente quanto à mãe, à relação mãe-filha e à relação da mãe com os demais filhos

Esta categoria considerou os relatos das participantes referentes à percepção da mãe, da relação mãe-filha e da relação da mãe com os demais filhos. Os relatos foram agrupados, então, em três subcategorias: *percepção da mãe*, *percepção da relação da mãe-filha* e *percepção da relação da mãe com os demais filhos*.

Percepção da mãe

Esta subcategoria diz respeito às percepções da adolescente acerca da própria mãe. Essa foi descrita como sendo uma pessoa independente, solitária, estressada e sobrecarregada em função da ausência do pai. Esta sobrecarga foi entendida como um excesso de atribuições, incluindo desde as responsabilidades para com os filhos, até os cuidados e tarefas da casa, o próprio trabalho e o controle das finanças familiares.

“Eu admiro muito a minha mãe, por exemplo, a mãe negociou sozinha um novo lugar para a gente morar. A gente pagava aluguel, mas agora a gente comprou um apartamento, só que desde escolher o lugar até a forma de pagamento, foi ela quem foi atrás. Ela reclama muito sabe, mas às vezes eu percebo que parece que ela gosta de ser sozinha. Não sei, se ela pudesse ter o meu pai perto, se ela ia conseguir se divertir com ele. Aí, quando ela consegue alguma coisa, ela faz questão de dizer que foi ela que conseguiu, como se fosse sonho dela. Um exemplo é o

apartamento: porque ela foi atrás, então é sonho dela. Mas a sensação é sempre a mesma, de estar sozinha.” (P3)

“Eu sei que a minha mãe anda muito estressada, preocupada e sempre diz para a gente que, se não fosse por ela, a gente estaria perdida. E ainda fala ‘Eu consigo fazer as coisas sem ter ninguém junto comigo!’. Mas depois eu comecei a reparar que ela fala isso no começo e depois diz: ‘Meu Deus, eu acho que eu não vou dar conta!’. Tem medo que a gente fique doente, porque aí ela precisa se virar sozinha.” (P5)

Mais especificamente, as adolescentes referiram perceber mudanças nos comportamentos e atitudes da mãe nos períodos de presença e de ausência do pai. No caso, a mãe parece ficar bem enquanto o pai permanece em casa, em contraste aos períodos em que ele viaja:

“E eu vejo que a minha mãe sofre muito. Ela leva uma vida muito agitada. Mas quando o meu pai está viajando, ela fica uma pessoa morta, acomodada.” (P3)

“Minha mãe também muda com o meu pai em casa, fica mais viva, mais feliz.” (P5)

Percepção da relação mãe-filha

Esta subcategoria enfatizou as percepções das participantes quanto à sua relação com a própria mãe. Em geral, elas mencionaram não receber da mãe a atenção que gostariam:

“Às vezes, eu preferiria que ela ficasse sem emprego, pois ela poderia dar mais atenção para a gente. Mas antes de ver ela assim, prefiro que ela consiga logo um emprego.” (P1)

“Eu sei que o meu pai reclama que minha mãe me dá muita atenção, me protegendo, o que eu não concordo, acho que ele está exagerando, porque não acho que a mãe faça isso.” (P2)

“É muito estranho, porque ao mesmo tempo que ela me controla bastante, ela não dá a atenção que eu queria.” (P5)

Outra característica da relação mãe-filha, na percepção das participantes, é o fato de as mães tentarem envolvê-las em afazeres, principalmente domésticos. À medida que as mães precisam solicitar para que as filhas façam tais atividades, reclamam que as mesmas não apresentam iniciativa para ajudar. Contudo, segundo as adolescentes, quando elas se envolvem nestes afazeres, esperam um reconhecimento da mãe, que, na maioria das vezes, não acontece, desmotivando-se para auxiliá-la em oportunidades futuras.

“Eu ajudava a minha mãe a limpar os vidros da casa, mas não faço mais, porque ninguém reconhece.” (P3)

“A minha mãe diz que sem ela, a gente não se viraria, mas eu acho que ela também se sentiria assim comigo, porque eu ajudo ela bastante. Ela também precisa de mim, mesmo eu me achando sem iniciativa e coragem.” (P4)

“Porque se eu estiver em casa, a mãe diz que eu preciso fazer alguma coisa em casa, porque se ela não faz, ninguém vai fazer”. (P5)

Percepção da relação da mãe com os demais filhos

Esta subcategoria foi composta pelos relatos das adolescentes que se referiram à percepção quanto ao relacionamento da mãe com seus irmãos. Emergiram relatos da mãe “mimando” os irmãos, tendo dificuldades de impor regras e limites:

“Eu sei que ele é muito mimado. e sabe por que ele é assim? Porque ela ameaça de castigo, mas não cumpre.” (P3)

“A mãe tenta compensar a ausência do meu pai com muitos presentes. Uma hora é a bicicleta, outra hora é o videogame, depois foi o computador. Deixa ele bem à vontade, com toda a liberdade do mundo para fazer o que quiser fazer. Mas conversar ela não conversa muito, principalmente sobre o meu pai. O meu irmão acha minha mãe super querida, também, faz todas as vontades!” (P5)

Uma participante considerou melhor o relacionamento dela e da mãe em comparação ao relacionamento da mãe com o irmão, pela ausência de diálogo entre eles:

“Minha mãe consegue conversar bem comigo, mas com o meu mano não. Não conseguem conversar normal, ela tem muitas coisas para fazer e daí eu acho que ele escapa para não tentar conversar.” (P2)

Analisando-se todos os relatos desta categoria, verifica-se que as participantes perceberam as mães como estando sobrecarregadas e cansadas. Tal percepção pareceu estar relacionada à maneira como elas percebem que as próprias mães caracterizaram o papel materno: excesso de atribuições e receio de ter que dar conta de tudo sozinha. Interessante notar que as participantes mais velhas referiram mais explicitamente uma associação entre a sobrecarga e cansaço da mãe e a ausência física e emocional do pai.

Dentre os elementos que caracterizaram o desempenho do papel materno nessas famílias, encontrou-se ainda a necessidade de imposição de limites. Por não contarem com a presença efetiva do parceiro, as mães acabam tendo que assumir esta função disciplinadora, necessitando tomar decisões e resolver problemas, sem poder protelá-los para o retorno do pai (Gomes & Resende, 2004). Isso parece gerar dificuldades para as mães que, conforme a percepção das adolescentes, nem sempre obtêm êxito nessa tarefa. Além disso, pela necessidade de se impor, as mães parecem não estar conseguindo fazer o oposto: expressar carinho e atenção para com os filhos.

Desse modo, pareceu que as mães tornam-se sobrecarregadas por desempenhar atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres e aos homens no exercício das funções parentais. Ao mesmo tempo, os filhos as legitimam como mãe e pai deles, o que as leva a adquirir algum tipo de valorização pessoal por isso. Esses achados reforçam a afirmação de Eizirik e Bergmann (2004), que indicam a importância fundamental da mãe nas situações de ausência do pai frente ao desenvolvimento dos filhos. No caso, o fato de a mãe estar mais próxima dos filhos colabora para que os membros da família não se dêem conta da parceria do casal parental, o que, por sua vez, serve para excluir ainda mais o pai, pois, ao retornar para casa, este espaço ocupado pela mãe não é “devolvido” ao pai.

Além disso, a assunção de tantas responsabilidades pela mãe faz pensar no aspecto que nem sempre puderam contar com o parceiro para a educação e cuidado da prole (Dantas, Jablonski & Carneiro, 2004). Tal funcionamento também nos remete à dinâmica de uma família monoparental (Roudinesco, 2003). De qualquer forma, os achados dessa categoria são preocupantes, pois indicam que a carência afetiva dessas adolescentes não é suprida pelas mães, elas mesmas bastante envolvidas em suas próprias carências e

dificuldades. E que os seus irmãos, que não buscaram atendimento psicológico, podem estar vivenciando também um nível importante de sofrimento psíquico.

V. Percepção da adolescente quanto ao seu relacionamento com ambos os genitores

Esta categoria abrangeu as falas das adolescentes que indicavam a sua percepção acerca do relacionamento com ambos os genitores (pai e mãe). Nessa análise mais global, destacou-se a falta de atenção e de reconhecimento por parte dos genitores, bem como cobranças e exigências deles para com elas:

“(...) agora, que as minhas amigas me dão muito mais atenção que a minha mãe e o meu pai, isso é verdade!” (P1)

“... ganhei medalha como melhor jogadora. Eu gostei. Cheguei em casa e logo contei para a mãe e o pai, mas eles nem me elogiaram (...) Eu passei uma infância muito pobre, meus pais sempre foram muito rígidos, nunca incentivaram para estudar.” (P2)

“E os meus pais sempre me cobraram também. Eles dizem: ‘Tu tem que ser a melhor!’” (P5)

A análise dos depoimentos indicou que as adolescentes não parecem considerar seus pais e mães como uma fonte de apoio à qual podem recorrer diante de dificuldades (Pratta & Santos, 2007). O fato de esses pais serem rígidos e exigentes, conforme a percepção delas levanta um questionamento sobre a existência de algum exagero das adolescentes nesse sentido ou de um controle real dos pais sobre as filhas, por conhecerem a realidade e as características desta fase. Em todo caso, um estilo parental autoritário pode levar à adoção de um comportamento socialmente desejável pelas adolescentes e à evitação de comportamentos indesejáveis (Moraes, *et al*, 2007). Contudo, tal estilo tende a prejudicar o desenvolvimento da autonomia e da independência dos filhos, aspecto que repercute na sua auto-estima e autoconfiança.

Ainda há que se comentar a referência das adolescentes à maior atenção recebida por parte das amigas, em comparação aos pais. Até certo ponto este movimento impulsiona o afastamento da família rumo ao grupo de iguais, o que possibilita ao adolescente buscar novas identificações para o desenvolvimento da sua identidade adulta (Saito, 2000), bem como contribui para a evolução da personalidade e da cognição (Maas, 2006). Entretanto,

há que se ressaltar que, nesses casos, este movimento pode ter mais um cunho defensivo, isto é, a busca dos iguais ocorreria em função de uma carência afetiva e não somente por um movimento de independência e busca de autonomia, esperado nessa fase.

VI. Percepção da adolescente quanto à relação conjugal dos pais

Este tópico considerou a percepção das adolescentes quanto ao relacionamento conjugal dos pais. Elas relataram brigas constantes do casal, motivadas por diversas razões:

“No sábado vou passar o dia na casa de uma amiga, vou dormir lá, porque não agüento ver eles brigarem por pouca coisa, detalhes. E ora um tem razão e outro briga, ninguém quer admitir” (P1)

“A mãe trabalha numa loja de calçados como vendedora e eles acabam brigando bastante, porque o meu pai disse que minha mãe não tem tempo para ele. Mas é o contrário, só que ele não enxerga isso.” (P2)

“Me lembrei da última vez que meu pai tava em casa. Ela brigou com o meu pai, porque ele bebia. Quando chegou em casa, o pai acabou brigando com ela e ela se arranhou. Ela usou isso como pretexto para ficar de vítima e não querer ir a um jantar dançante, onde até eles tinham o ingresso.” (P3).

“Esta semana meus pais brigaram por telefone. Acho que eles não estão se dando bem e isso me deixa muito triste. Eu pergunto o que está acontecendo, mas ele não me diz. A minha mãe fala que não adianta ter um homem que chega uma vez a cada três meses, que chega na sexta, deita no sofá e fica de pijama. Pior é que ela tem razão, porque é isso mesmo que acontece.” (P4)

“Sabe, eu gosto de ver o meu pai e minha mãe juntos, mas quando o meu pai está em casa, eles brigam bastante por causa de dinheiro. E mesmo que seja só no final de semana, quando o meu pai está em casa, eles estão sempre se implicando, nem consigo saber quem tem mais razão deles dois” (P5)

Constatou-se, entre as participantes, uma percepção de insatisfação da mãe com a relação conjugal e um desejo de se divorciar, que não parece ser efetivado, dentre outros

motivos, por uma insegurança pessoal e pela dependência econômica em relação ao marido:

“Minha mãe já pensou em se separar do meu pai por causa do trabalho dele” (P1)

“Eu já perguntei para a minha mãe por que ela se queixa do meu pai, mas não larga dele. Ela sempre responde ‘E o que vai ser de mim?’. Diz que passou a maior parte da vida com ele e não consegue imaginar como poderia ser diferente” (P2)

“A mãe já pensou em se divorciar, mas depois ela diz que fica pensando que é ele que sustenta a gente (...) A minha mãe se inscreveu num curso de reiki, mas o meu pai já disse que não é para ela trabalhar nisso. Mas ela disse que quer tirar proveito para ela e para a gente e para melhorar a relação com o meu pai. Eu andei reparando que ela não faz muita questão de ligar para o meu pai ultimamente. Disse que ele só liga por ligar, parece que não está tão preocupado, então está perdendo a graça” (P3)

“Eu sei que a minha mãe tem vontade de se separar, mas não consegue, porque ela também é insegura (...) A minha mãe se defende, diz que não tem mais saco com homem em casa. Ela disse que, quando ele vai viajar, não tem ninguém que incomoda.” (P4)

“Ela sabe que pode contar pouco com o meu pai. Ela tem que se virar com tudo” (P5)

Por outro lado, as participantes referiram algumas iniciativas do pai, no sentido de tornar o relacionamento conjugal mais harmonioso. Contudo, tais iniciativas foram consideradas pouco exitosas:

“Meu pai às vezes faz alguma coisa de certo. Num dos dias que ele tava em casa, ele passou em cinco padarias no domingo para encontrar pão e a mãe nem agradeceu. A minha mãe diz que não valoriza o café da manhã.” (P1)

“Eu falo até bastante com o meu pai por telefone. Ele tenta se defender, diz até que pensou em comprar um buquê de flores, mas que não estava com muito dinheiro. Ela fala que ele chegou com uma ferida nos lábios e que já ficou com ciúmes.” (P2)

No entanto, também foram encontrados, entre as participantes, relatos de uma relação harmoniosa:

“[A minha mãe] considera o meu pai um amigo dela, mesmo ele morando longe da gente. Até acho que se dão bem, comparando com tudo o que passaram. Acho que eles têm um sentimento muito forte” (P5)

De forma geral, as falas das adolescentes indicaram uma percepção de dificuldades no relacionamento conjugal, enfatizadas pelas mães. A profissão do pai, e sua inerente ausência, apareceram como motivos originários de queixas das genitoras. Contudo, é a insegurança pessoal das mães que, na percepção das adolescentes, as impede de tomar uma decisão pela separação. Tais achados corroboram a afirmativa de Engle e Breaux (1998), de que, para se ter uma qualidade no investimento do pai em relação aos filhos, é necessário considerar vários fatores, dentre eles, o casal residir junto e manter uma relação harmoniosa. De fato, as dificuldades das adolescentes em relação aos pais e às mães já foram mencionadas em categorias anteriores, apontando nessa direção.

O fato de o pai não propiciar uma maior autonomia e independência à esposa, também gera uma insatisfação nessas mulheres que, por outro lado, precisam se comportar de forma mais independente na sua ausência, assumindo a totalidade das responsabilidades para com os filhos e a casa.

As diversas queixas dessas mulheres, conforme o relato das adolescentes, perduram enquanto o marido está fora de casa. No seu retorno, dão lugar a freqüentes brigas, que reforçam ainda mais a desarmonia conjugal e impedem o fortalecimento de uma parceria entre o casal. Assim, estas mulheres sentem-se desvalorizadas e parecem projetar, como as adolescentes, a causa de suas dificuldades na profissão do marido. Esta dinâmica pode ser compreendida, dentre outras coisas, também como um exemplo das mudanças e transformações sociais que as famílias sofrem atualmente (Cia, Williams & Aiello, 2005; Straube *et al*, 2003) em função da trajetória profissional dos genitores.

Em alguns casos, há que se considerar que a falta de incentivo por parte do marido às iniciativas profissionais das mulheres, percebidas pelas adolescentes, poderia ser uma forma de valorização pessoal. Assumindo o papel de provedor da família (Gomes & Resende, 2004), esses homens poderiam obter algum tipo de reconhecimento e de *status* nesse contexto, perdidos pelo seu distanciamento físico e psíquico decorrente da

profissão. De fato, a situação de as mães assumirem os compromissos e atribuições da casa parece impedir que família perceba a necessária contribuição econômica do pai. Esse aspecto se torna evidente, todavia, quando as mães se deparam com essa realidade como um obstáculo ao divórcio. De qualquer forma, se pode questionar se haveria um real desejo de separação dessas mulheres, servindo o aspecto econômico apenas como mais um motivo para não se tomar uma decisão pela separação.

É compreensível ainda que as participantes tenham considerado mais as queixas da mãe em detrimento das queixas do pai, pois convivem mais com ela. De outra forma, as adolescentes podem estar indicando, com esse posicionamento, uma identificação com suas mães, como uma figura feminina desvalorizada, insuficiente para garantir a permanência do pai/marido em casa. Além disso, esse panorama de dificuldades conjugais talvez se deva ao fato de as adolescentes desse estudo constituírem um grupo à parte, que apresenta sofrimento psíquico e que, por isso, buscou atendimento psicológico, já que essa busca por um dos membros da família pode indicar uma dificuldade de todo o sistema familiar (Pardal, Banit & Wanderlei, 2008).

Por fim, embora menos expressivos, os relatos de harmonia conjugal indicam o quanto uma relação ancorada na amizade e na parceria favorece sentimentos de segurança nos filhos, por permitir uma melhor divisão de tarefas e responsabilidades para com os mesmos (Braz, Dessen & Silva, 2005). Seria importante um estudo mais aprofundado para se compreender as razões pelas quais, em algumas famílias, a relação conjugal ainda pareceu estar preservada.

VII. Percepção da adolescente quanto aos irmãos e à relação com os irmãos

Esta categoria englobou os relatos das adolescentes indicativos de sua percepção quanto aos irmãos e à relação estabelecida com eles. Os relatos foram agrupados em duas subcategorias: *percepção sobre os irmãos* e *percepção acerca da relação com os irmãos*.

Percepção sobre os irmãos

Nesta subcategoria foram agrupados todos os relatos das participantes que se referiram aos irmãos, especialmente suas características psicológicas e seus comportamentos. Ressaltaram-se a agressividade, a carência e a falta de tolerância às frustrações, características associadas pelas próprias adolescentes à ausência do pai:

“Eu acho, por exemplo, que o meu irmão é desse jeito, por causa do meu pai. Até as professoras comentam isso. Interessante que meu irmão comenta que não sente falta do meu pai, mas no fundo eu acho que ele sente, mas não quer falar para não ficar aborrecido”. (P1)

“O meu irmão é um menino alegre, um pouco envergonhado, bem sensível, chora fácil, e tem uma coisa que ele não suporta: que falem com grito com ele” (P2).

“O meu irmão tem bastante amigos, gosta de bichinho, mas eu sei que ele é muito mimado” (P3)

“O meu irmão está cada vez mais agressivo. Na escola ele tá indo mal e isso tá deixando a minha mãe também preocupada. O meu irmão é um guri que não tem amigos, não gosta de bichos, tem muito ciúmes de mim e fica muito brabo quando contrariado” (P4).

“Eu acho sinceramente que a gente compensa. O meu irmão quer fazer, chamar atenção, e eu não quero ficar assim (...) Outro dia o meu irmão falou que tem bastante amigos e tem mesmo. Mas ele disse que gostaria na verdade de ter o pai em casa” (P5).

Foram mencionadas ainda a desvalorização e a baixa auto-estima como características dos irmãos:

“Um dia desses ele me falou que ele era inteligente, mas que agora não é mais. Aí eu perguntei por que. Ele disse que no jardim tinha uma profê que sempre elogiava tudo o que ele fazia e que em casa também faziam isso e que depois nas outras séries nem as outras profes e nem os meus pais. Só que coincidiu com a história do meu pai começar a viajar, porque depois disso ele não fez mais agrados” (P5)

Foi identificada até mesmo uma revelação de abuso sexual sofrido pelo irmão:

“Ele teima muito quando quer conseguir algo. Tenta, tenta e, quando não consegue, ele vira bicho, chora, esperneia, se joga no chão e fica difícil até contornar. Mas o que realmente eu preciso te contar tem a ver com outra situação. Meu irmão foi abusado sexualmente por duas ocasiões. Ele está tendo acompanhamento psicológico, mas agora sou eu que preciso, porque culpo muito meu pai por isso ter acontecido. A primeira vez, com dois anos de idade. Meu pai para variar estava viajando, minha mãe sempre trabalhou fora e na época a gente tinha uma empregada que tomava

conta da casa e do meu irmão. E ela aproveitou esse momento e acabou abusando do meu irmão. Isso aconteceu duas vezes. Minha mãe confiava muito nela, ela se mostrava honesta, era evangélica e passava uma impressão de pessoa boa, querida” (P5)

Percepção acerca da relação com os irmãos

Esta subcategoria foi composta pelas falas das adolescentes acerca da percepção da sua relação com os irmãos. Chamou a atenção que, mesmo tendo irmãos, as participantes referiram se sentir sozinhas, denotando um relacionamento distante e pouco harmonioso, semelhante ao modo como perceberam, de modo geral, o relacionamento conjugal dos pais:

“Ela implica muito comigo. Ontem nós brigamos até às 23h. Ela me bateu e aí fui reclamar com a mãe e ela disse que o próximo que provocasse ela ia bater. Aí eu fui dormir e a R. pegou uma foto minha e jogou embaixo da porta, escrito ‘Que feia!’. Aí eu mostrei para a mãe, mas ela não cumpriu a promessa (...) Se pudesse, levaria duas amigas para morar com a gente. Me sentiria menos sozinha. Poderia trocar pelas minhas irmãs” (P1)

“Eu tenho irmãs e um irmão, mas me sinto muito sozinha. Quanto as minhas irmãs, de uma eu gosto mais, a outra eu odeio. Ela implica muito comigo, sempre inventa alguma coisa para implicar. Eu já tentei não levar a sério, mas acabo estourando com ela. Ela inventa qualquer coisa para gozar da minha cara” (P3)

Tomando-se conjuntamente as falas das participantes, constata-se que as adolescentes percebem o(s) irmão(s) como sendo agressivos, carentes afetivamente, intolerantes e retraídos/isolados, avaliando diferentemente de seus amigos e amigas. Não se pode desconsiderar que os adolescentes tendem a se interessar por indivíduos da mesma faixa etária, com os quais se identificam, o que lhes auxilia na aquisição de novas idéias e comportamentos (Roershs, 2006). Sendo assim, explicar-se-ia o desconforto e a sensação de solidão presentes na relação com os irmãos.

Contudo, esse achado de relacionamentos fraternos pouco harmoniosos mais uma vez pode estar indicando um sofrimento do grupo familiar. Isso porque, até certo ponto, é considerada normal a rivalidade nas relações fraternas. Porém, nesses casos, se percebeu também uma falta de proximidade afetiva e de apoio entre os irmãos, ou dos irmãos em

relação à adolescente, característica que também costuma estar presente em uma relação fraterna (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

É claro que as participantes podem estar se vitimizando ao relatarem as situações dessa forma. Também não se pode esquecer que nessas famílias elas muitas vezes assumem alguns cuidados com os irmãos (ver categoria IX), o que pode estar gerando revolta e se refletindo no tipo de relação estabelecida entre eles (de caráter muito mais parental do que fraternal). De qualquer forma, também se pode pensar que os pais e mães estejam falhando no auxílio aos filhos na negociação dessas relações, dentre outros aspectos, pela sua ausência.

Entretanto, há que se ressaltar que o fato de quaisquer comportamentos inadequados por parte dos irmãos serem motivo para as adolescentes desqualificarem e culpabilizarem o pai pode servir como uma forma de deslocar a real responsabilidade de cada um nessa relação, além de não propiciar a análise de cada um nesse contexto e nem do entendimento do próprio irmão. De qualquer modo, chamou a atenção o sofrimento psíquico que os irmãos também parecem estar vivenciando, tendo em vista os comportamentos e sentimentos apresentados por eles, na percepção das adolescentes.

VIII. Percepção da adolescente quanto ao relacionamento e ao funcionamento familiar

Esta categoria considerou os relatos das adolescentes sobre os relacionamentos familiares, levando em consideração a dinâmica do grupo familiar. A grande maioria das adolescentes identificou uma falta de comunicação entre elas e seus pais. Tais falhas desencadeiam tristeza e desânimo nas adolescentes, conforme o seu depoimento:

“Uma das coisas que me deixa triste é a minha família. Ela é toda errada.” (P2)

“Minha família me deixa triste e decepcionada, porque a gente não se fala.” (P3)

“Mas na minha família quase não se conversa, nem entre a minha mãe e o meu pai e nem entre eu e meu pai e minha mãe e irmãs.” (P4)

Os programas familiares, segundo as participantes, também não costumam ser decididos conjuntamente e acabam gerando reclamações, justamente pelo fato que, segundo elas, tais programas atendem somente as preferências do pai, pois são realizados com o grupo de amigos dele ou com familiares:

“Nas poucas vezes que saímos em família, os programas são ir na casa dos amigos dele, que só ele gosta, porque na verdade a gente gostaria de fazer alguma coisa só a nossa família.” (P2)

“Eu já perguntei para o meu pai porque ele gosta de fazer certas coisas que quando volta para a casa. Ele sempre diz que gosta de pescar com os amigos, mas que isso é um hobby porque ele fica muito estressado e que não é como a gente pensa, que ele quer fugir da gente.” (P3)

“Quando o meu pai voltar, dessa vez ele volta no final do mês que vem, estão programando para irem visitar a minha avó, mas a minha mãe não quer ir, pois o meu pai nem se quer pede se ela quer ir (...) Além disso, gosta muito de pescar com os amigos, é um hobby, o problema é que ele abandona a casa e deixa todo mundo indignado.” (P4)

“Aí ele pode fazer o que quer e nós não. Até porque nem sei o que gosta ou o que a minha família gosta.” (P5)

A mãe, nesse contexto, como comentado em categoria anterior, é percebida pela adolescente como estando sobrecarregada, por fazer tudo para os filhos e até mesmo para o marido, pela ânsia de ajudar e agradar:

“Mas a minha mãe tem um grande defeito. Ela fica falando que vai contar tudo para o meu pai quando ele chegar de viagem, só que outro dia vi ela falando para uma vizinha que ela não quer preocupar mais e que, quando ele volta, ele quer e precisa descansar.” (P1)

“A minha mãe sempre criou a gente de forma a gente depender dela, tanto que hoje ela fica mandando a escovar os dentes, ajuda o meu irmão a tomar banho e olha que a gente poderia ser bem exigente. Comemos qualquer coisa (...) Eu sei que para ela é pesado, porque depois de uma semana de trabalho no último sábado, ela foi levar o meu irmão para um almoço com a turma dele, depois voltou, fez o que tinha que fazer, e aí foi para a homenagem do Dia das Mães na escola. Aí às vezes eu fico reparando ela fazendo tudo sozinha, é bastante responsabilidade. Ela escolheu o lugar para a gente morar, a forma de pagamento, foi sempre ela atrás de

documentação, coisa de banco. O meu pai nem sabe fazer isso. (...) Ela sabe que pode contar pouco com o meu pai. Ela tem que se virar com tudo. Eu acho que ela se sente presa, porque ela vive em função da gente. Eu sei que ela queria voltar a fazer academia, mas ela me disse que, quando chega a hora de ir, já está cansada, porque teve um dia cheio.” (P2)

“Eu não sei o que seria de mim sem a minha mãe. Ela cuida da alimentação da gente, dos compromissos que a gente tem, mas isso não me faz sentir bem. Eu gostaria e me sentiria muito bem se ela fizesse por ela as coisas.” (P3).

“A gente é muito carente e ninguém nos dá atenção. A mãe não tem tempo (...) Minha mãe diz se sentir muito sobrecarregada. Eu entendo ela, passa a semana inteira sozinha, tendo que cuidar da gente, sem o marido, trabalhando, cuidando da casa, cuidando de M. e, além disso, tendo de ficar olhando, porque a gente sempre precisa de alguma coisa.” (P4)

“Tu acredita que o meu pai é tão, tão mimado, que na ressaca fica pedindo ‘sopinha’, e minha mãe faz logo? Quando bebe, em casa, ela liga, vai buscar, aí ele se faz de filho e disputa a atenção de filho. Ele fica com ciúmes de mim com a minha mãe. Aí ele não se cuida, só fica em função dos outros. E quando a gente disse que era para ele se ajudar, ele não quer (P4)

E ele fala do dinheiro, mas a mãe que está sobrecarregada. Ela que precisa cuidar de tudo, agüentar a barra, ela que cuida das finanças, dos compromissos de escola, do que da gente precisa. Ela é muito esforçada nesse sentido.” (P5)

As adolescentes enfatizaram também que o irmão tende a receber atenção de outros familiares, o que elas consideram algumas vezes como desnecessário:

“E tem uma coisa que não te falei do meu irmão: ele dorme com a minha mãe. E por incrível que pareça, é ela que pede para ele ir dormir com ela. Ela diz: ‘Não, vem esquentar a mãe hoje!’. E quando o meu pai volta, ele vira um bebê de colo, até a voz fica cheia de manha.” (P1)

“E ele parece que se esforça. A mãe está levando ele na psicopedagoga e a minha mãe fala que não tem ânimo de levar ele, que aceitaria mais se fosse para alguém dar algum remédio para ele se acalmar. E eu acho que o meu irmão não precisa de remédio, ele precisa de atenção.” (P2)

“A minha avó sempre defende o meu irmão, diz que ele é menor, que precisa cuidar. Minha avó faz tudo para o meu irmão! Cede o quarto para ele, compra brinquedos e ela não se conforma com a

situação. Só que eu acho que nem por isso minha avó precisaria me dar menos atenção. Ela fica dizendo que precisa dar atenção ao meu irmão, por causa do meu pai, só que eu também tenho o meu pai que viaja. A minha avó tenta dar apoio para a minha mãe. Ela chega a ficar lá em casa direto quando o meu pai viaja.” (P3)

“A minha mãe não consegue dizer não e, quando eu percebo e cobro dela, ela diz que já que não tem pai, ela fica com pena dele... Às vezes ele desafia a mãe. Ele reclama também da falta de atenção da mãe, que ela se dedica à casa, ao trabalho. Chegou a reclamar até que lá em casa ele sobra, só ele de homem, que são as mulheres contra o homem.” (P4)

De uma maneira geral, o relacionamento familiar foi avaliado pelas participantes como pouco harmonioso:

“Eu também acho que eu não consigo manter uma boa relação seja com o meu pai, com minha mãe e minhas irmãs.” (P2)

“Não consigo manter uma boa relação nem mesmo com a minha família.” (P3)

“Minha vida é um fogo cruzado e eu não consigo entender minha família.” (P4)

Como identificado no âmbito individual, existe também uma expectativa de que a família poderia funcionar de forma diferente, caso a ausência paterna pudesse ser revertida pela troca de profissão:

“Todo mundo percebe que isso faz sofrer. A gente gosta do meu pai, mas sinceramente a gente acha que ele poderia encontrar outra profissão. Porque dá impressão que ele se importa mais com o trabalho do que com a gente. O meu irmão sempre diz que não gosta que ele volte, porque ele não deixa que ele brinque com os outros meninos e porque faz a mãe sofrer.” (P1)

“Eu tenho impressão que precisaria arrumar a minha família. Eu gosto muito da minha família, mas para mim, família é a minha mãe, eu e meu irmão. O meu pai não faz parte da família, ele nem mora com a gente!” (P2)

“E se fosse pensar bem é o que faltaria para a nossa família ser completa, porque a gente tem tudo... Só faltaria o pai! Porque com ele viajando, sempre falta alguma coisa. Por isso que eu sou

contra a profissão do meu pai, falta ele ser um companheiro, isso que a gente passa não é vida de família. E assim meu pai não é pai, porque ele nunca resolveu um problema que aconteceu em casa. Aí nunca a gente vai conseguir ser feliz!” (P3)

Levando em consideração todas as falas das participantes quanto à dinâmica familiar, foi novamente evidenciada a sobrecarga materna, decorrente da ausência do pai e da impossibilidade de partilhar sistematicamente com ele algumas responsabilidades. Por outro lado, as adolescentes percebem que a mãe nem sempre permite ou parece desejar compartilhar tais funções e tarefas com o cônjuge, como também encontrado no estudo de Eizirik e Bergmann (2004), que ressaltaram que a mãe pode favorecer a exclusão do pai na relação com os filhos. É importante ressaltar que isso ainda pode acontecer em função da legitimação dos próprios filhos, comentada anteriormente.

Em algumas famílias, a mãe e outros membros tentam compensar a falta do pai “mimando” e superprotegendo os filhos. Em relação a isso, novamente ficou evidenciada a rivalidade fraterna, pelo ciúme das participantes frente ao tratamento diferenciado dispensado aos irmãos.

O fato de as mães elegerem a prole como prioridade pode contribuir para manter a dependência dos filhos em relação a elas e à família. Ao mesmo tempo, chama a atenção que as adolescentes e seus irmãos não pareçam se sentir atendidos em suas necessidades emocionais, mesmo com essa superproteção e esse “mimo”, evidenciando o quanto a superproteção acaba não atendendo as necessidades dos filhos (Pereira & Sudbrack, 2004), por não favorecer a sua autonomia, por exemplo.

Nessa perspectiva, Minuchin (1982) resalta que alguns problemas familiares decorrem da entrada de um filho na adolescência. A mãe pode resistir à mudança na relação com o filho, até porque, muitas vezes, gostaria de modificar a sua relação com o cônjuge. Pode deslocar este desejo e atacar o adolescente, impedindo assim o desenvolvimento da autonomia do filho, justamente quando se esperaria uma atitude oposta. De fato, esse desejo de modificar a relação conjugal foi referido como uma percepção das participantes do presente estudo em relação às genitoras.

A falta de comunicação familiar, comentada pelas participantes, também compromete a dinâmica do grupo familiar. Ressalta-se a importância do diálogo entre os membros da família nessa etapa, pois o adolescente, embora se apresente de uma forma mais introvertida, necessita de compreensão e orientação (Drummond & Drummond,

1998). A falta de diálogo pode provocar ou agravar dificuldades de relacionamento entre os membros, afetando até mesmo o bem estar e a saúde psíquica dos filhos nessa faixa etária (Pratta & Santos, 2007), o que foi constatado no presente estudo, uma vez que as participantes não se sentiram encorajadas a se comunicarem, por receio da reação de seus pais.

Além disso, a comunicação entre as adolescentes e o pai pareceu dificultada pela própria ausência paterna. Também quando do retorno do pai, de nenhuma das partes existe uma iniciativa para aproximação. Da parte das adolescentes, isso pode ser justificado pela revolta e outros sentimentos despertados em decorrência da ausência, que não se dissipam quando o pai retorna, retroalimentando esse afastamento.

As expectativas que as adolescentes e demais membros nutrem de que a família poderia ser diferente caso o pai tivesse outra profissão, contribuem para que o trabalho seja percebido como prioridade em detrimento da família, direcionando-se a culpa por esta situação para o pai, simultaneamente eximindo-se os demais membros das suas responsabilidades.

Como indicado por outros estudos realizados com famílias com filhos adolescentes (Gonçalves, 2001; Monteiro, Cabral & Jodelet, 2005), também aqui foram identificadas brigas e discussões entre pais e filhos. No caso específico dessas famílias na condição de ausência paterna temporária, as negociações não parecem acontecer, pois quando o pai retorna, por exemplo, comanda as atividades de lazer, o que tende a aumentar a possibilidade de conflitos (Marturano *et al.*, 2004). A ausência paterna pode se tornar, desta forma, danosa e prejudicial, uma vez que gera potencial para brigas e desentendimentos. Em contrapartida, há um desejo de contato e de aproximação afetiva das adolescentes e seus irmãos para com o pai, o que aparece, no entanto, de forma muito sutil, nem sempre sendo compreendido pelo pai.

IX. Parentalização da Adolescente

Esta categoria foi composta pelos relatos das participantes acerca de responsabilidades assumidas, tanto em relação à casa e a si mesmas, como ao cuidado dos irmãos, o que lhes acarreta diversas preocupações:

“Me considero bem madura, tenho 13 anos, sempre estudei, nunca rodei de ano, ajudo em casa, sempre me esforcei, mas me sinto triste”. (P1)

“Como sou a mais velha, preciso cuidar das minhas outras irmãs. Sempre preciso ficar de olho. Eu me preocupo bastante. Eu queria saber o que eu posso fazer para melhorar isso” (P3)

“Estou tentando me organizar nos estudos e tenho que dar duro na minha irmã mais nova. Ela anda relaxada, preciso dizer o que tem que fazer, desde escovar os dentes, estudar, fazer o tema” (P4)

“Fui acompanhar minha irmã numa competição de ginástica olímpica em Porto Alegre” (P5)

Essas responsabilidades e compromissos também apareceram nas falas referentes ao seu espaço e iniciativas pessoais, como a busca de psicoterapia e de estratégias para auxiliar os pais, demonstrando uma inversão do cuidado parental:

“Eu busquei em novembro do ano passado, ajuda no Posto de Saúde, de forma espontânea, já que sabia que existia um atendimento psicológico quer era oferecido à população. Liguei e me foi oferecido então à consulta” (P1)

“Consigo ter uma certa privacidade. Tenho o meu quarto próprio” (P2)

“Tentei ajudar também o meu pai com o vício dele. Como ele faz o papel de filhinho, eu combinei com a mãe que a gente não iria cobrar mais dele, iria dormir sem esperar ele. No início deu certo, o problema foi que a mãe se assustou, porque ele teve recaídas e não conseguiu seguir adiante, mesmo sabendo que isso iria acontecer” (P5)

A adolescência constitui uma etapa decisiva do processo de desprendimento da família e de conquista de independização (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002). Em um quadro de desenvolvimento saudável, o adolescente consegue manejar sua liberdade entre a dependência e independência, propiciando o sentimento de autonomia dos seus membros. Esta última, numa condição normal, permite a volta à dependência quando necessário, mas oportuniza a saída para o meio social, que se torna cada vez mais amplo, o que resulta na ampliação das identificações do adolescente (Soldatelli, 2007). Nesse estudo, o que se evidencia é que, pela característica familiar de ausência paterna, parece

que as adolescentes apresentam-se sobrecarregadas, por assumirem compromissos e responsabilidades parentais, o que não abre possibilidade ou dificulta a busca pela independência, pela urgência das tarefas e demandas que se apresentam a elas.

Considerando a dinâmica familiar, o pai e a mãe acabam tendo os seus ofícios e atribuições profissionais, o que favorece com que as filhas assumam algumas tarefas e atividades que poderiam ser atribuídas ao pai e a mãe (por ex., o cuidado dos irmãos), especialmente pela sobrecarga materna diante da ausência do cônjuge. O fato de assumir essas tarefas pode gerar benefícios em termos de reconhecimento e elogios perante os outros, já que não recebem investimentos nesse sentido por parte dos pais (como identificado em categorias anteriores), e sabe-se o quanto à família segue sendo importante na adolescência (Waidman, Jouclas & Stefanelli, 1999; Schenker & Minayo, 2003). Também porque se torna um aprendizado importante acerca da assunção de responsabilidades.

No entanto, a mesma situação pode ser considerada um aspecto negativo para o seu desenvolvimento, já que a falta de reconhecimento por parte dos pais pode repercutir no autoconceito e na competência social dos filhos (Dekovic & Menis, 1997). Além disso, esse quadro não se altera quando o pai retorna para casa, podendo tanto sobrecarregar psicologicamente as adolescentes, como colaborar para a manutenção de uma posição periférica do pai no sistema familiar. Uma vez que este fica “sem função”, explicam-se seus comportamentos adolescentes e seu papel de “visita” perante a família, referido em categorias anteriores.

O que fica claro, então, é que essas adolescentes apresentam um desequilíbrio entre alguns comportamentos e responsabilidades consideradas adultas e outros comportamentos e reivindicações infantis. Em um primeiro momento, pode-se considerar típico e característico dessa fase do ciclo de vida humano essa contradição. Contudo, é preciso questionar se não estaria havendo um excesso, principalmente no que diz respeito à primeira condição. Além disso, mesmo que a assumir responsabilidades promova ganhos, pode-se questionar se essas adolescentes teriam recursos emocionais para exercer tais atribuições. Isso porque a sobrecarga poderia comprometer suas habilidades interpessoais e sua autoconfiança (Lamb, 1997) ressoando em questões emocionais, sociais, afetivas e cognitivas (Cia *et al*, 2005; Dantas *et al*, 2004; Peixoto, 2004; Ramires, 1997), especialmente no desfecho desse processo de desprendimento da família (Carter & McGoldrick, 2001; Cerveny & Berthoud, 1997).

1.4 Discussão Geral

Considerando a percepção das adolescentes sobre a ausência paterna temporária em função da profissão, apresenta-se uma discussão de modo a articular os achados das diferentes categorias temáticas ora detalhadas.

Na sua percepção sobre essa condição familiar, as participantes focaram tanto a profissão do pai como também as suas conseqüências, isto é, a ausência. As filhas referiram sentirem-se solitárias e revoltadas, não aprovando o ofício do pai, pelas desvantagens acarretadas para a família. Apesar de o trabalho ser a principal fonte de renda do grupo familiar, isso não pareceu ser entendido e nem valorizado pelas adolescentes. Contudo, essa queixa diante da ausência evidencia, ao mesmo tempo, uma valorização do genitor ausente, indicando o desejo de sua presença.

O que se percebeu é que as adolescentes e os demais familiares, na percepção delas, parecem pensar que as dificuldades individuais e do grupo somente ocorrem em função de o pai estar ausente. Uma vez que o foco de problemas é desviado para o pai, evidencia-se uma passividade por parte das adolescentes, que se restringem a se queixar, reforçando ainda mais a situação. O desejo de ajudar o pai, que poderia ser entendido como uma saída ativa para contornar essa condição familiar, também não se concretiza.

Além disso, as suas expectativas a respeito da presença paterna residiam nas lembranças de que, antes de começar a trabalhar viajando, o pai era diferente e a família funcionava de modo diferente. Contudo, nesse raciocínio, as adolescentes pareceram não se dar conta também de que o pai, naquele momento, muitas vezes desempenhava-se de forma mais cuidadora perante os filhos, pois elas e seus irmãos eram ainda crianças e a família realmente encontrava-se em outro momento de desenvolvimento.

Assim, percebeu-se uma idealização das participantes em relação ao pai, talvez como uma forma de se defenderem das dificuldades individuais e familiares vivenciadas. Concomitantemente, centrando toda a culpa no pai, desviam a atenção do sistema familiar como um todo, que pareceu estar permeado de dificuldades de cunho relacional. Nesse sentido, o pai figurou como o “bode expiatório” da família, o membro desqualificado e culpado pelas situações negativas que atingem os demais membros desse grupo. Assim, verificou-se que esses homens assumem uma função de depositários de angústias de todo o grupo familiar. Por outro lado, dessa maneira o pai fica também presentificado, sempre “em cena”, o que o mantém talvez um pouco menos ausente.

De qualquer forma, esse pai culpado e até mesmo desqualificado, por sua vez, possivelmente também esteja sofrendo, pelo desgaste de anos deste exercício profissional e pelo papel de “bode expiatório” que desempenha. Talvez o alcoolismo paterno, uma situação de risco para aqueles que têm a direção como um instrumento de trabalho e que gera preocupação para a família, esteja indicando o sofrimento e a fragilidade desses homens, que se comportam e desempenham uma profissão tipicamente masculina. Isso porque, uma vez retornando para casa, comportam-se como um “bebê”, o centro das atenções e cuidados da família, não como um homem e um pai, tradicionalmente colocador de normas e limites. Mesmo nas situações em que esses pais tentam impor um certo controle sobre as mulheres e filhas quando retornam, a impressão que se tem é que eles são vistos e considerados impotentes e incapazes. Se estão em casa, é porque não estão trabalhando, o que lhes retira uma parte do seu poder. Assim, cabe à adolescente competir com esse pai pela atenção da mãe, parecendo muito mais estabelecer com ele uma relação de rivalidade e disputa do que hierárquica, como se esperaria diante das diferentes posições ocupadas por eles dentro da família.

Nessa perspectiva, talvez a manutenção da esposa e dos filhos em uma condição de dependência econômica faça esses homens se sentirem um pouco mais valorizados, uma vez que, embora o seu trabalho não tenha um mérito reconhecido, foi destacado pelas mães como um fator impeditivo ao divórcio. De fato, além da própria ausência diante da família, a profissão acaba interferindo também na relação conjugal dos pais, conforme a percepção das adolescentes. Contudo, de outro modo, talvez se possa pensar a ausência paterna temporária, ao invés de causa de diversos problemas individuais e familiares, como uma consequência ou até mesmo a solução de um problema familiar. No caso, a saída do pai pode ser uma alternativa para aliviar as dificuldades e brigas do casal, por exemplo, facilitando um afastamento necessário e proveitoso para o homem, que pode buscar relações extra-conjugais e retornar ao lar em busca de um “reabastecimento” afetivo, quanto para a mulher, que, nesses casos, acaba alcançando uma posição de maior status dentro da família.

Dessa forma, por mais que as mães, na percepção das adolescentes, pareceram estar insatisfeitas e desejosas pelo divórcio, diante das brigas frequentes com o marido, por razões variadas (falta de incentivo para o desenvolvimento pessoal e profissional, falta de atenção, parceria e amizade), não devolvem ao cônjuge o seu espaço de direito quando ele retorna, auxiliando na manutenção desse quadro de ausência e distanciamento familiar e

conjugal. Evidenciou-se o quanto as próprias genitoras demonstraram valorizar a sua sobrecarga e o seu sofrimento decorrente da ausência do marido. Contudo, por outro lado, talvez sintam-se fragilizadas como mulheres por não conseguirem ou não desejarem manter esse homem em casa, em um relacionamento afetivo e conjugal mais estável. As adolescentes, por seu turno, “tomaram partido” das queixas da mãe em relação ao pai/marido, pelo convívio maior com elas e, quem sabe, pela identificação com uma figura feminina insuficiente e impotente, já que também elas não asseguram a presença paterna e nem um relacionamento com o pai de forma a propiciar afeto e a satisfação desse homem enquanto marido e pai.

A relação mãe-filhos também se apresentou complicada nessas famílias, na percepção das adolescentes. Talvez a mãe, em troca de um reconhecimento dos filhos, acabe superprotegendo-os. De fato, a imposição dos limites e normas não pareceu ser executada pela mãe de maneira exitosa, embora denote o quanto ela precisa exercer atividades simultaneamente atribuídas aos homens e às mulheres no desempenho dos papéis parentais. Mas, mesmo com a tentativa de cumprir este papel, as mães não suprem a carência afetiva dos filhos, pois o foco emergencial acaba sendo as responsabilidades e os compromissos domésticos.

O fato de o pai e a mãe terem suas atribuições profissionais favorece com que as adolescentes assumam tarefas e atividades que cabem aos genitores no exercício do papel parental, necessitando lidar e responsabilizar-se pelos cuidados com os irmãos e algumas vezes também com a casa. Diante desse panorama, torna-se clara uma inversão de papéis no funcionamento familiar. As adolescentes muitas vezes assumiram um papel de cuidado diante dos irmãos e dos genitores, foram incluídas no conflito conjugal e exerceram tarefas pertinentes ao papel parental, não conseguindo ser adolescentes em toda a sua plenitude e viver esta etapa de vida com suas características próprias, especialmente no que tange ao desprendimento da família.

Assim, embora elas possam alcançar com isso um certo reconhecimento, tal situação de parentalização pode desorganizar ainda mais o funcionamento familiar e o próprio desenvolvimento da adolescente. À medida que o pai ou a mãe estão presentes e muitas vezes não retomam o seu papel, fazem com que as filhas se revoltam e se depreciem diante do tratamento diferenciado fornecido aos irmãos, estes sim desempenhando um papel filial. Todo esse quadro gera uma situação de vitimização, a partir da qual, por outro lado, elas tentam eximir-se das responsabilidades escolares, de

compromissos com a família e de tentativas de mudança, desenvolvendo, no caso desse estudo, também sintomas psicológicos e uma dependência ainda maior em relação aos genitores.

De fato, mesmo que a rivalidade fraterna seja algo esperado, nesse estudo a competição entre os irmãos apareceu mais acirrada em função de as adolescentes já se encontrarem carentes afetivamente, o que se agrava na medida em que elas compararam o investimento dos pais nos irmãos, até mesmo pela constatação de os filhos homens serem muito mais protegidos por eles. Também no aspecto relações de amizade as adolescentes, que por vezes apresentaram dificuldades na sua construção e consolidação, compararam-se com os irmãos, desqualificando-se. Ainda no que tange à relação fraterna, percebeu-se a falta de uma proximidade afetiva entre as adolescentes e seus irmãos, o que indica algum tipo de prejuízo na qualidade dessas relações.

Ficou claro, então, que esta dinâmica familiar gera um sofrimento psíquico para todos os membros, ainda maior pelo fato de a ausência não ser definitiva, mas sim alternada. Ora essas famílias funcionam de modo semelhante a uma família uniparental, ora necessitam reorganizar-se para novamente incluir a figura paterna. Assim como as adolescentes apresentaram-se vitimizadas, na visão delas, as mães também denotam essa característica, uma vez que não demonstram atitudes ativas para se transformarem e transformarem sua realidade conjugal e familiar. Os irmãos, por sua vez, também apresentaram comportamentos sintomáticos, bem como os pais. Conclui-se que a família parece se encontrar aprisionada diante dessa realidade.

É claro que se precisa fazer uma ressalva em relação ao contexto específico desse estudo, de adolescentes em avaliação para psicoterapia. Sendo assim, é provável que essas famílias estejam sofrendo e que a busca de ajuda por essas adolescentes represente uma tentativa de efetivar modificações no âmbito individual e familiar, não presente em outras famílias nessa mesma condição. De qualquer modo, fica evidente como essa situação coloca as adolescentes e as famílias em uma condição de vulnerabilidade, uma vez que todos os membros do grupo familiar demonstraram uma grande carência afetiva, que não consegue ser suprida pelas relações estabelecidas entre eles.

Em função desse sofrimento, talvez as adolescentes tenham se mobilizado para a busca de uma ajuda psicológica, a fim de ter um espaço particular, onde possam ser realmente escutadas e centrarem-se em si mesmas, nas suas preocupações, vivências e conquistas adolescentes, bem como nas suas necessidades de dependência e autonomia.

A partir do exposto, foi possível perceber que o desenvolvimento dessas adolescentes sofreu repercussões da situação de ausência paterna temporária, especialmente no que tange aos seus recursos emocionais e aos seus relacionamentos afetivos e sociais.

Seção 2

Artigo Teórico

Ausência Paterna e suas Repercussões para o Adolescente: Revisando a Literatura

Paternal absence and its repercussions to adolescents: Reviewing the literature

Ilciane Maria Sganzerla

Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Endereço para contato: Avenida Osvaldo Aranha, 1395, sala 213, Veranópolis – RS, CEP: 95330-000 E-

mail: anesganzerla@gmail.com

Daniela Centenaro Levandowski

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (Universidade Federal do Rio Grande do

Sul), Professora Assistente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Curso de Psicologia da

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no período 2007-2009.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo revisar estudos empíricos publicados entre 1998 a 2008 sobre a ausência paterna e suas repercussões para o adolescente. Foi realizada uma busca sistemática em quatro bases de dados (PsycInfo, LILACS, Scielo e Pubmed), utilizando como termos descritores: *ausência paterna*, *paternidade*, *pais não residentes*, *relações familiares* e *adolescência*. Foram identificados apenas 16 estudos (quatorze internacionais e dois nacionais), cuja temática foi classificada como ausência paterna definitiva. A maioria deles apresentou caráter quantitativo e longitudinal e, de modo geral, foi possível perceber que a ausência do pai na vida do adolescente, independentemente do tempo, pode trazer prejuízos ao seu desenvolvimento afetivo e social. No entanto, as maiores repercussões parecem ocorrer no funcionamento familiar. Constatou-se a carência de estudos sobre essa questão no período considerado, sugerindo-se a investigação da qualidade da relação pai-filho nos casos de ausência paterna temporária, bem como da qualidade do tempo de convivência entre eles. Ainda, há a necessidade de mais estudos nacionais comparativos entre filhos que convivem e que não convivem com o genitor em relação ao seu desenvolvimento emocional e afetivo.

Palavras-chave: ausência paterna, adolescência, revisão de literatura.

ABSTRACT

The present study aimed to review empirical studies about father absence and its repercussions to the adolescent, published between 1998 and 2008. It was carried out a systematic search in four data bases (PsycInfo, LILACS, Scielo and Pubmed), using as descriptors the terms *father absence, fatherhood, non-resident father, family relations and adolescence*. It was identified only sixteen studies (two Brazilian and fourteen published in another countries), whose thematics was classified as definitive paternal absence. The great part of them presented quantitative and longitudinal design and, in general, it was possible to note that the father's absence in adolescent's life, regardless its lenght, can bring disadvantages to his/her affective and social development. However, the biggest repercussions seem to occur in family functioning. It was verified the lack of studies about this subject during the period considered. Investigations about the quality of adolescent-father relationship in temporary father absence family contexts, as well the time they spent together, are necessary, as well as more comparative Brazilian studies between adolescents who live or not live with their fathers relative to their affective and emotional development.

Key words: father absence, adolescence, literature review.

INTRODUÇÃO

A pós-modernidade é caracterizada por aceleradas transformações sociais, em comparação a períodos históricos anteriores. No que tange à família, a aprovação da lei do divórcio, a redução de casamentos oficiais, a ocorrência de casamentos mais tardios e de casais sem a pretensão de ter filhos, dentre outros fatores, parecem ter contribuído para a pluralidade de configurações e dinâmicas encontrada nos dias atuais (Wagner & Levandowski, 2008): famílias uniparentais, homossexuais, formadas por recasamento (nas quais convivem filhos de pais diversos), dentre outras (Roudinesco, 2003). Coexistem famílias tradicionais, como por exemplo, aquelas nas quais segue vigente a tradicional divisão de papéis, e “novas” famílias, nas quais marido e esposa dividem tarefas domésticas e educativas, ou as mulheres provém o sustento econômico (Fleck & Wagner, 2003), somente para citar algumas.

Até a década de 1970, a estrutura familiar estava organizada com o homem ocupando a posição de maior *status* no grupo (Cia, Williams & Aiello, 2005). As teorias psicológicas, durante muito tempo, ressaltaram o lugar do pai como interventor, lei, embora considerassem a mãe como a figura fundamental para o desenvolvimento e a saúde psíquica das crianças, em detrimento do pai. Assim, não era esperado dos homens o envolvimento pleno na educação e nos cuidados diários da prole (Henningen & Guareschi, 2008).

Contudo, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, houve modificações quanto à divisão de responsabilidades para com os filhos, exigindo-se dos pais um maior envolvimento (Cia, Williams & Aiello, 2005), panorama que colaborou para que o seu lugar na família se modificasse (Gomes & Resende, 2004; Wagner *et al*, 2005). Desse modo, embora a caracterização do pai como essencialmente provedor, desempenhando um papel reduzido ou indireto sobre a criação de seus filhos, não mais

corresponda à realidade da maioria das famílias em grande parte das sociedades atualmente (Silva & Piccinini, 2007), há contextos familiares onde isso ainda ocorre, não significando que não se valorize a perspectiva de um pai mais participativo e presente como educador (Peruchi & Beirão, 2007). De fato, estar presente como pai envolve múltiplos sentidos, tanto concretos quanto psíquicos (Bustamante, 2005)

A produção científica parece ter acompanhado essa mudança no panorama social e familiar, pois, conforme Berthoud (2003), a partir da década de 70, começaram a surgir pesquisas sobre diversas questões relacionadas à paternidade em periódicos americanos de prestígio junto à comunidade acadêmica. Porém, segundo a autora, a partir dos anos 80 é que se pode contar com literatura consistente sobre temas como a função paterna, a ausência paterna e as relações pais-filhos. O interesse pela temática parece ter decorrido, dentre outras razões, do número crescente de separações e divórcios, que passou a evidenciar a importância do pai para o desenvolvimento das crianças, a partir da sua ausência tanto física como psíquica (Hennigen & Guareschi, 2008). Em decorrência disso, as pesquisas se voltaram para a compreensão da interação pai-filho, evidenciando o reconhecimento do importante papel que os pais desempenham junto à prole, sem desconsiderar as particularidades históricas e culturais.

Dessa forma, independentemente da organização da família, a figura paterna tem hoje reconhecida sua importância peculiar ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É esta presença que irá facilitar aos mesmos a passagem do mundo da família para o mundo social e que propiciará o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente, dentre outras (Gomes & Resende, 2004). Diversos estudos apontam como ideal o fato de a criança conviver com ambos os genitores, pois cada um contribui positivamente para algum aspecto do seu desenvolvimento (Black, Dubowitz & Starr, 1999; Flouri & Buchanan, 2003; Lamb, 1997; Marshall *et al.*, 2001).

Mais especificamente, tais estudos têm evidenciado o quanto uma relação inexistente ou inadequada entre pai e filhos adolescentes pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e até mesmo social desses últimos (Eizirik & Bergmann, 2004; Feldman & Klein, 2003). Desse modo, torna-se relevante estudar a ausência paterna e suas repercussões para indivíduos nessa faixa etária.

Porém, o conceito de ausência paterna tem se mostrado de difícil definição (East, Jackson & Brien, 2006), sendo muitas vezes utilizado para fazer referência a fenômenos diferentes. Por exemplo, Dantas *et al.* (2004) relacionam a ausência a uma perspectiva mais tradicional de paternidade. Assim, esta ocorreria quando, mesmo sendo provedor e oferecendo suporte emocional à mãe, bem como exercendo o modelo de poder e de autoridade, o pai não se envolvesse diretamente com seus filhos, principalmente nos cuidados corporais e nas brincadeiras, mostrando-se ausente afetivamente. Nesse caso, a ausência paterna seria decorrente da distância emocional/falta de afeto, que pode acontecer mesmo naquelas situações em que o pai está fisicamente presente.

Já em outros estudos a ausência considerada é a falta de convivência física (contato) entre pais e filhos (Almeida & Hardy, 2007; Eizirik & Bergmann, 2004; Feijó & Assis, 2004; Felzenzwalb 2003; Muzza & Costa, 2002; Silva & Piccinini, 2007), em virtude de separação conjugal/divórcio, morte e/ou trabalho. Nesse caso, a ausência paterna caracteriza-se pela falta de convivência física (não presença) do genitor. Não se pode desconsiderar ainda aquelas situações que englobam essas duas formas de ausência da figura paterna, uma vez que a distância física pode predispor ao afastamento emocional da díade pai-filho.

Diante da importância do tema, o presente estudo teve por objetivo revisar artigos empíricos sobre a ausência paterna e suas repercussões para o adolescente, publicados no período compreendido entre 1998 e 2008. Mais especificamente, esses artigos foram

analisados em relação a três aspectos: 1. Delineamento do estudo, 2. Instrumentos empregados, e 3. Temáticas e principais resultados.

MATERIAIS E MÉTODO

Foi realizada uma consulta nas bases de dados PsycInfo, LILACS, SciELO e PubMed, considerando o período compreendido entre 1998 e 2008, usando como descritores os termos: *ausência paterna*, *paternidade*, *pais não-residentes*, *relações familiares* e *adolescência*. O termo *ausência paterna* foi utilizado de forma isolada e posteriormente combinado com os demais descritores. Assim, foi possível obter maior garantia a respeito da abrangência das consultas realizadas.

A partir dessas consultas, foram localizados 192 artigos (teóricos e empíricos) que faziam referência direta a essa temática. Em um primeiro momento, foram excluídos artigos repetidos, resumos de capítulos de livro ou referências de livros, artigos que não apresentavam o texto completo para consulta, que abordavam essa temática a partir do conhecimento do Direito e aqueles que, mesmo num âmbito psicológico, investigaram este tema com crianças. Posteriormente, foram excluídos artigos teóricos, restando para análise apenas dois artigos nacionais e quatorze internacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Delineamento do Estudo

Em relação a este aspecto, observou-se uma diferença entre os estudos nacionais e os internacionais. Os primeiros tinham um caráter qualitativo, sendo um do tipo descritivo (Felzenzwalb, 2003) e o outro, de delineamento de estudo de caso único (Eizirik & Bergmann, 2004). Já os estudos internacionais apresentaram, em sua maioria, caráter quantitativo, predominando os estudos longitudinais (Bogaert, 2005; Carlson, 2006; Coley

& Medeiros, 2007; Ellis, Bates, Dodge et al 2003; Harper & McLanahan, 2004; Paschall, Kingwalt & Flewelling, 2003) em comparação aos transversais (Hollist & McBroom, 2006, Thomas, Krampe & Newton, 2008). Apenas três artigos qualitativos foram localizados entre os internacionais, sendo um estudo fenomenológico de caráter descritivo (Burns, 2008) e dois com delineamento de estudos de caso único (Sieber, 2008) e múltiplos (Baum, 2004).

Percebe-se que, enquanto os estudos internacionais preocuparam-se com o acompanhamento de grandes amostras, ao longo de maiores períodos de tempo, os nacionais focalizaram o aprofundamento da compreensão dessa situação para os sujeitos envolvidos. A metodologia empregada relacionou-se aos objetivos desses estudos, no caso, nos trabalhos nacionais o foco de análise da ausência paterna foi o seu impacto para adolescentes em sofrimento psíquico, no contexto clínico. Já os estudos internacionais procuraram ampliar este foco, relacionando esta condição familiar com aspectos diversos do desenvolvimento, como delinquência, comportamentos na escola, sexualidade, etc., ou seja, em comportamentos desviantes resultantes de tal condição.

2. Instrumentos Empregados

Quanto aos estudos nacionais, pelo caráter qualitativo, o instrumento de coleta de dados mais freqüentemente utilizado foi a entrevista semi-dirigida (Felzenzwalb, 2003), para investigar, entre os adolescentes, os afetos envolvidos ou despertados pelo afastamento do pai. Já nos estudos internacionais, o instrumento mais freqüentemente empregado foi o questionário (Bogaert, 2005, Carlson, 2006; Coley & Medeiros, 2007; Ellis, Battes, Dodge *et al*, 2003; Harper & McLanahan, 2004; Hollist & McBroom, 2006, Thomas, Krampe & Newton, 2008), para investigar comportamentos delinqüentes dos adolescentes, tais como embriaguez na escola, abuso de substâncias e alcoolismo.

Também foram utilizados testes e escalas, que procuraram avaliar o ambiente familiar e o papel do pai no desenvolvimento da auto-estima e da identidade de gênero dos filhos (Flouri & Buchanan 2003; Mandara, Murray & Joyner, 2005; Paschall, Kingwalt & Flewelling, 2003; Tither & Bruce, 2008).

Com relação ao predomínio do uso de questionários em estudos internacionais, além de estarem de acordo com o delineamento desses estudos, mostraram-se apropriados para estudos longitudinais envolvendo grandes amostras, que já dispendem bastante tempo para sua execução. Por sua vez, o uso da entrevista nos estudos nacionais também se mostrou adequado, por facilitar a apreensão de fenômenos subjetivos (Turato, 2003), tais como os sentimentos do adolescente em relação à ausência paterna.

Pode-se notar que, devido à utilização de vários questionários em cada estudo, foi possível ampliar a avaliação da ausência e suas repercussões, levantando novas variáveis e aspectos a serem considerados. Por sua vez, o uso da entrevista nos estudos nacionais também se mostrou adequado, por facilitar a apreensão de fenômenos subjetivos (Turato, 2003), tais como os sentimentos do adolescente em relação à ausência paterna.

3. Temáticas e Principais Resultados

A partir da leitura dos artigos localizados, foi possível perceber os 16 estudos referiram-se à ausência física, de caráter definitivo, ou seja, àquelas situações nas quais o adolescente nunca conviveu ou não convive mais com seu pai, em decorrência principalmente do falecimento ou de afastamento pelo divórcio (Baum, 2004; Bogaert, 2005; Burns, 2008; Carlson, 2006; Coley & Medeiros, 2007; Ellis, Bates, Dodge *et al*, 2003; Hollist & McBroom, 2006; Eizirik & Bergmann, 2004; Felzenzwalb, 2003; Flouri & Buchanan 2003; Harper & McLanahan, 2004; Mandara, Murray & Joyner, 2005; Paschall,

Kingwalt & Flewelling, 2003; Sieber, 2008; Thomas, Krampe & Newton, 2008, Tither & Bruce, 2008).

Os estudos, de modo geral, ressaltaram como essa situação familiar pode se tornar um fator de risco e repercutir negativamente em diversos aspectos do desenvolvimento do adolescente. Por exemplo, uma investigação com 647 adolescentes norte-americanos, de caráter longitudinal, indicou a ausência paterna como um fator de risco para a manifestação de comportamentos delinqüentes, como porte de armas e embriaguez no contexto escolar (Coley & Medeiros, 2007). Estudo anterior (Hollist & McBroom, 2006), realizado com 48 adolescentes norte-americanos, comparando aqueles que viviam ou não com ambos os pais, também havia demonstrado maior probabilidade de uso de drogas entre os adolescentes desse segundo grupo. Tais achados corroboraram resultados de estudos longitudinais realizados em momento anterior, que também demonstraram maior propensão entre adolescentes com essa característica familiar para exibir comportamentos delinqüentes (Harper & McLanhan, 2004; Paschall, Kingwalt & Flewelling, 2003). Conflitos familiares, mau desempenho escolar e envolvimento freqüente em brigas na escola também foram evidenciados por Eizirik e Bergmann (2004), a partir de um estudo de caso com um adolescente gaúcho, reforçando as repercussões negativas da ausência paterna.

Esta situação familiar destacou-se também como um fator de risco para o início precoce da atividade sexual por parte dos adolescentes, conforme apontado em estudo internacional (Ellis, Bates, Dodge & *et al*, 2003). Foram encontradas ainda associações entre ausência paterna e antecipação do desenvolvimento físico entre adolescentes de ambos os sexos, com conseqüente entrada precoce na puberdade (Bogaert, 2005).

Ainda quanto ao aspecto físico, Thomas, Krampe e Newton (2007) identificaram alto índice de obesidade entre adolescentes cujos pais eram ausentes, justificado pelo não

acompanhamento dos seus hábitos alimentares e pelas alterações físicas (aumento de cortisol) gerados pelo estresse associado a essa condição. Neste estudo longitudinal com 650 adolescentes norte-americanos, estes caracterizaram os pais como invisíveis e inacessíveis, demonstrando uma relação sem envolvimento afetivo, que pode comprometer a dinâmica familiar. De fato, em termos familiares, Felzenzwalb (2003) identificou o afastamento do pai como promotor de padrões de interação disfuncionais, prejudicando a autonomia dos filhos e o seu processo de separação da mãe. Além disso, a quebra do vínculo afetivo e da convivência com o pai pode suscitar sentimentos de abandono, rejeição e culpa, colocando em risco a formação de novos vínculos.

O estudo de Baum (2004) também indicou que o divórcio e a saída do pai de casa propiciaram um aumento dos conflitos entre o adolescente e a mãe, afetando o funcionamento familiar e gerando como conseqüências, além do distanciamento afetivo em relação aos dois genitores, dificuldades para cultivar novos relacionamentos. Mais recentemente, nessa mesma direção, dificuldades de socialização (especialmente no que se refere à independência e à assertividade) foram encontradas como repercussões da ausência paterna definitiva por Burns (2008), a partir de um estudo com 10 adolescentes norte-americanas do sexo feminino.

Mandara, Murray e Joyner (2005), por sua vez, ressaltaram o impacto da ausência paterna definitiva para 52 adolescentes norte-americanos de nível sócio-econômico baixo, em comparação a 54 adolescentes, de mesmo nível sócio-econômico, que contavam com a figura do pai. A percepção do pai foi mais positiva dentre os adolescentes cujos pais eram presentes. Já aqueles adolescentes cujos pais eram ausentes referiram sentimentos mais positivos em direção à mãe e desqualificavam a figura paterna.

As repercussões da ausência paterna definitiva na esfera clínica também apareceram em um dos estudos localizados, no caso, a não participação do pai na

psicoterapia familiar. Pais ausentes são muitas vezes excluídos do tratamento de seus filhos, por falta de iniciativa própria ou por serem marginalizados e excluídos pelas companheiras e até mesmo pelos profissionais. Entretanto, a partir de um estudo de caso com um adolescente de 14 anos, Sieber (2008) demonstrou a importância da inclusão do pai no tratamento, por se tratar de uma forma de inclusão também na vida do adolescente. Conforme o autor, o adolescente que não internaliza a figura do pai tende a se sentir discriminado ou em uma situação desfavorável em relação a outros adolescentes.

De modo geral, a partir dos estudos revisados, percebe-se que a falta de envolvimento do pai na vida dos filhos, decorrente de sua ausência prolongada ou definitiva, traz repercussões negativas para o desenvolvimento dos adolescentes, tanto diretamente, a partir de seus efeitos no âmbito pessoal, como indiretamente, através dos efeitos no funcionamento familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este artigo teve como objetivo revisar estudos empíricos publicados entre 1998 a 2008 sobre a ausência paterna e suas repercussões para o adolescente, constatou-se, entre os estudos revisados, diversas repercussões negativas da ausência paterna no desenvolvimento de adolescentes de ambos os sexos, tais como, manifestações de comportamentos delinquentes, amadurecimento físico precoce e dificuldades na conquista de autonomia, em decorrência de padrões de interação familiar disfuncionais. Foi possível perceber, ainda, uma diversidade dentre os instrumentos empregados para avaliar tais repercussões. No caso, os estudos nacionais tinham caráter qualitativo e fizeram uso de entrevistas, enquanto que os internacionais privilegiaram o uso de questionários, pelo caráter quantitativo e longitudinal.

Não se pode deixar de lembrar que as repercussões da ausência paterna para o desenvolvimento do adolescente sofrerão variações conforme os seus recursos emocionais individuais e a presença de uma rede de apoio social e familiar efetiva com a qual ele possa contar, composta por mãe, avós, escola e outras instituições (Ellis, Bates, Dodgel *et al.*, 2003; Harper & McLanahan, 2004). Além disso, as razões da ausência paterna, como por exemplo, o falecimento do pai ou a separação, podem ser diferentemente percebidas pelos filhos, o que poderá gerar repercussões diferentes daquela ausência decorrente de um distanciamento afetivo, por exemplo.

De modo geral, chamou atenção a pequena produção científica sobre o tema da ausência paterna e do desenvolvimento do adolescente de forma relacionada no período em análise. Sendo assim, aponta-se para a necessidade da realização de pesquisas brasileiras nessa área. Se, na década de 80, a ausência foi abordada tendo como foco o contexto das separações/divórcios, na contemporaneidade ainda não se conta com investigações sobre o tema decorrentes de demandas sociais, tais como as novas demandas do mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, sugere-se a realização de novos estudos que abordem a temática da ausência paterna na adolescência, especialmente a ausência de caráter temporário. São necessários estudos comparativos entre filhos que convivem com seus pais e filhos cujos pais estão ausentes emocional e/ou fisicamente, em relação ao desenvolvimento afetivo. Outros temas a serem considerados seriam a percepção do pai acerca da qualidade de contato com seus filhos e da sua rede de apoio para o desempenho do papel paterno (em casos de ausência paterna temporária). A realização de pesquisas brasileiras pode ser útil tanto para a produção de conhecimentos válidos ao nosso contexto, como também para comparações com a realidade encontrada em outros países. Tais pesquisas podem ainda trazer subsídios para a elaboração de práticas preventivas e educativas junto às famílias

que apresentem esta característica, contribuindo para que todos possam compreender seus papéis dentro do grupo familiar e possam manejar de modo adequado essa realidade.

Seção 3

Artigo Empírico

**Descrições de adolescentes do sexo feminino que vivenciam a ausência paterna
temporária acerca de si mesmas**

**Descriptions of female adolescents who experiment temporary father's absence about
themselves**

Ilciane Maria Sganzerla

Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
Endereço para contato: Avenida Osvaldo Aranha, 1395, sala 213, Veranópolis – RS, CEP: 95330-000 E-
mail: anesganzerla@gmail.com

Daniela Centenaro Levandowski

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Professora Assistente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no período 2007-2009.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi descrever as percepções de adolescentes do sexo feminino, em avaliação para psicoterapia, acerca de si mesmas. Participaram do estudo cinco adolescentes de 13 a 17 anos, que vivenciavam em seus contextos familiares a ausência paterna temporária. Através de análise qualitativa de conteúdo dos relatos das sessões, foi possível identificar algumas características próprias da adolescência, como a busca por relações de amizade e a dependência econômica dos pais. Também foram reveladas algumas características que parecem ser particulares a essas adolescentes, tais como um desejo de ajudar os outros, planos futuros bem elaborados e um receio de repetir a escolha conjugal materna. Cabe destacar que as participantes apresentaram uma descrição bastante apurada de si mesmas. Sugere-se que novos estudos abordem também a percepção dos pais e mães acerca das filhas, a fim de complementar essa descrição.

Palavras-chave: adolescência, descrição pessoal, ausência paterna, avaliação para psicoterapia.

ABSTRACT

The present study aimed to describe female adolescent's perceptions about themselves. Five adolescents, from 13 to 17 years old, took part in the study. They live in families with father's temporary absence and were under evaluation process for psychotherapy. Through qualitative content analysis of the psychological session's report was possible to identify some typical characteristics of adolescence period, such as the search for friendship relations and the economical dependence of parents. Also, some particular characteristics of these adolescents were revealed like the wish to help others, future plans well delineated and a concern to repeat maternal marital election. It is important to highlight that participants presented a very accurate description of themselves. It was suggested that new studies also include the father's and mother's perceptions about their daughters, in order to increase this description.

Key-words: adolescence, personal description, fatherless absence, psychotherapy evaluation.

INTRODUÇÃO

O foco deste estudo foi a percepção de adolescentes do sexo feminino, que vivenciam a ausência paterna temporária e estavam em processo de avaliação para psicoterapia, acerca de si mesmas. Cabe destacar que, nesse estudo, considerou-se como ausência paterna temporária o intervalo de tempo de pelo menos dois meses em que o pai permanece fora de casa, em função de exigências profissionais. Trata-se especificamente de uma característica da família na pós-modernidade, especialmente promovida pela globalização (Valla, 1999), que gera novas formas de exercício profissional, cujas fronteiras também são expandidas.

A temática da ausência paterna constitui um assunto pouco explorado no campo científico no período compreendido entre 1998 e 2008. A partir da revisão de literatura realizada (Ver Seção 2), constatou-se que ainda são poucos os estudos que se debruçaram sobre este assunto na faixa etária da adolescência. Além disso, as escassas pesquisas localizadas foram realizadas fora do país, adotando um caráter quantitativo e enfatizando a ausência paterna definitiva.

Assim, considerou-se que o estudo da ausência paterna temporária, em especial no que diz respeito à adolescência, mostra-se como um desafio para a pesquisa e a clínica psicológica. Além disso, parte-se do pressuposto de que a ausência paterna não pode ser analisada de forma desvinculada das suas eventuais repercussões no desenvolvimento emocional e social do adolescente, uma vez que relações harmoniosas entre pais e filhos favorecem a saúde psíquica dos mesmos nessa faixa etária (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Atienza & Rodrigues, 2004; Bolles, 1999; Brown & Wright, 2001; Harvey & Byrd, 2000).

Contudo, nem sempre esse é o panorama encontrado em nosso meio e, atualmente, nem sempre os pais conseguem acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, o que pode ser um fator de risco para o desenvolvimento psicológico, cognitivo e social do adolescente

(Eirizik & Bergmann, 2004; Fagan & Iglesias, 1999; Feldman & Klein, 2003). De fato, dentre as repercussões da ausência paterna encontram-se na literatura a exibição de comportamentos delinqüentes (Harper & McLanhan, 2004; Paschall, Kingwalt & Flewelling, 2003) um amadurecimento físico precoce (Bogaert, 2005; Thomas, Krampe & Newton, 2007) e até mesmo dificuldades na conquista de autonomia (Felzenzwalb, 2003).

Assim, mesmo que a presença paterna seja importante, crianças e adolescentes podem não contar com a presença do pai, por vários motivos, dentre eles o trabalho, o divórcio e até mesmo a morte (Felzenzwalb, 2003). É possível caracterizar a ausência, de acordo com a sua duração, em temporária ou definitiva, tendo por base a convivência física sistemática (contato) do pai com seus filhos (Almeida & Hardy, 2007; Eirizik & Bergmann, 2004; Feijó & Assis, 2004; Felzenzwalb, 2003; Muzza & Costa, 2002; Silva & Piccinini, 2007). Além dessa diferenciação, há que se considerar também as diferenças entre a ausência de caráter físico (não presença) e a ausência de caráter emocional (afetiva). Nesse sentido, um pai pode ser fisicamente presente, mas ausente emocionalmente (Dantas *et al.* (2004). Talvez em função dessas particularidades não se encontre ainda um consenso na literatura acerca de definição desse termo (East, Jackson & Brien, 2006).

Assim, o presente estudo pretende contribuir para o preenchimento dessa lacuna encontrada na literatura acerca da ausência paterna temporária, visando à identificação da forma como adolescentes do sexo feminino, que vivenciam essa condição familiar, descrevem a si mesmas. Pensa-se ser esse um passo inicial e necessário para a continuidade dos estudos da área, inclusive para a proposição de intervenções.

MÉTODOS

Participantes

Participaram do estudo cinco adolescentes do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio, cuja idade variou de 13 a 17 anos. Elas vivenciavam a ausência paterna temporária em função da profissão e estavam em avaliação para psicoterapia. A seleção de adolescentes do sexo feminino decorreu justamente pela maior procura dessa clientela por atendimento psicológico, a partir da atuação profissional da primeira autora. A busca pela psicoterapia foi motivada por diversas razões, sendo a mais freqüente a existência de problemas familiares, que originavam sentimentos negativos, como raiva, desânimo, medos e insegurança. A Tabela 01 apresenta os dados demográficos de cada participante de forma detalhada.

Tabela 01: Dados Sócio-Demográficos das Participantes

Participante	Idade (anos)	Escolaridade	Religião	No. de irmãos	Idade dos Irmãos	No. de familiares residentes com a adolescente	Quem são?	Tempo de ausência do pai (meses)*
P1	15	1º. ano Ensino Médio	Católica	2	10 15	5	Pai Mãe Irmãos	2
P2	16	2º. ano Ensino Médio	Católica	3	6 9 12	6	Pai Mãe Irmãos	3
P3	16	2º. Ano Ensino Médio	Evangélica	3	3 9 12	6	Pai Mãe Irmãos	3
P4	17	3º. Ano Ensino Médio	Católica	1	8	5	Pai Mãe Irmãos Avós Maternos	2
P5	13	7º. Série Ensino Fundamental	Católica	2	6 15	5	Pai Mãe Irmãos	4

*média de tempo fora de casa em cada viagem

A Participante 1 tinha 15 anos de idade e cursava o 1º ano do Ensino Médio. É a irmã do meio, contando com mais dois irmãos do sexo masculino, de 10 e 17 anos, respectivamente. O pai permanece, em média, dois meses fora de casa, estando há quatro anos trabalhando como caminhoneiro. A mãe trabalha em uma fábrica de calçados. Ambos

os pais têm o Ensino Médio incompleto. A adolescente reside com eles e com seus irmãos. A menina buscou ajuda psicológica por conta própria por apresentar sintomas de angústia e depressão, advindos, segundo ela, dessa situação familiar.

A Participante 2 tinha 16 anos de idade e cursava o 2º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de uma prole de quatro filhos de 6, 9 e 12 anos respectivamente. O pai permanece, em média, três meses fora de casa, pois há seis anos trabalha como representante comercial. A mãe trabalha em uma loja de calçado. O pai tem o ensino médio completo e a mãe o ensino fundamental completo. A adolescente reside com os pais e os irmãos, tendo buscado ajuda psicológica por iniciativa própria, embora tenha recebido incentivo por parte da mãe, por considerar que se encontra com depressão; sente-se muito triste, pois entende que a família está muito desorganizada e apresenta muitos conflitos.

Já a Participante 3 tinha 16 anos e cursava o 2º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de quatro filhos, sendo que os outros tem 3, 9 e 12 anos respectivamente. O pai permanece, em média, três meses fora de casa, na profissão de representante comercial, exercendo essa atividade profissional há oito anos. A mãe trabalha em uma farmácia. Ambos com ensino médio completo. A adolescente reside com os pais e os irmãos e procurou ajuda psicológica acompanhada da mãe, visto que sempre se julgou ser alguém feliz e tranqüila, mas recentemente passou a apresentar insegurança e tristeza. Referiu que, mesmo entendendo a situação do pai, sente-se angustiada e deprimida pela situação familiar.

A Participante 4, por sua vez, tinha 17 anos e cursava o 3º ano do Ensino Médio. É a irmã mais velha de um casal de irmãos, sendo que o menino tem 8 anos de idade. Mora com seus pais, irmão e avós maternos. Seu pai permanece, em média, dois meses fora de casa, sendo que se encontra há cinco anos exercendo a profissão de caminhoneiro. A mãe trabalha em uma loja. O pai tem ensino fundamental completo e a mãe apresenta o ensino

médio completo. A adolescente buscou ajuda, acompanhada da mãe, por estar apresentando medo intenso, sentimentos de solidão e condutas de isolamento, culpando a família por esses sintomas.

Por fim, a Participante 5 tinha 13 anos de idade e cursava a 7^o série do Ensino Fundamental. É a irmã do meio, tendo mais dois irmãos, de 6 e 15 anos. O pai permanece, em média, quatro meses fora de casa, pois trabalha há cinco anos na profissão de caminhoneiro. A mãe trabalha em uma loja. O pai tem ensino fundamental completo e a mãe apresenta o ensino médio completo. A adolescente reside com seus pais e irmãos e vem apresentando comportamentos agressivos, irritabilidade e revolta com os pais. Com este quadro, a adolescente motivou-se a procurar ajuda psicológica por iniciativa própria através de indicações de outras amigas adolescentes.

Delineamento e Procedimentos

O presente estudo, de caráter qualitativo-exploratório (Rey, 2002; Turato, 2005) visou investigar a percepção sobre si mesmas de adolescentes em avaliação para psicoterapia, cujos pais ficam temporariamente ausentes em função da profissão. A maior parte delas buscou ajuda de forma espontânea, a partir da realização de um contato telefônico, agendando horário com a secretária do consultório da pesquisadora. Em alguns casos, a motivação decorreu de depoimentos de outras amigas e colegas que também vivenciavam situação semelhante e recebiam atendimento psicológico com a profissional, primeira autora deste estudo.

No primeiro contato no consultório, era feita uma apresentação da pesquisa para a adolescente e um responsável (em geral a mãe). Na presença de ambos, explicitavam-se os objetivos do estudo e solicitava-se a sua autorização para a gravação em áudio das sessões de avaliação para psicoterapia, para posterior transcrição e utilização do material pela pesquisadora. Após estes esclarecimentos, havendo interesse, procedia-se à leitura e

assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Cabe ressaltar que nenhum convite foi recusado.

Era preenchida então uma *Ficha de Dados Demográficos das Participantes e de sua Família*. Ainda nesse mesmo encontro, deu-se início às sessões de avaliação para psicoterapia, que foram gravadas e posteriormente transcritas para análise. Embora no período de avaliação a pesquisadora também tenha realizado entrevistas com os responsáveis das adolescentes, foram considerados, para este estudo, apenas os relatos das adolescentes.

As sessões foram realizadas em consultório particular, pela própria pesquisadora, que segue uma orientação psicanalítica no seu trabalho. Cada sessão teve duração de 50 minutos e frequência semanal. Ao final, foram realizadas, com as adolescentes e seus responsáveis, entrevistas de devolução, momento em que se realizou encaminhamento para psicoterapia, pela identificação de tal demanda. Ao final da avaliação com cada participante, as entrevistas foram transcritas para análise. Foram realizadas em média três sessões com cada adolescente, gerando um total de 408 folhas de relato (formatação: letra Times 12, margem 2.5, folha A4 e espaçamento 1.51). Em função da quantidade de material coletado e da repetição dos conteúdos trazidos pelas adolescentes, a coleta foi encerrada pelo critério de saturação, usado frequentemente em investigações qualitativas na área da Saúde (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

Instrumentos

1. *Ficha de Dados Demográficos das Participantes e de sua Família*, para uma caracterização dos principais dados demográficos e familiares de cada adolescente, tais como idade, número de irmãos, dados sobre a profissão do pai, etc.

2. *Relatos das sessões de avaliação para psicoterapia*, realizadas com adolescentes, visando obter informações acerca dos motivos de busca de ajuda, eventuais sintomas e sua gravidade, expectativas em relação à psicoterapia, etc.

Procedimentos para a Análise dos Dados

Os relatos das participantes foram analisados a partir de análise de conteúdo qualitativa, seguindo a proposta de Laville e Dionne (1999), visando à descrição das percepções das adolescentes acerca de si mesmas. No presente estudo, por se apresentar alguns temas prévios de interesse, foi seguido um *modelo misto* de categorização. Neste modelo, as categorias são selecionadas no início, mas o pesquisador pode efetuar modificações em função do que emergir a partir da leitura e da análise do material (Laville & Dionne, 1999).

Considerações Éticas

O estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS (Protocolo n. 07/017). Todas as participantes foram esclarecidas sobre a pesquisa, os procedimentos utilizados, a possibilidade de desistência e, mediante a autorização das responsáveis, assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Nos casos em que foram identificados à demanda e o desejo, as participantes foram encaminhadas para psicoterapia, sendo atendidas pela mesma profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo qualitativa das entrevistas, emergiram diversas características pessoais percebidas pelas adolescentes. Foram identificados também planos pessoais futuros, ressaltando-se o trabalho e a realização de uma faculdade. À medida que elas desenharam seus planos, ressaltaram também seus receios e medos em relação ao futuro. Portanto, os relatos foram agrupados em três categorias, denominadas 1) *Descrição*

pessoal, 2) *Planos futuros* e 3) *Medos em relação ao futuro*. A seguir, cada categoria é definida e exemplificada com falas das participantes, seguindo-se após a sua discussão, embasada na literatura consultada e em reflexões das autoras.

1. Descrição pessoal

Nesta categoria examinou-se a forma como as adolescentes se descreveram. Dentro dessa descrição, emergiram diversas dificuldades e sintomas emocionais, como também características positivas. Nos relatos das participantes, foi possível identificar alguns medos e receios, ligados à insegurança e ansiedade: *“Eu tenho muito medo de fracassar, não consigo me imaginando fracassar, aí eu acabo desistindo”* (P1); *“Eu fui criada sempre com muito medo e acabei sendo hoje, muito bastante insegura”* (P2); *“Além disso, tenho muito medo, mas não sei dizer do que, e acabo não conseguindo dormir direito e chego a ter medo de andar sozinha na rua, mas acho que o pessoal nem sabe disso, principalmente o meu pai”* (P3); *“E desde o ano passado comecei ter medos que não consigo explicar, chego a ter medo de morrer” (...)* nossa, quanta coisa! *Eu tenho medo de ser largada, de que não vou receber apoio de ninguém, não consigo dar conta das minhas responsabilidades, e sempre crio uma expectativa de que vou fracassar em qualquer coisa que vou fazer. E agora falando para ti, percebo que eu valorizo bem mais o que está ruim”* (P5).

Sintomas de depressão (diagnosticada, inclusive, por médicos) e outras doenças, também foram evidenciados nos relatos das participantes acerca de si mesmas: *“Há três meses fiz exames e apareceu psoríase na pele, me sinto ansiosa e o médico disse que estou com depressão”* (P2); *“Eu na verdade estou te procurando porque já faz algum tempo que tenho crises de depressão e muitas vezes eu brigo com minhas colegas”* (P4); *“Estou insatisfeita com a vida, me falta motivação, por causa da minha família, mas*

principalmente do meu pai e porque não faço amizades. E eu acho que isso acontece porque eu bloqueio o que sinto, mas aí eu fico angustiada e me falta interesse nas coisas” (P5).

O fato de se considerarem dependentes de suas famílias e do pai também esteve presente em seus relatos, assim como uma postura mais passiva diante de suas vidas: *“Aí eu percebo que tenho varias idéias do que gostaria de ser na vida, de fazer as coisas, mas não consigo dar o passo adiante”* (P1); *“Porque eu era corajosa, tanto que tentei fugir de casa com 15 anos, mas como não foi como eu imaginava, eu me fechei e hoje eu quero as coisas, mas ao mesmo tempo não luto por elas. E assim, percebo que, para acontecer alguma coisa, dependo dos outros, inclusive do meu pai”* (P2); *“Não consigo fazer nada sozinha, to sempre pedindo ajuda. Choro bastante, principalmente quando o meu pai sai para trabalhar”* (P3); *“Eu realmente sou muito dependente e evito coisas e isso já faz algum tempo que comecei a perceber. E isso está me fazendo sofrer e me prejudicando”* (P4); *“Sou insegura, acabo me agarrando nos outros e aí acho dependo ainda mais deles”* (P5).

Irritação, vazio e angústia foram também mencionados pelas participantes acerca de si mesmas: *“Eu me sinto irritada, com um vazio, com tristeza e tenho compulsão por comida e compras”* (P2); *“Sabe, aquele nó de angústia que aparece e não te deixa comer direito? É isso que eu sinto”* (P4).

Já as auto-descrições positivas das adolescentes estiveram principalmente relacionadas a um bom desempenho escolar, ao interesse e prazer em escrever, à prática de esportes e ao investimento nas relações de amizade: *“O que eu gosto mesmo é passear, dançar, fazer amizade, viver. Eu gosto de escrever poemas e eu acho que, se eu voltar a fazer isso, vou me sentir bem. Quero buscar a pessoa que eu era e deixar essa que me faz sofrer (...) Tenho curiosidades por lugares novos. Gosto de estudar”* (P2); *“Eu gosto de ir*

para a escola. Tenho boas notas, tenho bastante amigos, amigas, gosto de estudar, de jogar vôlei. Normal, acho que sou uma pessoa normal” (P3); “Adoro ler, escrevo muito. Nunca tive notas baixas, nunca tive reclamação na escola, não costumo faltar também” (P5).

As adolescentes alegaram uma vontade de querer agradar aos outros, o que, por vezes, gera uma dificuldade de respeitar as suas próprias vontades e anseios: *“Eu sou alguém que tenho dificuldade em dizer não para as outras pessoas e isso me deixa com uma raiva de mim mesma. Porque seria tão bom falar o que a gente pensa! (...). A gente seria bem mais feliz se conseguisse isso, mas a gente quer ser a maravilhosa para todas e aí tudo dá errado” (P1); “E eu, para ser querida para os outros, acabo fazendo todas as vontades. Mas eu acredito em uma outra coisa: eu acho que as pessoas se aproximam da gente só por interesse e que os outros tem mais valor, que são mais importantes que eu” (P2); “Eu sei que eu sempre vivo em função do outro, fiz sempre as coisas que os outros quiseram e nunca a minha vontade própria. Por isso, que eu quero mudar e procurei ajuda. Quero muito me ajudar” (P5).*

Relativo a essa vontade de ajudar os outros, foi possível perceber um desejo de resolver todos os problemas e situações: *“O problema que para mim ser útil é querer resolver os problemas para os outros. Esse realmente é o meu ponto fraco. Eu me considero um nada” (P2); “Gosta de resolver tudo. E eu preciso fazer isso, senão eu me sinto um lixo. Às vezes eu percebo que preciso me sentir mais importante do que tudo” (P4); “Aí fico angustiada, gostaria de resolver as coisas, gosto de resolver os problemas, resolver, agir. A minha idéia seria resolver rápido as coisas e fico irritada quando isso não acontece. Eu fico com muita raiva quando as coisas não andam como eu quero. Eu estaria sempre fazendo alguma coisa, não consigo parar” (P5).*

A partir do exposto, percebe-se que alguns aspectos mencionados pelas participantes fazem parte das características dessa fase adolescente, como o estabelecimento de relações de amizade, a dependência dos pais e os conflitos familiares. A literatura aponta para estes aspectos, inclusive ressaltando, no momento atual, uma acentuação ainda maior da dependência dos pais, em termos financeiros e afetivos (Jeammet & Corcos, 2005).

A busca de relações de amizade também marca esta fase, pela necessidade de identificação com um grupo de iguais, diante do desprendimento da família (Papalia, Olds, & Feldman, 2006; Aberastury & Knobel, 1990; Blos, 1996; Carmona, 2000; Carter & McGoldrick, 1995; Moreira *et al*, 2008; Osório, 1992; Saito, 2000). Estas novas identificações auxiliam ainda mais na inserção social do adolescente (Roehrs, 2006). Destaca-se, no entanto, que a busca por essas relações não foi mencionada por todas as participantes, uma vez que também foram identificados relatos de falta de amigos, argumentada pela falta de motivação e interesse em se aproximar e construir tais relações. Pensa-se que esse fato pode estar relacionado, dentre outras questões, com a ausência paterna, na medida em que as mesmas comparam-se com outras adolescentes e talvez evitem estabelecer novas relações para não se depararem com esta situação, que lhes desencadeia sentimentos negativos (como raiva e tristeza). Assim, este panorama pode dificultar a criação de vínculos satisfatórios. Outro aspecto que pode estar interferindo nesse sentido é a presença de depressão ou de sintomas depressivos e outras manifestações psicológicas, indicadas em seus relatos e associadas pelas participantes a essa característica familiar. Ainda, não se pode desconsiderar que talvez as adolescentes estejam “presas” a um conflito familiar, que as impede de libertarem-se da família e ampliarem o seu horizonte relacional.

O desejo de querer agradar aos outros, enfatizado pelas adolescentes, não parece concordar com o egocentrismo típico da fase (Maas, 2006; Morse, 1992; Moreira *et al.*, 2008). Pode-se pensar, então, esse comportamento como uma forma de compensação de uma baixa auto-estima e da insegurança e medos que as participantes apresentam. Por outro lado, esse desejo de agradar e a busca pela valorização parecem gerar oportunidades de frustração e sentimentos de decepção, pois nem sempre os pais e mães se mostram atentos aos seus comportamentos e sentimentos, conforme a percepção das adolescentes.

Nessa mesma perspectiva, o desejo de resolver todos os problemas e situações pode estar também indicando a necessidade de se fazer importante e valorizada. Ao mesmo tempo, demonstra um certo nível de ansiedade dessas adolescentes, quando as mesmas parecem não conseguir e nem apresentam condições para respeitar o tempo natural de alguns acontecimentos, como a conquista de autonomia. Isso fica corroborado pela necessidade de resolver as situações de forma imediata, sem tolerância e paciência, o que também pode estar relacionado ao imediatismo do adolescente, que vive muito intensamente o momento presente (Lacadée, 2006) e tem dificuldade em postergar a satisfação.

Cabe destacar a dependência da família como uma característica bastante enfatizada pelas adolescentes, bem como uma postura mais passiva diante de suas vidas. Novamente uma contradição fica evidenciada, pois, ao mesmo tempo em que desejam autonomia, fazer amizades, resolver os problemas de todos, mostram-se dependentes e inseguras. Por não se sentirem controlando as próprias vidas, também não se sentem responsáveis por elas. De qualquer forma, a dependência em relação ao pai e à família pode ser entendida como um processo normal na adolescência, embora se espere que, aos poucos, as participantes possam se desprender dos pais e conquistar sua independência (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), como apareceu no discurso de algumas delas. No entanto, há que se

ressaltar que essa situação de dependência foi ressaltada por quase todas as participantes como problemática, talvez justamente pelo fato de, em alguns momentos, se mostrarem e assumirem comportamentos e responsabilidades adultas nesse contexto de ausência paterna temporária, o que se torna contraditório com o seu *status* de dependência em outras situações.

Os sintomas depressivos e outras doenças também evidenciadas pelas participantes acerca de si mesmas foram atribuídos à família, especialmente à condição de ausência paterna. Contudo, uma vez instalado um quadro como esse e tendo o aval do diagnóstico médico, elas parecem permanecer estáticas, sem movimento e iniciativa para reverter à situação dentro do que lhes seria possível fazer. Ademais, apesar de a depressão mencionada por elas, bem como os sentimentos de irritação, angústia, vazio, medos e incertezas, precisarem ser avaliados com cautela, pois podem fazer parte de um quadro normal na adolescência, diante de tantas definições e controvérsias típicas dessa fase, por outro lado, podem indicar sofrimento psíquico e até mesmo caracterizar estados psicopatológicos (Crivelatti, Durman & Hofstatter, 2006). Como essas meninas encontravam-se em avaliação para a psicoterapia, foi possível perceber realmente um nível de sofrimento nessas manifestações, tanto que todas elas receberam indicação para psicoterapia.

2. Planos futuros

Já nesta categoria buscou-se analisar as falas das adolescentes quanto a seus planos pessoais futuros. Elas referiram-se de forma mais enfática ao trabalho e à realização de uma faculdade. No que se refere à faculdade, as participantes mencionaram um desejo de cursar Pedagogia, Serviço Social e Enfermagem, por terem relação com o cuidar: *“Falando de mim de novo, eu te falei que gostaria muito de fazer Pedagogia, mas meu pai*

entende que não precisa estudar e eu não quero ter a mesma vida que a minha mãe tem, ficando em casa todo o dia, somente fazendo os afazeres domésticos, porque eu sei que isso não dá prazer e satisfação (...) Quero terminar o meu segundo grau e seguir carreira em Pedagogia. Gosto muito de estar em contato com crianças, não pela questão financeira, ou por ter um emprego, mas pelo afetivo mesmo. Eu acho que as crianças são muito verdadeiras, elas não se aproximam de ti por interesse ou te querem mal. Elas se entregam e se deixam ser cuidadas” (P3); “Eu gosto muito de cuidar de crianças, porque eu amo crianças, até porque eu ajudei a criar uma vizinha de três anos, mas queria roubar ela até. Essa menina chegava a me chamar de mãe, só que agora a mãe dela nem vem me ver (...) Eu quero terminar o meu segundo grau e fazer Serviço Social” (P4).

Montar um negócio próprio também apareceu como um desejo das participantes, além de buscar um trabalho ou outras alternativas para ocuparem o tempo ocioso: “*Eu pensei também numa cafeteria, num negocio próprio e nem que eu precise esperar, mas não desistir do sonho. Ou me ocupar mais, principalmente à noite, na sexta-feira, quando o meu pai costuma voltar de viagem, que é um dia que me angustia muito” (P3); “Mas eu quero ter mais iniciativa, me envolver em curso até para ter oportunidades e começar a trabalhar” (P4).*

Percebe-se, desta forma, que as adolescentes identificaram planos pessoais futuros principalmente no que diz respeito ao trabalho e à faculdade. Tais achados fazem parte do desenvolvimento normal, uma vez que na adolescência espera-se que o jovem escolha uma profissão, em busca de uma independência econômica posterior (Blos, 1996; Osório, 1992; Outeiral, 2003). Os mesmos autores usam inclusive como parâmetro para delimitar o final da adolescência a possibilidade de escolha de uma profissão, em busca de uma independência econômica. Neste estudo, isso ficou evidenciado pelo fato de as participantes de mais idade apresentarem estes relatos com mais clareza.

Além disso, o fato de apresentarem em seus relatos planos, sonhos e que tenham ideais profissionais denota o quanto as participantes conseguem projetar o próprio futuro, o que contraria, em parte, a característica de imediatismo do adolescente (Lacadée, 2006). Há que se considerar, contudo, o fato de que, por já assumirem responsabilidades e compromissos em casa e algumas delas até já haverem tido experiências de trabalho, a preocupação com esse assunto pareceu fazer ainda mais parte da vida delas, provavelmente facilitando esse processo de planejamento.

Especificamente a escolha por cursos que envolvam o cuidar pode estar relacionada ao fato de elas já estarem cuidando e assumindo responsabilidades escolares para com seus irmãos, o que passa confiança e desenvolve habilidades para esse tipo de exercício profissional. Contudo, tal escolha também pode se caracterizar como uma tentativa de reparar as falhas que identificam no cuidado dispensado a elas pelos pais.

Outro plano profissional futuro citado envolveu a organização de um negócio próprio, que poderia estar expressando um desejo de autonomia e independência, típico da fase (Guariglia, Bento & Hardy, 2006). Já a busca por atividades para ocupar o tempo livre talvez expresse a vontade de tornar o tempo mais aproveitável. Contudo, para algumas participantes, esse desejo pareceu estar diretamente ligado ao se ocupar durante a ausência do pai e, assim, minimizar seus sentimentos de ansiedade e tristeza. Nessa perspectiva, essas ocupações estariam assumindo também um caráter defensivo.

Por outro lado, interessante notar a ausência de outros planos pessoais que não relacionados ao trabalho, tais como o estabelecimento de uma relação amorosa ou ter filhos. Isso gera um questionamento acerca da dificuldade de as participantes se imaginarem separadas da família, pelo menos no que tange ao seu desenvolvimento emocional e social.

3. Medos em relação ao futuro

Nesta categoria foram descritos os medos que as adolescentes apresentaram em relação ao futuro. Foi referido o medo de repetir a história dos pais, casando-se com alguém que exercesse a mesma profissão do genitor: *“Sabe, eu tenho medo de me casar com um homem caminhoneiro, porque minha mãe sempre dizia que o pai dela era caminhoneiro e que jamais se casaria com um, e não é que ela casou com o meu pai, justamente o contrário do que ela queria?! Então eu também fico com medo do que possa acontecer comigo”* (P2).

Percebeu-se, pelo relato, uma conscientização acerca de si mesma e da história familiar, assim como uma preocupação em não repetir a história do casal parental. Esse movimento pode estar sendo desencadeado pela vivência da adolescência, que propicia a revisão dos valores familiares e a busca de independização (Carter & McGoldrick, 2001; Cerveny & Berthoud, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o presente estudo buscou contemplar a descrição de adolescentes do sexo feminino, que se encontravam em avaliação para psicoterapia e vivenciavam a ausência paterna temporária, acerca de si mesmas, foi possível perceber algumas características próprias da adolescência nestas participantes, tais como a busca por relações de amizade, a prática de esportes, a dependência dos pais e os conflitos familiares. Contudo, também foi possível identificar outras características que talvez denotem algumas particularidades desse grupo de adolescentes entrevistadas, como o desejo de ajudar os outros, de resolver as situações familiares, bem como uma preocupação com o futuro, incluindo planos profissionais bem elaborados. Além disso, pelas próprias

características do contexto de avaliação para psicoterapia, foi possível observar sofrimento psíquico entre essas adolescentes.

Pensa-se que os conflitos familiares mencionados pelas participantes podem estar sendo desencadeados e/ou agravados, dentre outras questões, pela ausência paterna, o que pode também contribuir para os sintomas depressivos e estados emocionais negativos identificados por ela. O desejo de ajudar a própria família a resolver seus problemas talvez seja estimulado pela condição familiar de sobrecarga materna, uma vez que, na ausência do pai (e às vezes até mesmo durante a sua presença) a genitora desempenha as funções parentais. Este contexto propicia que a adolescente também passe a desempenhar tarefas que competem aos pais, como o cuidado dos irmãos, e direcionem sua atenção para a família e os próprios pais, ao invés de se preocuparem com elas mesmas e com suas vivências adolescentes. Talvez esse quadro favoreça a carência afetiva demonstrada por elas, explicando ainda os planos traçados para o futuro como possibilidades de demonstrar o próprio valor para a família, bem como de construir uma trajetória de vida diferente.

Merece consideração ainda a descrição apurada de si mesmas apresentada pelas adolescentes, pressupondo que procuram se conhecer, o que foi confirmado ao longo do processo de avaliação para psicoterapia. Provavelmente essa autoconsciência tenha motivado a busca espontânea por atendimento psicológico, uma vez que reconhecem as próprias dificuldades. Talvez a ausência do pai promova momentos de maior introspecção e vivências que motivam as adolescentes a refletirem sobre si mesmas.

Diante desses achados, sugere-se a realização de novos estudos que abordem a temática da ausência paterna na adolescência, especialmente a ausência de caráter temporário. São necessários estudos comparativos entre filhos que convivem com seus pais e filhos cujos pais estão ausentes emocional e/ou fisicamente, em relação ao desenvolvimento afetivo. Além disso, seria importante estudar o fenômeno aqui focado

no âmbito familiar, isto é, considerando também a percepção dos genitores (pai e mãe) sobre a filha e até mesmo dos irmãos sobre a adolescente. O mesmo poderia ser feito frente a adolescentes do sexo masculino.

A realização de pesquisas brasileiras pode ser útil tanto para a produção de conhecimentos adequados a esse contexto, como também para comparações com a realidade encontrada em outros países. Tais pesquisas podem ainda trazer subsídios para a elaboração de práticas preventivas e educativas junto às famílias que apresentem esta característica, contribuindo para um desenvolvimento infanto-juvenil e familiar mais harmonioso.

4. Considerações Finais da Dissertação

Esse estudo teve como objetivo descrever as percepções de adolescentes sobre a ausência paterna temporária, durante o processo de avaliação para psicoterapia. Mais especificamente, objetivou-se caracterizar expectativas, sentimentos e vivências de adolescentes a respeito da ausência paterna temporária; identificar a percepção das adolescentes acerca da relação pai-filha e mãe-filha, bem como da relação conjugal e entre irmãos, e examinar a percepção das adolescentes quanto ao funcionamento do contexto familiar caracterizado pela ausência paterna temporária. Para atingir esses objetivos, foram analisados relatos das sessões de avaliação para psicoterapia de cinco adolescentes de 13 a 17 anos, sendo contemplados em torno de três relatos de sessões de cada uma delas.

De modo geral, a partir dos resultados encontrados, foi possível perceber, dentre as participantes do estudo, um sofrimento psíquico, expresso principalmente por sentimentos de vitimização e sintomas depressivos e ansiosos. Tal sofrimento pareceu ser mais intenso quanto maior a idade da participante. Talvez pela maior maturidade e pelo desenvolvimento de recursos cognitivos e emocionais, as adolescentes passem a se dar conta de que ambiente as cerca. A procura de ajuda psicológica provavelmente tenha decorrido daí.

Além disso, o estudo mostrou a importância do pai para o desenvolvimento dessas adolescentes, uma vez que a ausência paterna pareceu dificultar a passagem da família para a sociedade (Gomes & Resende, 2004), a partir da falta de interesses e de uma vida social das participantes fora do âmbito doméstico e da falta de referência ao estabelecimento de relações amorosas, por exemplo.

Neste contexto, pode-se constatar que as participantes chamam atenção para reivindicar um olhar do genitor, querendo demonstrar insatisfação não só devido à situação de ausência, como também pela sua presença ausente, marcada pela sua conduta, que, na opinião delas, não é adequada. Além disso, a revolta que sentem em consequência da ausência do pai faz com que projetem todos os seus problemas nele, a partir de queixas frente à situação. Desse modo, foi possível notar também um distanciamento afetivo entre a adolescente e seu pai, à medida que a idade não se aproxima, o que gera uma situação de ausência não apenas física, mas também psicológica/afetiva. Este distanciamento afetivo se deve não só pela ausência do pai, mas também por sua conduta ao retornar para casa, acarretando redução considerável do tempo de convivência familiar. Nesse sentido,

interessante mencionar que esse distanciamento afetivo também foi encontrado na relação da adolescente com sua mãe, entre os pais e os filhos e entre o próprio casal.

Frente à condição de ausência paterna, as adolescentes frequentemente assumem compromissos, tarefas, decisões e problemas a serem resolvidos em casa, como os cuidados dos irmãos. De certa forma, isso faz com que as mesmas assumam responsabilidades precocemente. Tal situação pode ser negativa, à medida que elas não necessariamente apresentam os recursos emocionais próprios para isso. Já da parte dos pais, pode dificultar com que exerçam suas verdadeiras funções e tarefas frente à casa e os filhos. Assim, o único espaço que elas encontraram para serem ouvidas e “cuidadas” pareceu ser o espaço psicoterapêutico, justificando a busca espontânea e a motivação em participar deste processo.

Embora na literatura, não se enfatize uma busca espontânea do adolescente para o processo psicoterápico, neste estudo tal aspecto mostrou-se relevante. Utilizar o espaço psicoterapêutico como forma de investigação científica, podendo acompanhar e entender a dinâmica familiar das adolescentes, também é ponto importante a ser ressaltado, por permitir simultaneamente o acolhimento e o acesso aos dados.

Estes achados reiteram a necessidade de se desenvolver pesquisas que compreendam esta temática, sobre diversos aspectos, a fim de refletir sobre novas possibilidades de intervenção psicológica junto a essa clientela, diante do seu sofrimento psíquico. O próprio contexto psicoterápico poderia ser palco para novas investigações, que contemplassem os processos de mudança psíquica dessas adolescentes a partir do tratamento psicológico, visando verificar alterações nas percepções ora investigadas.

Neste sentido, sugere-se que pesquisas futuras possam também se ocupar da compreensão das repercussões da ausência paterna no próprio pai, na mãe e na relação do casal. Ainda, que possa ser avaliada a qualidade das relações familiares nessa condição, fato ainda pouco explorado em nosso contexto. Diante dos achados, cabe também a realização de novos estudos sobre a temática da ausência paterna temporária decorrente do trabalho, uma vez que a globalização propicia que isso possa ocorrer de forma cada vez mais freqüente.

Como mencionado, o uso de relatos de avaliação para psicoterapia foi considerado positivo, uma vez que imprimiu um caráter clínico, coerente à proposta do Mestrado em Psicologia da UNISINOS. Outro aspecto positivo a ser considerado é o fato de esses relatos propiciarem um grande número de informações. Dentre as limitações do estudo,

destaca-se a não inclusão da mãe e/ou do pai no processo de coleta e análise de dados, embora as mães tenham participado do processo de avaliação. O fato de o estudo se restringir ao período da avaliação para psicoterapia também pode ser considerado uma limitação, pela falta de entendimento acerca do processo terapêutico e seus efeitos nas percepções das adolescentes, como mencionado anteriormente.

De qualquer forma, deve-se levar em conta o caráter inovador da temática e do contexto de coleta de dados, já que não se encontram estudos específicos sobre a ausência paterna temporária e o desenvolvimento do adolescente nessa mesma situação. Pensa-se que estudos nessa área serviriam não apenas para compreender o contexto da ausência paterna temporária, como também para elaborar e implementar intervenções com os adolescentes e seus familiares. Tais intervenções poderiam ter um caráter grupal, uma vez que a troca de experiências agregaria em termos de mudanças e facilitaria o conhecimento da realidade de outras famílias ou a possibilidade de intervenções com grupos multifamiliares.

Além disso, o trabalho em grupo com adolescentes se constitui em uma importante ferramenta, pelo aspecto da identificação.

Enfim, o trabalho procurou entrelaçar, mesmo que de forma seminal, pesquisa e prática, até pelo fato de que estas duas áreas, ao se entrecruzarem, possibilitam uma maior compreensão dessa clientela, com suas características individuais e familiares. O desafio é justamente o seguimento desta trajetória, para que possa auxiliar os profissionais da área da Psicologia na intervenção junto a famílias com essa característica.

5. Referências

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1990) *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A. (1991). A paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas
- Almeida, A. F. F., & Hardy, E. (2007). Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Revista Saúde Pública*, 41 (4), 565-572.
- Andretta, I., & Oliveira, M. S. (2005). A técnica da entrevista motivacional na adolescência. *Psicologia Clínica*, 17 (2), 127-139.
- Aquino, E. M. L., Heilborn, M. L., Knauth, D., Bozon, M. Almeida, M. C., Araújo, J., & Menezes, G. (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: A heterogeneidade dos perfis sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (2), 377-388.
- Assis, S., Avanci, J. Q., Santos, N., Malaquias, J. V., & Oliveira, R. V. C. (2004). Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 16 (1), 43-51.
- Atienzo, D., & Rodriguez, B. (2004). El vínculo y psicopatología em la infância: Evaluación y tratamiento. *Revista de Psiquiatria y Psicología del Niño y del Adolescente*, 4, 82-90.
- Ávila, S. F. O. (2005). A adolescência como ideal social. *Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo, SP, 92-98.
- Balaguer, G. (2005). Violência e adolescência: Uma experiência com adolescentes internos da FEBEM/SP. *Imaginário*, 11(11), 91-109.
- Bello, L. M. (2001). Jovens infratores e a terapia: Uma questão para os “observadores de multiplicidade humana”. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 21(4), 34-43.
- Berthoud, R. (2003). *Multiple disadvantage in employment: A quantitative analysis*. York (United Kingdom): Joseph Rowntree Foundation.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2005). Orientação de pais: Partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto Contexto – Enfermagem*, 14, 64-70.
- Black, M. M., Dubowitz, H., & Stan, R. H. (1999). African american fathers in low income, urban families: Development, behavior and home environment of their three-years-old-children. *Child Development*, 70 (4), 967-978.
- Blos, P. (1996). *A transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bodstein, K., & Arruda, S. L. S. (2006). Fantasias sexuais e edípicas em pré-adolescentes atendidos em grupo de psicoterapia lúdica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58 (1), 58-74.
- Bogaert, A. F. (2005). Age at puberty and father absence in a national probability sample. *Journal of Adolescence*, 28 (4), 541-546.
- Bolles, S. A. (1999). A model of parental representations, adolescent individuation and psychological adjustment in late adolescence. *Journal of Clinical Psychology*, 55, 487-512.
- Borges, A. L.V., & Schor, N. (2005). Trajetórias afetivo-amorosas e perfil reprodutivo de mulheres adolescentes residentes no Município de São Paulo. *Revista de Saúde Materno-Infantil*, 5 (2), 163-170.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. Em: B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.206-221). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161.
- Brown, L. C., & Wright, J. (2001). Attachment theory in adolescence and its relevance to development psychopathology. *Clinical Psychology & Psychopathology*, 8, 15-22.
- Burns, V. E. (2008). Living without a strong father figure: A context for teen mothers' experience of having become sexually active. *Issues in Mental Health Nursing*, 29, 279-297.
- Bustamante, V. (2005a). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10 (3), 393-402.
- Bustamante, V. (2005b). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21 (6), 1865-1874.
- Carlson, M. J. (2006). Nonresident fathers contribution to adolescent well being. *Journal of Adolescence*, 30 (4), 504-520.
- Carmona, J. (2000). *Linha cruzada: A comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Cervený, C. M., & Berthoud, M. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., Williams, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: Revisão da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (2), 83-91
- Channon, S., Smith, V. J., & Gregory, J. W. (2003). A pilot study of motivational interviewing in adolescents with diabetes. *Childhood*, 88 (10), 680-683.
- Coley, R. L. (1998). Children's socialization experiences and functioning in single-mother households: The importance of fathers and other men. *Child Development*, 9, 219-230.
- Coley, R. L., & Medeiros, B. L. (2007). Reciprocal longitudinal relations between non resident father involvement and adolescent delinquency. *Adolescence*, 40 (40), 38-49.
- Coutinho, L. G., Insfrán, F. F. N., Peixoto, M. V., Gomes, R. M., Backes, J. C., Carvalho, H. P., & Oliveira, F. S. (2005). Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 50-56.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Crivelatti, M. M. B., Durman, S., & Hofstatter, L. M. C. (2006). Sofrimento psíquico na adolescência. *Texto Contexto-Enfermagem*, 15, 64-70.
- Cunha, T. F. C. (2006). Facetas do fazer em avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 5 (1), 119-121.
- Daltoso, D., Almeida, A. M., & Panabianco, M. S. (2005). A visão de puérperas adolescentes acerca da atenção pré-natal. *Revista de Enfermagem (UERJ)*, 13 (1), 83-91.
- Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Cadernos de Psicologia e Educação*, 14 (29), 347-357.
- De Antoni, C., & Holler, S. H. (2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Psico*, 31 (1), 3-66.
- Dekovic, M., & Menis, W. (1997). Peer relations in adolescence: Effects of parenting and adolescent's self-concept. *Journal of Adolescence*, 97 (20), 1163-1176.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede de apoio durante as transições familiares decorrentes do nascimento dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.

- Drummond, M., & Drummond, F. H. (1998). *Drogas: A busca de respostas*. São Paulo: Loyola.
- Dubowitz, H., Black, M. M., Coxi, C. E., Kerr, M. A., Litrownik, A. J., Radhakrishna, A., English, D. J., Schneider, M. W., & Runyan, D. K. (2001). Father involvement and children's functioning at age 6 years: A multisite study. *Child Maltreatment, 6* (4), 300-309.
- Dunn, J. (2004). Children's relationships with their nonresident father. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45* (4), 659-671.
- East, L.; Jackson, D., Brien, L. (2006). Father absence and adolescent development: A review of the literature. *Journal of Child Health Care, 10* (4), 283-295.
- Eisler, I., Dare, C. Hodes, M. Russel, G. Dodge, E., & Grange, D. (2000). Family therapy for adolescent anorexia nervosa: The results of a controlled comparison of two family interventions. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry, 41* (6), 727-736.
- Eizirik, M., & Bergann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: Um relato de caso. *Revista de Psiquiatria, 26* (3), 330-336.
- Ellis, B. J., Bates, J. E., Dodge, K. A., Ferguson, D. M., Horwood, L. J., Petti, G. S., & Woodward, L. (2003). Does father absence place daughters at special risk for early sexual activity and teenage pregnancy? *Child Development, 74* (3), 801-821.
- Engle, P., & Breaux, C. (1998). Father's involvement with children: Perspectives from developing countries. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development, 12* (1), 1-23.
- Erikson, E. H. (1987). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Fagan, J. & Iglesias, A. (1999). Father involvement program effects on fathers, father figures, and their Head Start children: A quasi-experimental study. *Early Childhood Research Quarterly, 14*, 243-269.
- Feijó, M. C. C., & Assis, S. G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia (Natal), 9* (1), 157-166.
- Feldman, R., & Klein, P. S. (2003). Toddlers self-regulated compliance to mothers, caregivers and father: Implications for theories of socialization: *Developmental Psychology, 39*, 680-692.

- Felzenswalb, M. (2003). *Partenogênese: Os efeitos da exclusão do pai no desenvolvimento da personalidade e na dinâmica familiar*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Figueira, S. A. (1987). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 31-38.
- Flouri, G., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in children's later mental health. *Journal of Adolescence*, 26, 63-78.
- Fontanella, B. J., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Saturation sampling in qualitative health research: Theoretical contributions. *Cadernos de Saúde Pública*, 24 (1), 17-27.
- Geist, R., Heinmaa, M., Stephens, D., Davis, S. R., & Katzman, D. (2000). Comparison of family therapy and family group psychoeducation in adolescents with anorexia nervosa. *Canadian Psychiatric Association*, 45 (2), 173-178.
- Gomes, A., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 119-125.
- Guariglia, F., Bento, S. F., & Hardy, E. (2006). Adolescentes como voluntários de pesquisa e consentimento livre e esclarecido: Conhecimentos e opinião de pesquisadores e jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, 22 (1), 53-62.
- Hall, W. A. (1994). New fatherhood: Myths and realities. *Public Health Nursing*, 11 (4), 219-228.
- Harper, C. C., & McLanahan, S. S. (2004). Father absence and youth incarceration. *Journal of Research on Adolescence*, 14 (3), 369-397.
- Harvey, M., & Byrd, M. (2000). Relationship between adolescent's attachment styles and family functioning. *Adolescence*, 35, 345-356.
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. de F. (2008). Os lugares de pais e de mães na mídia contemporânea: Questões de gênero. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42 (1), 81-90.
- Hollist, D. R., & McBroom, W. H. (2006). Family structure, family tension, and self-reported marijuana use: A research finding of risky behavior among youths. *Journal of Drug Issues*, 21 (6) 975-998.
- Hurstel, F. (1999). *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas: Papirus

- Jardim, A. P., Oliveira, M. Z., & Gomes, W. B. (2005). Possibilidades e dificuldades na articulação entre pesquisa e psicoterapia com adolescentes. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18 (2), 215-224.
- Jeammet, P., & Corcos, M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: Evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Justo, J. S. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 17 (1), 61-77.
- Lacadée, C. (2006). *O despertar e o exílio na adolescência*. São Paulo: AMP.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25 (3), 883-894.
- Lamb, M. E. (1997). The role of the father in child development. *Journal of Adolescence*, 30, 56-67.
- Lauru, D. (2002). Momentos psicóticos na adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 23 (2), 69-76.
- Lavendowski, L. (1998). A motivacional intervention for adolescent smokers. *Preventive Medicine*, 27, 29-46.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: Uma breve revisão da literatura internacional. *Estudo de Psicologia*, 6(2), 195-209.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), 17-18.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lincourt, P., Kuettel, T., & Bombardier, C. (2002). Motivacional interverwing in group setting with mantadet clients. *Addictive Behaviors*, 27 (3), 381-391.
- Lyra, J. L. L. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. Em: A. Aberastury & M. Knobel (Orgs.), *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (pp.24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Maas, T. (2006). *O processo de transição do ser adolescente hospitalizado com doença crônica sob a ótica da enfermagem*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Mandara, J., Murray, C. B., & Joyner, T. N. (2005). The impact of fathers' absence on african american adolescents' gender role development. *Sex Roles*, 53, 207-220.
- Marques, A. C. P. R., & Cruz, M. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista de Psiquiatria*, 22 (2), 32-36.
- Marshall, D. B., English, D. J., & Stewart, A. J. (2001). The effects of father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. *Child Maltreatment*, 6 (4), 290-299.
- Marsuglia, R. M. G. (2001). *Saúde mental e cidadania*. São Paulo: Mandacaru
- Marturano, E. M., Elias, L. C. S., & Campos, M. A. S. (2004). O percurso entre a meninice e a adolescência: Mecanismos de vulnerabilidade e proteção. Em E. M. Marturano, M. B. M. Linhares, & S. R. Loureiro (Orgs.), *Vulnerabilidade e proteção: Indicadores na trajetória de desenvolvimento escolar* (pp. 251-288). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matos, M.; Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens de camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9 (1), 21-33.
- McCambridge, J., & Strang, J. (2004). The efficacy of single-session motivacional interviewing in reducing drug consumption and perceptions of drug-related risk an harm among Young people: Results from a multi-site cluster randomized trial. *Addiction*, 99 (1), 39-52.
- Monteiro, M. C. N., Cabral, M. A., & Jodelet, D. (2005). A construção do ser adolescente e o cenário das violências domésticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4 (1), 161-170.
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J. B., Camino, L., & Cruz, L. (2007). Socialização parental e valores: Um estudo com adolescentes. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 20 (1), 167-177.
- Moreira, T. M., Viana, P. S., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem, USP*, 42 (2), 312-320.
- Minuchin, S. (1976) *Techniques of Family Therapy*. Nova York: Guilford Press.
- _____ (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Muzza, G. M., & Costa, M. P. (2002). Elementos para a elaboração de projeto de promoção à saúde: O olhar dos adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 18 (1), 321-328.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Osório, L. C. (1996). *O Enigma da esfinge*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. (2003). *Adolescer: Estudos revisados sobre adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. 8ed. Porto Alegre: Artmed.
- Paschall, M., Ring, C. L., & Flewelling, R. L. (2003). Effects of parenting, father absence and affiliation with delinquent peers on delinquent behavior among african american male adolescent. *Adolescence*, 38 (149), 15-34.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento acadêmico. *Análise Psicológica*, 22 (1), 235-244.
- Pelegrina, S., Garcia-Linares, M. C., & Casanova, P. F. (2003). Adolescents and their parent's perceptions about parenting characteristics. Who can better predict the adolescent's academic competence? *Journal of Adolescence*, 26, 651-665.
- Penso, M. A., & Sudbrack, M. F. (2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. *Psico USP*, 15 (3), 29-54.
- Pereira, S. E. F. N., & Sudbrack, M. F. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 151-159.
- Peruchi, J., & Beirão, M. (2007). Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19 (2), 57-69.
- Piccinini, C., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. S. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 17 (3), 303-314.
- Pinzon, V.; Gonzaga, A. P., Cobelo, A. Labaddia, E., Beluzzo, P., & Fleitlich-Bilyk, B. (2004). Peculiaridades do tratamento da anorexia e da bulimia nervosa na adolescência: A experiência do PROTAD. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31 (4), 167-169.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia-Cadernos de Psicologia e Educação*, 17, 103-114.

- Preto, G. N. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência Em: B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.223-245). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramires, V. R. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ramires, V. R. R. (2004). As transições familiares: A perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), 183-193.
- Rey, F. L. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- Roerhrs, H. (2006). *As relações interpessoais entre professor e estudante adolescente sustentadas no referencial da comunicação terapêutica*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Paraná.
- Romaro, R. A., & Capitão, C. G. (2003). Caracterização da clientela da clínica-escola de Psicologia da Universidade de São Francisco. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5 (1), 111-121.
- Rosa, L. W. da. (2004). A questão do pai na adolescência. Em R. B. Graña & A. B. S. Piva (Orgs.), *A atualidade da psicanálise de adolescentes: Formas do mal-estar na juventude* (pp.173-180). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saito, M. I. (2000). Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. *Pediatria*, 22 (3), 221-229.
- Sample, S., & Kadden, R. (2001). *CYT: Cannabis Youth Treatment: DHHS Publication*. Recuperado em novembro, 10, 2009, de <http://www.kap.samhsa.gov/products/manuals/cyt/>
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 57-66.
- Schneider, B. H., Athinson, L., & Tardif, C. (2001). Child-parent attachment and children's peer relations: A qualitative review. *Developmental Psychology*, 37, 86-100.
- Schimidt, F. (2007). *Adolescentes privados de liberdade: A dialética dos direitos conquistados e violados*. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Sieber, D. (2008). Engaging absent fathers in the treatment of children. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 36 (3) 333-340.

- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 561-573.
- Siminonato-Tozo, S. M. P., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8 (14/15), 137-150.
- Singly, F. (2000). *Família e individuação*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Soldatelli, M. I. S. (2007). *Adolescentes em risco social: A expressão dos processos de identificação no método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de São Paulo.
- Souza, R. M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: Um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 203-211.
- Steinberg, J. S. L., Morris, A. S., Sena, F. M., Averevoli, S., & Essex, M. J. (2001). Temperamental vulnerability and negative parenting as interacting predictors of child adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64 (2), 461-471.
- Straube, K. M., Goncalves, M. P., & Centra, M. L. (2003). A percepção dos filhos sobre o divórcio dos pais. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 5 (3), 173-184.
- Teixeira, E. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. *Texto Contexto Enfermagem*, 15 (1), 162-163.
- Tevyaw, T., & Monti, P. (2004). Motivational enhancement and other brief interventions for adolescent substance abuse: Foundations, applications and evaluations. *Addiction*, 2 (1), 63-75.
- Thomas, P.; Krampe, E., & Newton, R. (2008). Father presence, family structure, and feelings of closeness to the father among adult african american children. *Journal of Black Studies*, 38 (4), 529-546.
- Tither, J., & Ellis, B. J. (2008). Impact of fathers on daughters age at menarche: A genetically and environ mentally controlled sibling study. *Developmental Psychology*, 44 (5), 1409-1420.
- Trindade, Z. A., & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: Vivências e significação. *Estudos Psicologia (Natal)*, 7 (1), 15-23.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.

- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39, 507-514.
- Valla, V. V. (1999). Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (2), S7- S14.
- Veríssimo, M. F. (2007). Gravidez em adolescentes de uma unidade municipal de saúde em Fortaleza. *Revista Enfermagem*, 11 (3), 445-451.
- Young, R. A., Friesen, J. D., & Pearson, H. M. (1998). Activities and interpersonal relations as dimensions of parent behavior in the career development of adolescents. *Youth & Society*, 20, 29-45.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. O. B., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: Um desafio frente à diversidade. *Revista Textos e Contextos* (Porto Alegre), 7 (1), 88-97.
- Waidman, M. A. P., Jouclas, V. M. G., & Stefanelli, M. G. (1999). Família e doença mental. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 1 (1), 27-32.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (1994). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

Anexo A

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica

Ficha de Dados Demográficos das Participantes e de sua Família

Iniciais do nome: _____ Idade: ____ anos
Data de nascimento: __/ __/ _____ Escolaridade:

Ocupação: _____ Religião: _____
Posição entre os filhos: _____ Número de irmãos: _____
Idade e sexo dos irmãos: _____
Com quem vive? _____
Idade da mãe: ____ anos Idade do pai: ____ anos Tempo de casamento: ____ anos
Escolaridade da mãe: _____
Escolaridade do pai: _____
Ocupação da mãe: _____
Ocupação do pai: _____
Tempo de permanência do pai fora de casa: ____ meses por ano
Tempo de trabalho nessa profissão: _____ anos/meses/semanas
Data do último afastamento do pai: __/ __/ _____ Data do retorno: __/ __/ _____
Data da primeira entrevista de avaliação: __/ __/ _____

Anexo B

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sua filha está sendo convidada a participar de um estudo científico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS, que tem por objetivo conhecer a percepção das adolescentes quanto à ausência paterna temporária, em função da profissão.

Antes de aceitar a participação dela na pesquisa, é importante que você saiba do que trata o estudo. Portanto, leia atentamente as explicações que seguem, que informam sobre como o estudo será realizado. Serão utilizados no presente estudo os dados referentes às sessões de avaliação para psicoterapia. Para tanto, essas sessões serão gravadas. As informações obtidas serão analisadas de acordo com o objetivo proposto nesse estudo e mantidas em sigilo em um banco de dados.

O consentimento não reverterá em nenhum custo para você e para a sua filha, mas também não lhe trará nenhum privilégio ou remuneração. Da mesma forma, você tem a liberdade e o direito de optar pela não participação de sua filha e não terá prejuízo algum por tal decisão, nem no tratamento psicológico que ela por ventura vier a realizar. O consentimento é completamente voluntário e a qualquer momento você ou sua filha poderão optar por deixar de participar do estudo.

Cabe ressaltar que a pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto a ela e não há riscos importantes envolvidos. Sua filha receberá um número de identificação no estudo, para que o nome seja mantido anônimo nos formulários. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados em revistas científicas, a identificação pessoal será preservada.

Você poderá esclarecer suas dúvidas entrando em contato com a professora orientadora do estudo, Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski, na Unisinos, pelo telefone 35911100, ramal 2228.

A autorização para a participação de sua filha nessa pesquisa dependerá de sua assinatura ao presente Termo, emitido em duas vias, uma que será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, que ficará com você.

Ilciane Maria Sganzerla
Pesquisadora- CRP 07/16675

Declaração de Consentimento

Confirmando ter conhecimento do conteúdo desse termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a participação de minha filha nessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

_____, ____ de _____ de 200__.

Responsável pelo participante da pesquisa
CI: _____

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar de um estudo científico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS, que tem por objetivo conhecer as percepções das adolescentes em relação à ausência paterna temporária, em função da profissão.

Antes de aceitar participar da pesquisa, é importante que você saiba do que trata o estudo. Portanto, leia atentamente as explicações que seguem, que informam sobre como o estudo será realizado. A sua participação implica em aceitar que os dados relatados por você nas sessões de avaliação para psicoterapia sejam também utilizados nesse estudo. Para tanto, essas sessões serão gravadas para posterior análise. Você poderá se recusar, caso este consentimento represente algum constrangimento para você. As informações obtidas serão analisadas de acordo com o objetivo proposto nesse estudo e mantidas em sigilo em um banco de dados.

Tal participação na pesquisa não terá nenhum custo para você, mas também não lhe trará nenhum privilégio ou remuneração. Da mesma forma, você tem a liberdade e o direito de optar pela não participação e não terá prejuízo algum por tal decisão, nem no tratamento psicológico que por ventura vier realizar. A participação é completamente voluntária e a qualquer momento você poderá optar por deixar de participar do estudo.

Cabe ressaltar que a pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto a você e não há riscos importantes envolvidos. Você receberá um número de identificação no estudo para que o nome seja mantido anônimo nos formulários. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados em revistas científicas, a identificação pessoal será preservada.

Você poderá esclarecer suas dúvidas entrando em contato com a professora orientadora do estudo, Profª. Dra. Daniela Centenaro Levandowski, na Unisinos, pelo telefone 35911100, ramal 2228.

A autorização para a sua participação nessa pesquisa dependerá de sua assinatura ao presente Termo, emitido em duas vias, uma que será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, que ficará com você.

Ilciane Maria Sganzerla
Pesquisadora- CRP 07/16675

Declaração de Consentimento

Confirmo ter conhecimento do conteúdo desse termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a participação nessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

_____, ____ de _____ de 200__.

Participante da pesquisa
CI: _____

Anexo C